

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL  
MESTRADO ACADÊMICO

AMANDA CORRÊA ROCHA

**ESCRITORAS DO FIM DO MUNDO: ESCRITAS FEMINISTAS EM REDES  
SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Porto Alegre

2022

AMANDA CORRÊA ROCHA

**ESCRITORAS DO FIM DO MUNDO: ESCRITAS FEMINISTAS EM REDES  
SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentado  
ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Social e Institucional do Instituto de Psicologia da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Soares  
Maurense.

Porto Alegre

2022

## RESUMO

Dado o cenário atual de pandemia em decorrência do vírus Sars-CoV-2, o novo coronavírus, e o governo conservador e de extrema direita eleito em 2018, foi necessário atualizar a forma como nos relacionamos e vivemos em sociedade. Uma das medidas adotadas como prevenção de contágio do coronavírus foi o distanciamento social, levando diversas pessoas a retornarem ao ambiente doméstico. Outros, entretanto, continuaram trabalhando, com um grande risco de exposição ao vírus. Situações como a precarização do trabalho, desemprego, solidão, dificuldade de acesso a serviços de saúde e aumento da violência de gênero e doméstica foram-se acumulando e foi preciso encontrar formas de acolhimento e redes de apoio. As redes sociais pareceram ser um espaço muito potente para esse encontro, em que diversas mulheres passaram a ocupar esse território para contar suas histórias e de outras e também buscar formas de resistir em tempos tão sombrios. As escritas de mulheres que seguem essa linha são aqui entendidas como escritas feministas, por serem constituídas de forma posicionada e política. Assim, a partir da indagação “*como as escritas feministas em redes sociais se atualizam em processos de resistência?*” Esse trabalho objetiva cartografar escritas feministas em redes sociais no Brasil considerando o contexto político e pandêmico em que vivemos; bem como analisar como essas escritas resistem em redes sociais de forma a desestabilizar modos de agir, pensar e viver. Como metodologia, optou-se por seguir uma ética cartográfica, a fim de habitar os territórios das redes sociais a partir dos planos dos afetos junto à escrita de um diário íntimo de campo. Além disso, a dissertação se orienta a partir de epistemologias feministas e decoloniais e utilizou como paradigmas os conceitos de interseccionalidade (COLLINS, 2017), diferença (BRAH, 2006) e essencialismo estratégico (SPIVAK, 1996). Assim, procurou-se fazer uma coleta de escritas feministas nas redes sociais por mulheres que foram aqui intituladas como Escritoras do Fim do Mundo. Nessas escritas, temas da atualidade, situações que vinham acontecendo no Brasil e no mundo - como o silenciamento, o genocídio da população indígena e preta, as pressões estéticas - eram abordadas a partir de um viés interseccional. Percebeu-se, nessas escritas, relatos, testemunhos e depoimentos a potência de contar e narrar histórias nesses ambientes, visto que assim possibilitam novas formas de atualizar processos de resistência. Além disso, também se observou a influência da governamentalidade algorítmica no ativismo das redes sociais. É preciso que as mulheres, a partir de uma escrita ético-política feminista, ocupem os espaços necessários e estratégicos para que sejam escutadas e subvertam, assim, os discursos ocidentais de histórias voltadas para um mito falocêntrico (HARAWAY, 2019). Nesse sentido, aponta-se, além da importância de se contar histórias e transmiti-las para outras mulheres, também a relevância da formação de parentescos com espécies companheiras (HARAWAY, 2016b), para romper as fronteiras entre o humano e o não-humano e habitar futuros possíveis em que o planeta possa se reconstituir dos danos causados nos últimos tempos.

**Palavras-chave:** Escrita; Feminismos; Redes Sociais; Pandemia.

## ABSTRACT

Given the current pandemic scenario due to the Sars-CoV-2 virus, the new coronavirus, and the conservative and extreme-right government elected in 2018, it was necessary to update the way we interact and live in society. One of the measures adopted to prevent the spread of the coronavirus was social distancing, leading several people to return to the home environment. Others, however, continued to work, with a high risk of exposure to the virus. Situations such as the precariousness of work, unemployment, loneliness, difficulty in accessing health services and an increase in gender and domestic violence were accumulating and it was necessary to find ways of reception and support networks. Social networks seemed to be a very powerful space for this scenario, in which several women began to occupy this territory to tell their stories and others and also seek ways to resist in such dark times. The writings of women who follow this thinking are understood here as feminist writings, as they are constituted in a positioned and political way. Thus, from the question "how do feminist writings in social networks update themselves in processes of resistance?" This work aims to map feminist writings in social networks in Brazil considering the political and pandemic context in which we live; as well as analyze how these writings resist in social networks in order to destabilize ways of acting, thinking and living. As a methodology, we chose to follow a cartographic ethics, in order to inhabit the territories of social networks from the planes of the affections together with the writing of an intimate field diary. In addition, the dissertation is guided by feminist and decolonial epistemologies and used as paradigms the concepts of intersectionality (COLLINS, 2017), difference (BRAH, 2006), and strategic essentialism (SPIVAK, 1996). Thereby, we sought to collect feminist writings on social networks by women who were here entitled as Writers of the End of the World. In these writings, current issues, situations that were happening in Brazil and the world - such as silence, the genocide of the indigenous and black population, aesthetic pressures - were approached from an intersectional point of view. We realized in these writings, reports, testimonies and depositions the power of telling and narrating stories in these environments, as they enable new ways of updating processes of resistance. In addition, the influence of algorithmic governmentality on social media activism was also observed. It is necessary that women, based on feminist ethical-political writing, occupy the necessary and strategic spaces so that they are heard and, thus, subvert Western discussions of stories focused on a phallogocentric myth (HARAWAY, 2019). In this sense, in addition to the importance of telling stories and transmitting them to other women, there is also the relevance of making kin with companion species (HARAWAY, 2016b), to break the boundaries between the human and the non-human and inhabit possible futures in which the planet can recover from the damage caused in recent times.

**Keywords:** Writing; Feminisms; Social networks; Pandemic.

## AGRADECIMENTOS

Não é à toa que tenho marcada em minha pele a palavra 'gradidão', que hoje em dia, apesar de ser utilizada de forma saturada, me lembra a importância de considerar experiências e trajetórias como um processo coletivo. Nesse sentido, gostaria de iniciar agradecendo à pessoa que esteve presente, lado a lado, do início ao fim do Mestrado: minha querida orientadora Vanessa Soares Maurense. Desde que cheguei em Porto Alegre, em 2019, teve a delicadeza e gentileza de estabelecer uma relação próxima e acolhedora - sempre escutando minhas ideias e encorajando para que eu escrevesse sobre algo que me afetasse, que me colocasse no texto, por mais difícil e estranho que pudesse ser. Vanessa foi a responsável por eu ressignificar minha relação com a escrita e entender que é possível realizar um trabalho acadêmico político e íntimo. Tenho muita sorte de ter como orientadora uma pessoa tão incrível quanto você!

Junto a isso, também considero importante lembrar as professoras e professores que cruzaram meu caminho nesses últimos anos e que muito aprendi. Agradeço às professoras Paula Sandrine Machado e Marcia Oliveira Moraes, por terem aceitado ao convite de comporem a banca desde a qualificação e pelas ricas contribuições que pude adicionar à dissertação até a presença que permanece no momento da defesa. Também agradeço à professora Marta Mourão Kanashiro pelo aceite para compor a banca de defesa. Além disso, também recordo com muito carinho e gradidão à professora Cleci Maraschin, que acompanhou de perto também todo o processo de escrita e sempre se mostrou acolhedora e com ótimas contribuições para meu trabalho, bem como ao professor Luis Arthur Costa, que através do Oficinando em Rede/NUCOGS também se fez presente em minha trajetória. Também não posso deixar de lembrar da professora Marcele da Rosa Zucolotto, que foi a primeira pessoa a acreditar que eu conseguiria passar no Mestrado, além de prestar todo o apoio durante o processo seletivo.

Dito isto, também gostaria de agradecer ao grupo de pesquisa Oficinando em Rede/NUCOGS que me recebeu de braços abertos desde o início do Mestrado e que foi onde tive a oportunidade de me encontrar enquanto pesquisadora. Também, agradeço ao grupo de orientação que através dos encontros semanais nas noites de segunda-feira tornaram a escrita da dissertação um processo menos solitário: Thais (que também foi uma grande parceira para compartilhar as angústias e alegrias do

Mestrado, além de bons drinks!), Camila, Lucas, Luana, Daniel, Lais, Celvio e Nithiane. Lembro também da minha turma de Mestrado, que infelizmente por conta da pandemia a convivência se deu em grande parte no virtual, porém o curto período de companhia presencial já me deixou muito grata por ter conhecido pessoas com propósitos ético-políticos tão importantes para a Psicologia Social. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - pela bolsa de Mestrado.

Agradeço infinitamente à minha mãe, meu pai e meu irmão, as pessoas que mais amo no mundo, por serem tão importantes também nesse período: mesmo afastados por conta da pandemia e cidades diferentes, sempre estiveram presentes afetivamente, além de me apoiarem incondicionalmente durante todo esse período. Vocês são, sem dúvida, minha maior inspiração para seguir meus sonhos e atingir meus objetivos. Também agradeço ao restante da minha família - avós, tios, primos, padrinhos -, além das minhas amigas e amigos, tanto os laços que continuam em Santa Maria, quanto os que fiz e fortaleci em Porto Alegre foram essenciais para continuar motivada e interessada em produzir pesquisa e ciência no Brasil nos tempos atuais. E, inspirada na importância de fazermos parentescos com as espécies companheiras, não posso deixar de lembrar dos meus companheiros caninos: Ziggy, Frida e, principalmente Diego que fez de sua companhia desde 2021 elemento fundamental para atravessar o período pandêmico de forma mais suportável possível.

Por fim, quero dedicar esse trabalho a todas as mulheres que passaram por minha vida direta ou indiretamente, sejam familiares, amigas, colegas, professoras, escritoras, pesquisadoras: essa escrita é sobre e para vocês.

*“Aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras,  
revolucionárias do cotidiano, regando a terra outrora batida por nossas antepassadas,  
firmando nossas pegadas,  
sabendo que hoje, cada vez que nossa fala se propaga, equivale a dez que antes foram  
silenciadas.  
Mulheres de uma geração atrevida,  
filhas dos saraus e das batalhas de poesia  
alquimistas, libertárias,  
propagandistas da oralidade  
compartilhando nossas travessias,  
bradando nossa realidade!  
Sempre semeando essa terra verbo fértil  
perpetuando nossa existência através de versos,  
escrevendo quantos poemas manifestos forem necessários por dia pra cada vida  
interrompida  
ter mais valia  
Não mais invisíveis,  
não mais mercadoria  
Se querem nos privar,  
ocuparemos espaços  
Se querem nos apagar,  
escreveremos livros  
Se querem nos calar,  
vamos falar mais alto!”  
Mel Duarte, 2019.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Como denunciar uma publicação do Instagram.....	47
Figura 2 - Publicação de @winniebueno.....	79
Figura 3 - Story de @pollyoliveirareal.....	81
Figura 4 - Story de @pollyoliveirareal.....	82
Figura 5 - Story de @pollyoliveirareal.....	83
Figura 6 - Story de @pollyoliveirareal.....	83
Figura 7 - Story de @manuelaxavier.....	84
Figura 8 - Story de @manuelaxavier.....	84
Figura 9 - Story de @manuelaxavier.....	85
Figura 10 - Story de @pollyoliveirareal.....	87
Figura 11 - Pesquisa feita pela autora na ferramenta de busca da Google.....	88
Figura 12 - Publicação feita pela conta @transcomunista.....	89
Figura 13 - Story de @manuelaxavier.....	92
Figura 14 - Publicação feita na conta @arteamare.....	95
Figura 15 - Publicação feita na conta @midianinja.....	100
Figura 16 - Publicação feita na conta @celia.xakriaba.....	102
Figura 17 - Publicação feita na conta de @katumirim.....	104

## SUMÁRIO

Notas introdutórias: você lembra onde estava quando o fim do mundo começou? .	10
Caminhos metodológicos: a trajetória de uma escritora-pesquisadora, viajante-explorada e cartógrafa-feminista .....	18
Uma carta para escritoras latino-americanas em tempos de pandemia.....	27
Escritas feministas e resistência: virtualização e tecnopolítica.....	35
“O íntimo é político”: potências e silenciamentos em escritas feministas .....	44
(pausa) “Mas quem são essas mulheres?” interpelações entre o uso do íntimo enquanto político e a categoria Mulher .....	57
Sobre o medo de mergulhar em águas desconhecidas e a potência de contar histórias.....	64
Quando o silenciamento mata: necropolítica, racismo e branquitude nas redes sociais .....	73
“Quem ganha quando uma de nós se cala?”: reverberando o que escritas feministas em redes sociais nos ensinam sobre (r)existência.....	78
Tem alguém me ouvindo enquanto grito? estratégias e reflexões possíveis para seguir resistindo.....	99
Considerações finais: é difícil se despedir de um texto.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	111

## Notas introdutórias: você lembra onde estava quando o fim do mundo começou?

*“Mil nações  
Moldaram minha cara  
Minha voz  
Uso pra dizer o que se cala  
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala  
O meu país  
É meu lugar de fala”  
(Elza Soares - O que se cala)*

Querida leitora, vamos voltar no tempo? Não se preocupe, é um passado não tão distante, mas que constitui um marco bem importante na sua, na minha e na vida de (quase) qualquer indivíduo que habita o planeta Terra. Estamos em março de 2020. Você recebe uma notificação. Ali pela tela de seu celular um *site* de notícias anuncia: “OMS declara pandemia de coronavírus”<sup>1</sup>. Outra notificação: sua amiga manda uma mensagem perguntando: “Você viu? Declararam pandemia! Vão fechar tudo!”. Mais uma notificação: A universidade em que você estuda comunica que fechará por três semanas. É, parece sério. Por fim, uma ligação de seus pais perguntando quando voltará para casa, pois está tudo muito perigoso.

Foi mais ou menos assim que esse período que hoje já dura um ano e meio começou para mim. Encontrava-me morando há menos de um ano sozinha em uma cidade bem maior do que eu estou acostumada, ainda com aquela ânsia e entusiasmo de viver tudo que esses novos territórios poderiam me oferecer para então precisar me contentar em habitar um apartamento que não só guardasse meus itens pessoais como também fosse capaz de suportar todos sentimentos, sensações e angústias de um corpo vivenciando uma pandemia. Também me encontrava em um período inicial de mestrado ainda confusa com os rumos que o projeto tomaria. Com o avanço dos casos de contaminação por COVID-19, uma sensação de incerteza do que estava por vir e o (não tão) inacreditável despreparo do governo para lidar com tudo isso, logo percebi que não poderia deixar de registrar e denunciar o que estava (e continua) acontecendo em nosso país.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 28/06/2021.

Aquelas primeiras três semanas de isolamento em 2020 passaram, e conforme cada mês terminava, mais percebia que o possível fim da pandemia era como um horizonte distante e intocável. Nas redes sociais ou em conversas com pessoas próximas frequentemente se ironiza que estamos vivendo o Apocalipse, o fim do mundo. É difícil escrever quando não se tem uma perspectiva de futuro, quando grande parte do que encontramos nos meios de comunicação envolvem mortes e um presidente incompetente. Percebi, então, com a pandemia, que minha relação com a escrita e esse entrave para escrever tem história, passado e memória. Não me entenda mal, prezada leitora, eu amo escrever! Mas escrever dói, como já afirmava Conceição Evaristo (2005).

Digo isso, pois meu trabalho, este que afirmo ser sobre escritas feministas, passou por diversas atualizações desde que o pensei pela primeira vez, lá em 2019. Primeiro, compreender o que entenderia por escrita, para além de textos literários ou científicos publicados de forma física, mas que a escrita pode ser encontrada em muros, portas de banheiros, livros de receitas, cartas e, por que não, em páginas da internet, mais especificamente onde me debruçarei: em redes sociais. Segundo, o meu encontro com os estudos de gênero e o feminismo que se deu em um processo a parte, desde meu entendimento enquanto mulher branca, latina, classe média e cisgênero até a compreensão e defesa de um feminismo que só fará sentido para mim sendo interseccional e de(s)colonial.

*“Se eu escrevesse um texto em 2019 sobre a pandemia de um vírus cujo alto potencial de contaminação exigiria uma espécie de quarentena quase compulsória em todos os países a nível de fechar todo o comércio e espaços de circulação causando um colapso econômico incalculável talvez você achasse uma grande distopia. Se nessa escrita eu adicionasse que esse vírus, até agora, já contagiou aproximadamente 16 milhões de pessoas ao redor do mundo e mais de 600.000 pessoas morreram talvez achasse trágico demais. Se eu também contasse que há mais de cinco meses não abraço meus pais, visito meus avós ou apenas me encontro para jogar conversa fora com meus amigos talvez você achasse uma fábulação um tanto melancólica. Eu também acharia. Mas não é. A minha experiência perante o coronavírus na verdade não tem sido tão avassaladora quanto a de muitas pessoas. Mas ela já gerou marcas permanentes na minha vida. Viver um período em que não é possível nem pensar sobre futuro é angustiante demais.” (diário íntimo de campo - 28/07/2020).*

Ficar isolada dentro de casa com os próprios pensamentos ou precisando reinventar a relação com as pessoas com quem divide a casa pode ser extremamente difícil e angustiante, e se pensarmos nas diversas pessoas que

sofreram e continuam sofrendo violências dentro do ambiente doméstico torna-se uma experiência aterrorizante. Também pode ser muito assustador fazer parte da parcela da população que não possui a escolha de ficar em casa e precisa trabalhar na rua correndo diversos riscos para si e as pessoas com quem convive. A questão é que escrever dói, mas também pode curar e contar o que estamos vivendo se tornou um movimento muito importante para diversas pessoas.

Como pensar em escritas feministas em redes sociais então? Gostaria de partir do pressuposto que as mulheres sempre escreveram, seja por cartas, livros de receitas, poemas até chegarmos a uma possibilidade mais recente e localizada que é a escrita em redes. A escrita neste âmbito é então *virtualizada* para além de se encontrar nos meios digitais, mas pensando em uma perspectiva deleuziana em que não possui um espaço-tempo específico. A passagem de uma escrita feminina, que também foi considerada para esse trabalho, para uma escrita feminista acontece de forma a pensar que nem toda escrita feminina é feminista e vice-versa. Pensar em uma escrita feminista significa a entender então como um projeto ético e político. Para isso, também me ancoro na Teoria Queer com Paul Preciado (2011) e sua reflexão sobre o sujeito político do feminismo moderno, o qual não mais se interessa em concepções unitárias e hegemônicas, antes defendidas por um sujeito colonial, branco, sem recorte de classe e dessexualizado.

Grada Kilomba (2019) entende a escrita como um ato político e de descolonização onde quem escreve contesta a posição colonial do que seria um(a) escritor(a) validada(o) e legitimada(o) e no momento em que se reinventa passa a nomear uma realidade que anteriormente era nomeada erroneamente ou nem era nomeada. É uma forma de narrar a própria realidade e tornar-se autoridade de sua própria história.

Localizando ainda estas escritas feministas em redes sociais no Brasil, isto é, um país latino, colonizado e do Sul Global tomo o que Deepika Bahri (2013) fala sobre feminismo pós-colonial, entendendo que as questões de gênero são inseparáveis da crítica pós-colonial e que os debates do feminismo pós-colonial se centram em diferentes modos de ler o gênero, seja no mundo, na palavra e no texto. Referencio esse trecho por compreender que, ao localizar essa escrita feminista no Brasil, é imprescindível que ela perpasse por uma interseccionalidade entre outros marcadores sociais da diferença como raça e classe.

Nesse sentido, este trabalho se delinea a partir da indagação: *como as escritas feministas em redes sociais se atualizam em processos de resistência?* Partindo deste ponto, objetiva cartografar escritas feministas em redes sociais no Brasil considerando o contexto político e pandêmico em que vivemos, bem como analisar como essas escritas resistem em redes sociais de forma a desestabilizar modos de agir, pensar e viver.

Sendo assim, gostaria de situar a escrita feminista como esse processo de escrever e narrar histórias a partir de um projeto ético-político que não conste apenas a escrita dessa sujeita política feminista, mas as discussões que essa pessoa se propõe a fazer. Essa escolha perpassa o entendimento de que, há muitos séculos, as mulheres são silenciadas de diversas formas a partir de discursos biológicos, filosóficos, morais e religiosos. É importante ressaltar que essa condição se produz por uma intersecção de opressões como raça, sexualidade e classe e dessa forma mostra-se necessário o entendimento da categoria mulher para além de algo universalizante e binário.

Atualmente, com o crescente uso de redes sociais, blogs e outras plataformas digitais, é possível perceber o processo de autoria de forma mais ampla: não é necessário ter livros publicados para escrever a partir de um processo autoral, para narrar a si mesma; o reconhecimento pode se dar, de forma global, no ambiente digital. Além disso, é possível notar a crescente quantidade de conteúdo produzido por mulheres que se voltam para temáticas de feminismo, questões de gênero, corpo e sexualidade, além de redes de apoio mútuo que utilizam de recursos como depoimentos e testemunhos de experiências.

Mesmo sendo um espaço que cada vez mais adquire usuários e se torna acessível para pessoas de diferentes classes sociais, a internet e a utilização das redes sociais ainda abrange um recorte específico: segundo dados do IBGE<sup>2</sup> de 2018, aproximadamente 80% da população brasileira faz uso da internet. Já a nível global<sup>3</sup>, dados apontam que até o final de 2019 aproximadamente 53,6% da

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#:~:text=Entre%20os%20brasileiros%20com%2010,per%C3%ADodo%20de%20refer%C3%A4ncia%20da%20pesquisa>>. Acesso em 23/05/2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711#:~:text=O%20uso%20da%20Internet%20continua,continua%20exclu%C3%ADdas%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20online>>. Acesso em 23/05/2020.

população mundial tinha acesso a internet sendo que 52% da população feminina global não utilizava a internet. Dentro disso, países chamados “menos desenvolvidos” correspondem a apenas 20% dessa estimativa. Não foi possível encontrar dados que se referem a utilização de redes sociais e blogs relacionada ao gênero, mas podemos sim pensar que mulheres são essas que estão nas redes sociais e blogs e em nome do que e quem elas falam.

Nesse sentido, situar a pesquisa de escritas feministas nas redes sociais também parte de um lugar específico, isto é, ocupado por um grupo de mulheres com acesso às plataformas digitais, em que se pode entender as escritas feministas como um saber localizado que se atualiza em movimentos de resistência. Donna Haraway (1995) compreende saber localizado como uma objetividade feminista, corporificada onde apenas a perspectiva parcial ofereceria uma visão objetiva. Assim, trata-se de compreender a localização limitada e o conhecimento localizado em que o indivíduo se encontra e superar a dicotomia sujeito-objeto. A autora dessa forma faz uma crítica a toda ciência que confere sua validade a partir do relativismo e a totalização, considerando que a partir das perspectivas parciais que se encontra a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva e racional. Com isso, também argumenta a favor de uma objetividade que se permita a contestações, desconstruções e principalmente ao posicionamento como prática-chave e responsabilização por nossas práticas capacitadoras. Essa posição, portanto, diz respeito a uma vulnerabilidade, uma resistência à política de fechamento ou finalidade e uma compreensão de que não há ponto de vista feminista único.

Compreendo a escrita feminista, portanto, como esse saber localizado que parte do lugar específico que essas escritoras falam quando narram suas histórias ou a histórias de outras mulheres e compreender a particularidade que as redes sociais oferecem para essa circulação de palavra e as diferentes conexões e contestações que podem haver. Nesse sentido, retomo uma figuração<sup>4</sup> breve que escrevi em 2020, logo no início da pandemia, a qual intitulei “Escritoras do Apocalipse - A Consciência™”:

---

<sup>4</sup> Conceito criado por Donna Haraway (1997) para se pensar em narrativas que se configuram enquanto “imagens performáticas que podemos habitar” (HARAWAY, p.11, 1997), isto é, situações que são criadas a fim de gerar deslocamentos em discursos hegemônicos e normativos.

*“Desde a pandemia do COVID-19 em 2020, que resultou em um colapso mundial, o planeta Terra percebeu que não era mais possível um mundo governado por homens e que permitisse que a história fosse contada (principalmente) por eles. Por conta da grande preocupação com a economia, milhões de pessoas foram afetadas pelo vírus, que continua em mutação até hoje, e isso levou a um isolamento definitivo onde o contato físico entre seres humanos é quase inexistente. Com isso foi realizada a I Conferência Pelo Planeta Contra a Pandemia, de forma totalmente online e aberta para quem pudesse assistir, a fim de pensar alternativas para esse Novo Mundo que se formava. A primeira medida foi retirar os homens do poder e substituí-los por mulheres. Os países passaram a adotar as chamadas políticas de parentesco onde não haveria mais conflitos geopolíticos, mas sim uma grande cooperação por um bem maior; a economia e o trabalho foram repensados, não girando em torno apenas do dinheiro, mas ampliando as possibilidades de troca. Entretanto, com o passar dos anos alguns países desistiram dessa proposta, retiraram de forma antidemocrática as mulheres do poder e adotaram governos extremamente autoritários que iam ao total oposto das políticas de parentesco. A internet e os meios de comunicação que eram oferecidos de forma gratuita a toda a população mundial passaram a ser monitorados e muitas vezes confiscados no que chamam de limpeza tecnológica para assim as pessoas terem um acesso reduzido ao que acontecia no mundo. Novamente, o planeta encontrava-se polarizado. Atualmente, em 2031, um movimento começa a acontecer. Inspiradas no Ciberfeminismo dos anos 90 cria-se o movimento **Escritoras do Apocalipse** em que diversas mulheres do mundo se unem para hackear computadores, redes, smartphones, etc com o intuito de novamente distribuir informações de forma integral a todas e todos e convocar as mulheres para uma revolução, onde elas passarão a contar sua história utilizando a escrita como a principal ferramenta para a mudança. O lema delas, inspirado em Virginia Woolf, é **Think we must/Pensar nós devemos.**” (texto escrito no primeiro semestre de 2020).*

Começo a pensar que talvez essas que denomino Escritoras do Apocalipse não estejam tão distantes no espaço-tempo do que minha figuração denomina. O que tenho percebido nestes tempos é que o silenciamento e a censura às minorias estão cada vez mais evidentes. O governo atual e movimentos reacionários e conservadores fazem questão de atacar covardemente esses grupos e no ambiente das redes sociais e blogs não tem sido diferente. Como exemplo, podemos pensar na Lei 13.642/2018, conhecida por Lei Lola em homenagem à escritora e criadora do blog *Escreva, Lola, Escreva* (<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>) Lola Aranovich, a qual atribui à Polícia Federal a responsabilidade de investigar crimes de misoginia na internet. Embora sancionado antes da pandemia, o ano de 2018 já prenunciava o que viria nos anos seguintes. Lembremos também de Debora Diniz e Jean Wyllys, sendo a primeira uma professora universitária e pesquisadora feminista com importante contribuição científica acerca do aborto e o segundo um professor universitário e político muito importante na luta pelas causas LGBTQIA+, ambos

exilados por conta de frequentes ataques à suas vidas. Assim, passo a chamar essas escritoras que analiso em meu trabalho de Escritoras do Fim do Mundo, me desvinculando de uma perspectiva cristã de ‘apocalipse’ para realmente focar no contexto em que vivemos e o desespero de presenciar dia após dia o desmonte de muito o que já havia se construído em nosso país. Escritoras estas que, apesar dos constantes processos de censura e silenciamento e uma crescente sensação de que o mundo parece estar desmoronando, seguem resistindo.

Também considero fundamental assinalar a pandemia do COVID-19 como um acontecimento que influenciou fortemente a pesquisa. Assim, o que não falta são discussões e debates em relação ao que deveria ser feito nesse momento. As redes sociais têm se mostrado um dos principais palcos para essas questões onde, de forma democrática (pelo menos idealmente), é permitido aos sujeitos exporem suas opiniões, seus sentimentos acerca desse momento e questionarem a forma como os governos têm se posicionado.

Sob essa ótica, é preciso também enfatizar que, por serem escritas feministas localizadas em plataformas digitais, no caso as redes sociais, outros aspectos devem ser levados em conta. Se hoje existe uma Lei que protege mulheres de crimes misóginos na internet é por que esses ataques de ódio e violência têm acontecido com cada vez mais frequência. Alguns desses ataques podem acontecer de forma mais explícita, outros mais velados. É nesse contexto que o debate se complexifica: as redes sociais são constituídas por algoritmos, que Donela e Almeida (2018) denominam como “um conjunto de instruções para realizar uma tarefa, produzindo um resultado final a partir de algum ponto de partida” (DONELA e ALMEIDA, p. 141, 2018).

Nesse sentido, muitas vezes, os algoritmos direcionam o conteúdo que recebemos bem como podem facilitar no silenciamento de diversos grupos marginalizados. É importante assinalar, portanto, que, embora funcionem de forma automatizada, os algoritmos são produzidos e configurados por seres humanos e não podemos ignorar ou considerar que essa crescente censura e silenciamento que vêm se estendendo para as redes sociais seja apenas um acaso, mas um projeto conservador que visa calar grupos minoritários.

Justifico, assim, a importância de minha pesquisa, ao perceber as escritas feministas em redes sociais como um espaço muito potente para se discutir de forma

situada e posicionada os efeitos que, no contexto brasileiro, não só a pandemia tem nos causado, mas todo o cenário político e social que vivenciamos. Além disso, também como diversos discursos de ódio e estratégias de silenciamento têm sido perpetuados de forma que cada vez mais testemunhamos uma crescente censura na liberdade de expressão de diversos grupos marginalizados. O distanciamento social por conta da pandemia do COVID-19 tem como uma de suas consequências reduzir as redes de apoio das mulheres (e outros grupos marginalizados) de forma a agudizar a histórica opressão e silenciamento produzida pelo patriarcado. Com isso, as redes sociais possibilitam virtualizar e atualizar, de formas estratégicas, as relações das mulheres com a sua voz, materializada na escrita, e assim se atualizar em movimentos de resistência.

## **Caminhos metodológicos: a trajetória de uma escritora-pesquisadora, viajante-exploradora e cartógrafa-feminista**

O que cabe em uma dissertação? Ou melhor, quantas de mim cabem em uma trajetória de Mestrado? É complexo separar o corpo do objeto de pesquisa quando ambos têm profunda relação. Será que comecei a cartografar meu trabalho lá na infância, quando comecei a escrever? Pode ter iniciado no momento que me debrucei mais em estudos feministas também... Me pergunto se lá por meados de 2012, quando ainda era adolescente e criticava mobilizações como a “Marcha das Vadias” por não compreender o porquê era tão importante mulheres mostrarem seus corpos já não havia algo em mim que se deslocava e começava a questionar o motivo de movimentos de resistência serem tão importantes. Em uma pesquisa cartográfica não existe início-meio-fim. Mas talvez eu esteja me atropelando um pouco. Agora, gostaria de discorrer acerca do percurso metodológico e as escolhas que foram realizadas durante esse processo para depois habitar um pouco dessas personagens e narrar os desafios e potências desta dissertação.

Para tanto, me basearei na distinção que Patricia Hill Collins (2019) faz entre *epistemologias, paradigmas e metodologias* para delinear a construção deste trabalho. Collins (2019), entende epistemologia como uma teoria abrangente do conhecimento onde se investiga que padrões são utilizados para tal ou o motivo pelo qual acreditamos em algo como verdade. Deste modo, a epistemologia indicaria a forma como as relações de poder determinam em que se acredita e qual o motivo. Já aos paradigmas o que interessa são os referenciais interpretativos utilizados para explicar determinado fenômeno social. A metodologia, por fim, abrange os princípios gerais que orientam como a pesquisa será conduzida e a forma como os paradigmas serão aplicados.

Nesse sentido, as escolhas metodológicas às quais me proponho a seguir são pautadas nas inquietações, afetações, leituras e devaneios que me ocorrem desde o início do percurso de Mestrado. Ao longo desta trajetória, me dediquei a construir essas questões de forma a contemplar o que faz sentido para mim enquanto pesquisadora. Assim, primeiramente gostaria de situar a epistemologia como feminista e decolonial. Em um trabalho que permeia a temática de escritas

feministas, é importante considerar uma produção de conhecimento que esteja articulada com pesquisadoras e pesquisadores que questionem uma ciência que se julgue neutra, hegemonicamente branca, masculina e de países do norte global.

Sob essa ótica, construir uma pesquisa que desnaturalize conceitos e categorias como gênero e mulher me permitem localizar essa pesquisa como feminista. Debora Diniz (2014) afirma que, ao entender gênero como um regime político e o patriarcado como uma tecnologia moral deste regime, toda pesquisa que considere gênero será feminista. Entretanto, para isso é necessário um certo cuidado na utilização de determinadas categorias analíticas para não se tornar algo universalizante e por consequência excludente para as diversas experiências do que é “ser mulher”. Sandra Harding (2019), sugere utilizar a própria instabilidade dessas categorias analíticas como um recurso de pensamento e prática para refletir sobre alguns aspectos da realidade política que vivenciamos. Assim, ao criticar um modelo de ciência que privilegia a visão masculina, a pesquisa feminista não se apresenta como uma troca de lealdade de um gênero por outro, até porque dessa forma ainda conceberia uma visão binária da forma como entendemos as relações de gênero, mas uma transcendência de todo gênero, aumentando dessa forma a objetividade.

A objetividade também se torna uma problemática para uma pesquisa feminista visto que ela também é contaminada por uma compreensão natural e positivista que privilegie uma ciência considerada pura e neutra. Essa concepção é uma falácia, visto que toda produção de conhecimento parte de um interesse de determinado grupo, e por muito tempo esse grupo era hegemonicamente branco, masculino e do norte global. Dessa forma, tomo o que Donna Haraway (1995) chama de objetividade corporificada a que privilegia saberes localizados e perspectivas parciais como a forma mais confiável de produzir ciência.

A partir disso, entende-se essa objetividade corporificada como uma política que compreenda contestações, questionamentos e contradições. Assim, a autora reflete que é a partir dessa forma de produzir ciência que o feminismo se identificaria, isto é, com ciências de sujeitos múltiplos, com uma visão e posicionamento crítico situados por um espaço social diversificado e marcado pelo gênero. Sob essa ótica, não há um ponto de vista feminista único, visto que, como demarca Haraway (1995), o feminismo parte de uma ciência que entenda a objetividade como uma racionalidade posicionada, composta de diferentes visões

que partem de um lugar particular. Assim, também reforço aqui que este trabalho também se pauta em um feminismo que dialogue com o pós-colonialismo de forma a entender que as questões de gênero são inseparáveis de um projeto de crítica pós-colonial como aponta Deepika Bahri (2013). A união de estudos feministas com pós-coloniais se atenta em discutir contextos históricos e coordenadas geopolíticas de forma a questionar estereótipos como o termo “mulher de Terceiro Mundo” bem como pensar no conluio entre patriarcado e colonialismo.

Tendo em vista esse viés epistemológico, agora interessa pensar nas perspectivas paradigmáticas acionadas para discutir as questões propostas na pesquisa. Para isso, elenco os conceitos de *interseccionalidade*, *diferença* e *essencialismo estratégico*. Utilizo interseccionalidade a partir de Collins (2017), cuja compreensão do conceito se dá como uma ferramenta metodológica e teórica a fim de aprofundar experiências de sujeitas diante das opressões e injustiças da nossa sociedade. Dessa forma, a autora defende a utilização do termo como um *ethos* orientado na busca por justiça social e na construção de uma política emancipatória.

No que se refere a diferença, tomo o que Brah (2006) chama de diferença como identidade em que entende que a identidade está fortemente ligada a questões referentes à experiência, subjetividade e relações sociais. Dessa forma, a identidade pode ser compreendida como uma multiplicidade de posições que constituem o sujeito, não sendo fixa ou singular, mas em constante mudança. Nesse sentido, pensar em uma biografia pessoal e na história coletiva pode ser algo complexo e contraditório. Identidades pessoais sempre se articulam com a experiência de um grupo, entretanto, nem sempre a experiência de vida de uma pessoa se reflete na experiência de um grupo. Portanto, sugere-se pensar o sujeito como efeito de discursos, instituições em práticas. No momento que este sujeito-em-processo experimenta a si como “eu” e dessa forma experimenta posições em que está tanto consciente quanto inconscientemente investido e situado, novamente lhes dá significados outros. Assim, a autora entende a diferença como uma variedade de maneiras as quais os discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados.

Brah (2006) ainda reforça que esse processo pode, por vezes, causar compreensões de “diferença” que sejam essencialistas. Por conta disso, muitos grupos subalternizados criam novas identidades políticas a partir de laços de

experiência cultural comum a fim de mobilizar seu público. Assim, a autora argumenta acerca do essencialismo estratégico, também utilizado como paradigma para este texto. O conceito, cunhado por Gayatri Spivak, sugere que o essencialismo pode ser assumido, de forma estratégica, se enquadrado a partir do ponto de vista das posições de sujeito dominado. Assim, Brah (2006) enfatiza o cuidado em não se compartimentalizar opressões, mas em formular estratégias para enfrentar essas opressões a partir de um entendimento do modo como se interconectam e articulam.

Em seguimento, utilizei da cartografia como proposta metodológica e ética a fim de me lançar nesse território de pesquisa e me permitir afetar pelas redes sociais que acompanharei. Barros e Kastrup (2015) afirmam que sujeito e objeto se fazem juntos, emergindo de um plano afetivo. Isso significa que, a partir do momento que nos permitimos ser afetados por um objeto, não podemos mais o isolar de sua relação com o sujeito, ou seja, nós pesquisadores. Tendo em vista isto, assim que me deixei afetar por essa temática, percebi na cartografia uma via possível para minha pesquisa. As autoras explicam que um dos desafios do cartógrafo (que aqui denominarei como cartógrafa, visto que é a posição que ocupei) não é buscar por informações, mas abrir-se ao encontro. Assim, a pesquisa, por mais paradoxal que seja, deve começar pelo meio, entre pulsações.

Deste modo, Costa (2014) toma a cartografia como uma prática investigativa cujo objetivo não é de chegar a uma conclusão ou resultado, mas de acompanhar o processo. Para isso, é preciso que a cartógrafa esteja preparada para os encontros imprevisíveis e acasos que irão lhe atravessar durante esse percurso. Portanto, afastar-se da neutralidade e permitir-se contaminar é uma das condições para a cartografia, ou seja, estar implicado no próprio movimento da pesquisa. A partir disso, cartografar, para o autor, é estar, e não olhar de fora, é um conhecer-fazendo.

Passos, Kastrup e Escóssia (2015) percebem a cartografia como uma reversão metodológica, onde o metá-hódos transformar-se-ia em hódos-metá por conta dessa aposta de uma pesquisa baseada na experimentação e implicação. Dessa forma, Barros e Kastrup (2015) utilizam o conceito de processualidade como o coração da cartografia, onde percebe-se uma pesquisa cujo objetivo é de investigar os processos de produção de subjetividade, tendo em vista que assim como o momento presente carrega uma história, o próprio território é portador de algo em processo. Com isso, deve-se desenhar a rede de forças em que o objeto de

pesquisa está conectado, não deixando de lado suas modulações e seu movimento permanente.

Dito isso, é importante compreender que o ciberespaço, aqui neste trabalho especificado a partir de redes sociais, através da realidade de hiperconectividade e rapidez na transmissão de informações tem produzido novas formas de existir onde se acoplam tanto informações digitais quanto territórios geográficos. Explorar esse ambiente é também se deparar com novos processos de territorialização e desterritorialização e perceber a complexidade de um duplo movimento que perpassa um corpo “físico” e um corpo “virtual” (ALBUQUERQUE, HENNIGEN E FONSECA, 2018). Aqui, novamente retomo a presença de um corpo na pesquisa e, devo destacar, falo do meu corpo. “Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima - o corpo” (RICH, 2002, p.17). No momento que escolho cartografar, entendo que não posso só habitar territórios virtuais e narrativas de outras mulheres, mas também considerar meu corpo e minha narrativa: um corpo cisgênero, feminino e branco.

Dessa forma, me coloco a pensar: Como habitar esses territórios a partir de uma experiência cartográfica? Como mapear redes sociais a fim de compreender as possibilidades de resistência a partir de escritas feministas? Para isso, de acordo com Suely Rolnik (2016), é fundamental estar em constante análise com o seu desejo e aberto a mudar os seus princípios. Essa análise do desejo é imediatamente política visto que diz respeito às escolhas de novos mundos, sociedades novas. O desejo aqui é entendido como artifício, aglomerações de afeto-e-língua de modo que se formam constelações existenciais singulares. A análise do desejo, por fim, é concebida como uma ética, onde não cabe a cartógrafa sustentar valores.

Portanto, tomo o diário de campo como um potente instrumento para registro de minhas afetações e deslocamentos nesse período de pós-graduação. Em outras palavras, a partir do diário de campo realizei a análise do desejo evocando a sensibilidade e a desterritorialização. Como se estivesse embarcando em uma viagem, no diário coloquei meu corpo, corpo de uma cartógrafa-feminista, de uma escritora-pesquisadora, de uma viajante-exploradora. Passos e Barros (2015), refletem a importância desses registros por exercerem uma função de dispositivo disparador de desdobramentos da pesquisa. Assim, a autora e o autor compreendem o texto diarista como um desvio metodológico, que enuncia sua

própria produção e se liberta da pretensão do conhecimento definitivo sobre o objeto. Dessa forma, a construção do diário de campo se deu a partir da minha escrita corporificada e não vejo de que outra forma poderia ser.

A partir dessa percepção passei a chamar meu diário de campo de diário íntimo. Íntimo pois para além de contar com narrativas e escritos do material encontrado nas redes sociais, produzi também uma escrita íntima das minhas vivências e histórias e nem sempre foi um processo confortável, pois o íntimo expõe e vulnerabiliza e isso é estranho no meio acadêmico. Percebi também que, a partir de uma escrita corporificada e íntima, é possível entender que o íntimo é político, mas sobre isso explicarei melhor ao longo da dissertação. Para Christine Gryscek (2020), os diários íntimos além de serem uma escrita de si, também possuem um limiar entre o literário e o não literário, funcionando de certa forma como uma reparação, o registro de uma experiência que envolve um corpo, uma voz, um testemunho. Nos diários podemos encontrar traumas, segredos, medos, revoltas, fabulações, angústias, entre outros. Assim, são considerados uma literatura menor por estarem em uma fronteira ética e se ocuparem dos limites de exposição entre o privado e o público, como bem aponta a autora.

Como afirmam Marília Silveira e Josselem Conti (2016), é o material ou o campo que convocam o problema e não a/o pesquisador(a), isto é, este campo ou material nos possibilita compor uma história a partir desse encontro. Portanto, durante a escrita afetamos e somos afetadas e partir disso revelamos posicionamentos e escolhas do que será ou não escrito nesse momento. Enquanto viajante-exploradora, naveguei por esses territórios não tão conhecidos buscando nada mais que histórias. Histórias que afetam, histórias que resistem. Como colocam Eduardo Passos e Virginia Kastrup (2013), a validação de uma pesquisa cartográfica implica a ampliação do escopo da análise de forma a ela mesma dobrar-se sobre si e incluir outros interesses que possam interessar na pesquisa. Com isso, o “objeto” da pesquisa torna-se o protagonista de modo que indica o que será considerado como categoria de análise ou os núcleos argumentais que organizarão os dados sobre a pesquisa.

Nesse sentido, como se deu esse processo cartográfico? Inspiro-me aqui em Bruna Moraes Battistelli e Lílian Rodrigues da Cruz (2017, p.6): “Cartografar é escolher viajar sabendo que mudanças ocorrerão, imprevistos surgirão, e a pesquisa

assim continuará. Sem o outro não há como cartografar...”. Realmente, foi uma viagem repleta de imprevistos, mudanças e acontecimentos. Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional em 2019 tinha planos poucos precisos para minha dissertação: queria escrever sobre escritas de mulheres, mas não sabia bem como. Recém formada em uma universidade privada no interior do Rio Grande do Sul, a maioria das autoras e autores que estudei possuíam uma visão hegemônica acerca de pesquisa e psicologia. Ao entrar na UFRGS, este universo se abriu para mim: procurei me deslocar desse conhecimento eurocêntrico e positivista para pensar de forma localizada e corporificada enquanto mulher, branca, cisgênero, latino-americana. Ainda, ao entrar no grupo de pesquisa Oficinando em Rede - NUCOGS, percebi nas tecnologias digitais uma estratégia possível para pensar acerca das escritas de mulheres. Junto a isso, também percebi que politizar essas escritas ao nomeá-las enquanto feministas também possibilitaria maior aprofundamento da temática. Assim cheguei ao tema “escritas feministas em redes sociais”.

O ano termina e 2020 inicia e com ele, a pandemia que vivemos até o dia de hoje. Considerando todos esses aspectos, não há como simplesmente ignorar tamanho acontecimento que afeta grande parte da população mundial. Assim, algumas paradas precisam ser feitas nessa viagem para reorganizar seus (novos) rumos. Devo dizer, querida leitora, que a proposta ética da cartografia de habitar territórios e se permitir ao encontro por vezes produz alguns empecilhos. Gostaria de afirmar que a todo momento me permiti a esses encontros e a cada vez que abri minhas redes sociais encontrava diversas histórias e relatos, mas não é bem assim.

Como aponte e apontarei ainda no decorrer deste texto, é difícil ler e escrever sobre alguns assuntos e por vezes precisei de fôlego para retomar a escrita. Vivenciar uma pandemia em uma nova cidade morando sozinha também é um enorme desafio e nem sempre a inspiração para escrever e pesquisar surge. Enquanto a proposta da cartografia é se permitir pesquisar também com corpo, o deslocando pela cidade, conhecendo diferentes pessoas e lugares, com a pandemia e a recomendação de distanciamento social, o único espaço que poderia percorrer era o interior do meu apartamento: do quarto para a sala, da sala para a cozinha, da cozinha para o banheiro. Pegar um café. Descansar no sofá. Ih, a internet tá ruim. Abrir o celular e ler o número de óbitos do dia em decorrência do coronavírus.

Realizar vídeo chamadas para conversar com pessoas queridas. Uma tosse - meu Deus, estou com corona? Medo. Angústia. Mais medo.

Quando localizamos esse processo cartográfico nas redes sociais, mais desafios aparecem. Se pretendo pesquisar sobre escritas feministas, preciso encontrar primeiro essas escritoras. Algumas já estavam presentes em minhas redes, mas outras demoraram a surgir: os algoritmos não ajudam. Simplesmente se permitir ao encontro parece não ser algo muito familiar para os algoritmos das redes sociais, visto que eles até sugerem páginas de acordo com meus interesses, mas aparentemente esse interesse específico é um pouco difícil de localizar. Me pergunto o porquê. Precisei então pedir sugestões para amigas, conhecidas, buscar por hashtags, nomes específicos para então me afetar pelas escritas produzidas.

Ainda quando me questionava os rumos que a dissertação tomaria, muito afirmava que gostaria que este fosse um trabalho sobre potências, que não precisasse necessariamente abordar assuntos "gatilhos" para mulheres. Entretanto, é muito difícil sair desse cenário. Nas redes sociais, assim como nas ruas, a opressão e o silenciamento continuam, se atualizando a partir de comentários anônimos, denúncias de contas sem nenhuma fiscalização, algoritmos que funcionam a partir de uma visão embranquecida, racista e misógina. Tudo isso legitimado por um governo conservador e fascista. Nesse sentido, a potência se encontrou nestes aspectos, quando apesar deles era possível encontrar estratégias e táticas para se defender desses ataques. Nem todas as Escritoras saíram ilesas durante esse período: muitas tiveram contas suspensas, se afastaram das redes sociais e sofreram violências de diversas formas.

Nesse sentido, cabe também explicar de que forma foi feita a seleção das escritoras e suas escritas. Ainda considerando essa jornada cartográfica, enfatizo que as escolhas foram movidas por afetações, e buscas não lineares, mas sempre considerando alguns aspectos: páginas de mulheres que produzissem escritos políticos, posicionados. Não necessariamente era necessário que essas mulheres se identificassem explicitamente enquanto feministas, embora acredite que, pelo teor dos textos, havia essa identificação. Assim, a partir de saberes localizados e uma objetividade corporificada (HARAWAY, 1995), essas mulheres contassem suas histórias ou histórias de outras, privilegiando essas perspectivas parciais. Páginas de mulheres que eram voltadas para conteúdos em vídeos ou fotos, não eram

priorizados, visto que o interesse eram em escritas; número de seguidores, curtidas ou alcance em números não eram levados em conta também. Conforme elencava as Escritoras do Fim do Mundo, fui percebendo que para acompanhar o trabalho delas, precisaria dedicar algum espaço em minhas redes sociais que permitissem um olhar mais próximo, visto que minha conta pessoal também contém contas de amigos, familiares e outros interesses que poderiam invisibilizar as postagens dessas Escritoras. Assim, criei uma outra conta no Instagram intitulada @escritoradoapocalipse onde segui em torno de 13 mulheres que produziam escritos interessantes para a dissertação.

Enquanto o trabalho se delineava, compreendi que para além de nomear e trazer para diálogo essas Escritoras, também seria interessante para organização teórica escolher os textos dessas Escritoras e realizar as discussões da dissertação a partir deles. Nesse sentido, elenquei algumas temáticas que considere importantes: pandemia, feminismo, branquitude, interseccionalidade, silenciamento, censura e governamentalidade algorítmica.

Resistência é substantivo feminino, prezada leitora, e acredito que este termo é muito necessário em tempos atuais. Aos poucos essa viagem vai chegando ao final, que não sabemos bem qual é o que nos espera. A relação com as redes sociais é extremamente ambivalente, pois na medida em que produz muitas violências também pode ser um ambiente de acolhimento e apoio. Procurei habitar os dois extremos, e é um pouco do que essas afetações me fizeram refletir que você poderá ler nas páginas a seguir.

## Uma carta para escritoras latino-americanas em tempos de pandemia

05 de julho de 2021

Queridas escritoras latino-americanas,

Início esta carta lembrando e referenciando Gloria Anzaldúa (2000), que me inspirou a escrevê-la. Me encontro sentada em meu sofá, com o notebook em cima do colo (e lembrando que não é o melhor hábito escrever a dissertação de forma tão desconfortável), pegando um pouco do sol que resta das tardes frias de julho aqui em Porto Alegre, enquanto meu cachorro me olha atentamente tentando descobrir se já está na hora de levá-lo para passear. Ainda vivenciando uma pandemia e com altas doses de desânimo e preocupação com as marcas e cicatrizes que o (des)governo atual nos deixará, fico me perguntando: do que é feita uma escritora? Dor ou necessidade? *Eu* escrevo por dor ou necessidade? Estou olhando para a prateleira que está na minha frente e fito alguns livros: ‘Erguer a voz’, de bell hooks (2019), e ‘Um teto todo seu’, de Virginia Woolf (2014). Olho um pouco para a esquerda e vejo um quadro de Frida Kahlo, o primeiro objeto de decoração que ganhei de presente para minha casa de uma amiga muito querida. Virginia, bell, Frida, são algumas das mulheres que tenho como inspiração tanto como história de vida, quanto para meus estudos: com elas aprendi sobre escrita e arte produzida por mulheres. Ainda nessa linha de raciocínio, lembro de mais três nomes que igualmente têm grande influência na mulher que sou: Heloísa, Lacy e Elvira, respectivamente minha mãe, minha avó materna e minha avó paterna.

São elas que estão em minha mente desde quando comecei a pesquisar sobre mulheres artistas e escritoras. Quando me pergunto “*o que é uma escrita feminista?*” logo no início deste texto, tento diferenciar que existem escritas de diferentes formas e que nem toda mulher que escreve possui o posicionamento ético-político feminista. Este é o meu ponto de partida, mas quando refletia sobre isso também lembrei muito da minha trajetória com a escrita e a vida acadêmica. Sabe quando falamos tanto sobre todo o percurso de silenciamento e dificuldade de a mulher ser reconhecida enquanto artista e escritora? Traço esse início desde o momento em que minha avó Lacy foi proibida de escrever com a mão esquerda, por ser canhota, tendo que assim escrever com a direita, que era o aceitável para a

época. Desde então, mesmo tendo mais facilidade com a mão esquerda, pegou o hábito de realizar todas as tarefas como destra inclusive suas pinturas e costuras que muito admiro. Sim, minha avó é artista: tem paixão por pintar telas que reproduzem casas ou cidades que os familiares moram, toalhas com pinturas e bordados que ela faz com carinho para cada neto. Lacy também teve por muitos anos uma confeitaria que hoje marca memória com o livro de receitas que ela escreveu à mão e depois foi transcrito por minha mãe, também à mão. E afinal o que é um livro de receitas senão um importante e potente instrumento de registro e conhecimento que é passado de geração em geração?

Neste mesmo paralelo recordo também de Elvira, minha outra avó que embora não tivesse grande contato com as artes foi uma educadora muito admirada: construiu do zero uma escola no interior onde a família do meu pai morava para assim alfabetizar as crianças que residiam naquela região. Ela foi uma educadora em tempos de ditadura. Anos antes, minha mãe conta que Elvira e meu avô trocaram por muito tempo cartas de amor que teriam ficado guardadas na casa deles mesmo após a morte de ambos. Infelizmente não encontrei ainda essas cartas. Por fim, também lembro de minha mãe, que além de educadora também escreve poemas e por conta disso também sempre me estimulou (ou inspirou) a escrever.

Esses exemplos são pistas deixadas em meu inconsciente para responder de onde vem essa minha necessidade de escrever sobre escritas de mulheres. Nem minha mãe ou minhas avós pensavam sobre feminismo enquanto criavam. Minha avó Elvira, que faleceu um mês depois do meu nascimento, talvez nem tenha ouvido falar sobre feminismo em sua época, mas cada uma delas possui uma história que muito me inspira para também me tornar pesquisadora. Hoje sou canhota como Lacy, e escrevo com a mão esquerda sem passar por uma repressão ridícula. Me interesso pela Educação como ferramenta de emancipação, assim como Elvira ao ser responsável pela alfabetização de diversas crianças. Gosto de escrever assim como Heloísa e sei que é delas que me constituo enquanto a mulher que aqui escreve: escrevo com a mão esquerda sem ser considerada bruxa ou associada ao pecado, assim como também não sou pesquisadora em tempos de ditadura.

Entretanto, em 2021 os processos de silenciamento continuam atuando tanto em nós, mulheres, quanto em outros grupos marginalizados. Com o governo atual, as perseguições voltam a acontecer em diversos espaços e discursos de ódio e

conservadorismo retornam com força. Escrevo em 2021, tempos em que as universidades públicas sofrem graves perdas financeiras e constantes ataques de movimentos reacionários. Escrevo em 2021, momento em que a ciência é frequentemente descredibilizada em detrimento de *fake news* em um cenário de crise sanitária mundial. Escrevo porque mulheres como Lola Aranovich e Debora Diniz sofrem ameaças de morte diariamente por conta do que escrevem. Escrevo porque mulheres pretas, indígenas, LGBTQs morrem lutando pelo direito de existir.<sup>5</sup> Por que você escreve, leitora? Dor ou necessidade? Que saída você encontra diante de um momento que parece tão apocalíptico?

Nesta trajetória de mestrado me encontrei, pela leitura, com mulheres que me fizeram repensar a forma como escrevo e me coloco. Tenho pensado que escrever enquanto ato político é acima de tudo subverter normas. Semana passada prestei um concurso da Aeronáutica e entre os processos avaliativos estava a redação. Pensei comigo que há anos não escrevia uma redação dissertativa, mais precisamente desde a época do vestibular e, portanto, precisaria retomar umas regras básicas do que deve e não se deve escrever. Aqui vão algumas dicas que encontrei<sup>6</sup>:

- não falar com o leitor ou utilizar a primeira pessoa do singular;
- evitar gírias e palavras consideradas baixo calão;
- não fugir do tema;
- não expressar sua opinião.

Basicamente tudo o que este trabalho não se propõe a fazer. Realmente um grande desafio para mim. Mas para minha surpresa o tema foi bem interessante: Era preciso argumentar se a linguagem neutra, ou seja, a utilização de pronomes neutros, era um modismo ou uma transição natural da língua. É até interessante pensar que se utiliza a palavra 'neutra' sendo que a utilização de pronomes neutros é uma proposta muito bem posicionada politicamente. Enfim, ao escrever, minha indagação com o tema era se realmente as pessoas não aprovam a linguagem neutra por questões de preservação da língua culta ou por puro conservadorismo. Lembrei de Adrienne Rich<sup>7</sup> quando afirma que as vezes precisamos falar a língua do

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.generonumero.media/lgbt-coronavirus/>> Acesso em: 05/07/2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://beduka.com/blog/materias/redacao/o-que-nao-fazer-na-redacao-enem/>> Acesso em; 08/07/2021.

<sup>7</sup> Poema "Queimar papéis em vez de crianças" de Adrienne Rich escrito em 1968, citado por bell hooks (2008).

opressor e foi assim que defendi meu ponto de vista utilizando Lélia Gonzalez (1984) e seu 'pretuguês' como forma de problematizar e ressignificar a língua portuguesa colonial e lembrando de Carolina Maria de Jesus (1995) em 'Quarto de despejo: Diário de uma favelada', onde Carolina utilizava de um vocabulário informal repleto de denúncias para marcar assim que vozes e linguagens devem ser escutadas no Brasil. Que possamos escrever então, e assim subverter.

Enquanto mulheres latino-americanas, que escritas são essas que nos identificaremos? Aqui converso também com Gayatri Spivak (2010) que questiona se pode a subalterna falar. Fruto dos processos de colonização e colonialidade de gênero (LUGONES, 2019) é importante lembrar que nossos corpos hoje habitam territórios que diversas outras já habitaram antes de nós e antes de podermos habitar nossos próprios corpos, eles já eram ocupados, invadidos e violentados por outros que julgaram contar nossas histórias e decidir o que fazia de nós mulheres. Todas possuímos histórias de silenciamento e contar sobre elas é essencial para marcarmos nosso lugar neste mundo governado por homens.

Porém, se não somos ensinadas a contar essas histórias, como teremos coragem para o fazer então? Precisamos dizer umas às outras que nossas histórias são importantes e foi preciso que algumas mulheres me dissessem e que eu lesse mais algumas para assim ter esse ato de coragem de contar algumas de minhas histórias. Essa é uma delas: Não sei descrever precisamente como se deu meu encontro com a escrita, só sei que ele aconteceu e quando percebi era uma parte muito importante da minha vida. Minha mãe fazia parte de um grupo de poetas que se reuniam semanalmente para fazer leituras de seus escritos. Como qualquer outra criança que gosta de copiar o que os adultos fazem, comecei a fazer o mesmo. Desde esse momento até o início da pré-adolescência não parei de escrever. Lembro de escrever sobre girassóis, borboletas, bailarinas e qualquer pequena situação que afetasse meu corpo infantil. Então cheguei à pré-adolescência e comecei a sentir as inseguranças me atingirem em cheio. Percebi que meus poemas não eram tão bons quanto eu pensava e, por conta disso, não via mais sentido dar continuidade.

Os anos foram passando e a escrita continuava a fazer falta no meu cotidiano. Decidi em determinado momento retomar, mas não consegui. Tentava novamente, e nada saía. Minha cabeça esvaziava, meus dedos congelavam, não

tinha nada a dizer. Não tinha? Fui me calando e percebendo que talvez minhas palavras não fossem tão importantes. Talvez se dissesse ouviria que era drama, ouviria risadas de deboche ou que não era tão bom assim. Para que dizer então? Me calar parecia mais confortável e comecei a adotar esse hábito em diversos espaços que frequentava. Invisível. Imperceptível.

Ao ingressar na universidade, me encontro novamente com a escrita: dessa vez de uma forma mais confortável, uma escrita neutra, com normas, estruturas. Percorro os universos e possibilidades da escrita acadêmica até chegar no último ano de faculdade e decidir fazer o trabalho final de graduação sobre a escrita feminina e seu encontro com a loucura. A partir desse momento começo a perceber que minhas angústias com a escrita não eram individuais, mas passavam por um processo de subjetivação em torno do feminino: nossa voz não deve ser ouvida. Começo a recordar diversas mulheres presentes em minha vida extremamente inseguras quanto a seus corpos, suas profissões, seus relacionamentos. Lembro de diversos momentos que fomos interrompidas enquanto falávamos ou éramos totalmente ignoradas em rodas de conversas. Ao pesquisar sobre o processo de escrita feminina no início do século XIX entendo a angústia que muitas possuíam ao escrever e o medo de não serem aceitas quando colocavam nomes masculinos como pseudônimos em suas obras ou adotavam a anonimidade (as irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë assinavam como Currer, Ellis e Acton Bell; Maria Firmino dos Reis, escritora brasileira negra assinava como “uma maranhense”).

Assim, convido-lhe, cara leitora, a revisitar algumas histórias que permeiam nosso imaginário coletivo há muitos séculos. Em contos de fadas percebemos um padrão de histórias de personagens femininas com um determinado padrão estético, brancas, inocentes e que necessitam de salvamento por parte de homens, caracterizados como corajosos e leais. Por muitos anos, a literatura constituída majoritariamente por escritores homens e brancos, contava histórias de mulheres que, geralmente coadjuvantes, eram retratadas de forma passiva ao homem, quietas ou, em oposição, descritas como loucas, selvagens, entre outros. Também recordo do mito de Cassandra, onde Apolo ao se apaixonar pela jovem de Tróia lhe concedeu o dom da profecia, desde que Cassandra se entregasse a ele. Após receber o dom de profetizar, Cassandra se negou a satisfazer os desejos de Apolo e este, por vingança, cospe em sua boca e tira toda credibilidade da jovem onde

mesmo que tudo que ela dissesse fosse verdade, ninguém era capaz de acreditar. Assim, ao prever o trágico fim da guerra de Tróia, Príamo, o rei e seu pai a trancou em um edifício piramidal com o intuito de a silenciar ao mesmo tempo que suas guardiãs tinham a função de informá-lo de todas as profecias (GUALBERTO, 2008).

A angústia com a escrita, portanto, tem motivo e história. Lembro que Virginia Woolf (2014) em *Um teto todo seu* ao ser convidada para falar sobre Mulheres e ficção no início do século XX, sustenta que o que uma mulher precisaria para escrever uma ficção seria um pouco de dinheiro e um teto todo seu para se dedicar à escrita. Dado o contexto, a autora reflete o sofrimento que mulheres do século XVI deveriam ter ao se confrontarem com o desejo de escrever, que não lhe era permitido na época, até chegar ao século XIX quando obtiveram maior liberdade para lançarem suas obras e ainda assim podiam escutar entre gargalhadas o que de tão bom havia em sua escrita. Me pergunto se Virginia ainda pensaria dessa forma atualmente: dinheiro e um teto talvez sejam mais acessíveis a muitas mulheres de um contexto específico hoje em dia e realmente temos diversas obras reconhecidas escritas por mulheres. Por que então existem tantas mulheres que decidem se silenciar como eu?

Trazendo para o contexto do Sul Global, Gloria Anzaldúa (2000) fala sobre sua dificuldade em se reconhecer escritora e que muitas vezes o exercício da escrita é algo adiado, evitado. Mesmo assim, percebe a importância e a necessidade de sua escrita:

*Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (ANZALDÚA, 2000, p. 232).*

Dessa forma, apesar dessas constantes sabotagens, a autora também reflete que mesmo após superar esses problemas, que mulher ainda teria tempo para escrever tendo que cuidar dos filhos, do marido e ainda trabalhar fora? Assim, em contraponto à Virginia Woolf, Anzaldúa (2000) propõe esquecer um quarto para si: pede que essas mulheres escrevam na cozinha, no ônibus, no trabalho, entre o dormir e o acordar. Ainda, reflete que todos esses processos angustiantes diante da escrita acontecem porque escrever revela os medos, as raivas e acima de tudo o poder, visto que uma mulher com poder é temida.

Esse posicionamento não necessariamente é algo fácil para a mulher. Conceição Evaristo (2005), ao pensar na sua trajetória de aproximação com a escrita e a literatura, relata que escrever para ela é uma experiência dolorosa, mas também apaziguadora. Sim, escrever enquanto mulher pode doer; são dores diferentes, de lugares diferentes, mas que em determinado momento se encontram. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade patriarcal, que não hesita em silenciar uma mulher quando quer ser escutada. Vivemos também uma sociedade estruturada de forma racista, o que torna a experiência de escrita da mulher negra ainda mais sofrida. Também vivemos em uma sociedade cisheteronormativa que desconsidera e assassina mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais ou qualquer outra forma que uma pessoa escolha expressar a sexualidade e o gênero que não seja falocêntrico ou feminilizado o bastante. Silenciei-me quando passei a entender (mesmo que não de forma consciente) que não queriam me escutar. Pedi desculpas quando na verdade era eu quem estava constrangida. Fui interrompida quando finalmente me permitia falar. Então eu percebi que muitas mulheres vivenciavam o mesmo e, considerando meus privilégios, foram silenciadas mais vezes que eu.

Eu seu livro autobiográfico *“Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”*, escrito originalmente em 1969, Maya Angelou (2018) narra a experiência de um estupro que sofreu na infância. Após seu agressor ser encontrado morto e em meio às confusões para compreender o acontecido, ela permaneceu em silêncio por muitos anos por acreditar ser a culpada da situação. Karina Acosta Camargo (2019) escreveu sua dissertação baseada na experiência de abuso sexual que sofreu na infância. A partir da cartografia e do testemunho, a autora reflete sobre os processos de silenciamento dessa experiência quando relata que muitas pessoas a questionaram sobre a escolha da temática. Será que não estaria se expondo demais? Vitimizandose? Será que não seria melhor esquecer? Camargo (2019) responde que esquecer não se trata de esconder o que faz sofrer, mas de assumir esse sofrimento até sentir as lágrimas escorrerem e secarem. Quando falam sobre esquecer, na verdade o que se espera é a omissão, a mentira. Dessa forma, ocultar o vivido dá continuidade na história, enquanto assumir e presentificar a experiência é expor o fracasso da história e assim possibilitar a criação da vida, de resistência.

Assim, te convoco novamente querida leitora e escritora: você escreve por dor ou necessidade? E ao contar suas histórias, você está falando por outras também?

Eu sei pelo que escrevo: pela incerteza. Para continuar montando perguntas sem respostas como estas que lhe fiz. Estou incerta acerca do que acontecerá nos próximos anos, mas a partir do que tenho percebido nos últimos tempos, ainda há pelo que lutar. O corpo que aqui escreve quer lutar, falar e resistir. É um corpo latino-americano que não está à venda ou negociação, não é propriedade ou objeto de invasão. É meu, mas é habitado por outras também, que aqui encontrarão lar se assim se identificarem com as histórias contadas. Que possamos ser lar umas das outras.

## **Escritas feministas e resistência: virtualização e tecnopolítica**

Hoje em dia o feminismo tem cada vez mais se utilizado da *web* como instrumento para (re)pensar discursos e práticas do nosso cotidiano. Quando a internet teve sua expansão em meados dos anos 90, o movimento feminista percebeu a possibilidade de se aliar à tecnologia como forma de produzir novas narrativas e viabilizar um lugar de livre expressão para a mulher. Assim, surgiu o ciberfeminismo, que, segundo Sadie Plant (1996), para além da possibilidade de inserção das mulheres, teria o intuito de expor os mais de dois mil anos de patriarcado. A partir disso, as mulheres passam a invadir e hackear esses sistemas ainda dominados por homens e encontrar seu lugar na pós-humanidade, conforme a autora.

Apesar desse maior acesso às redes atualizar um contexto de inserção da mulher, o que se percebe com o passar do tempo é que o que movimentos como o ciberfeminismo almejavam não aconteceu da forma como se esperava. As transformações tecnológicas não escaparam às relações de poder e continuaram a produzir desigualdade em suas dinâmicas de acesso entre gênero, classe e raça. Além disso, mulheres foram expostas a novas formas de ataques através de comentários racistas, fascistas, homofóbicos, transfóbicos, ameaças de morte e a criação de grupos masculinistas e reacionários. Dessa forma, conforme Federica Timeto (2019), após uma fase de autocrítica, hoje tem-se uma perspectiva mais articulada acerca da relação entre feminismo e as tecnologias, resultando do encontro do ciberfeminismo com o pensamento decolonial e transcultural. Assim, a autora propõe pensar a tecnologia não como algo neutro, mas constituído socialmente e formado por relações de poder em diferentes níveis. Portanto, quando um discurso sobre tecnologias não leva em consideração a questão de gênero articulada a outros componentes sociais como raça e classe, ele está, no mínimo, incompleto.

Débora Prado de Oliveira, Daniela Camila de Araújo e Marta Mourão Kanashiro (2020) ao refletirem acerca das relações entre autonomia, segurança e linguagem, se ancoram na noção de tecnologia feminista, conceito que vem sendo construído por movimentos feministas da América Latina nos últimos anos. Segundo as autoras, esse termo se refere aos debates e práticas acerca da não neutralidade das tecnologias em diferentes camadas e como que isso vem se apresentando para

mulheres, pessoas trans e não binárias. Assim, a partir da criação de infraestruturas digitais e redes autônomas feministas é possível observar

*(...) as potencialidades das tecnologias, reconhecendo que a internet e as TICs podem assumir tanto um lugar de resistência, como ser aquele onde as violações de direitos, inclusive aquelas baseadas em múltiplas desigualdades como as de gênero, raça, classe, se proliferam e o debate social é restringido (OLIVEIRA, ARAÚJO & KANASHIRO, 2020, p.3).*

Trago esse contexto para entender como o feminismo tem se colocado atualmente nos meios digitais. Entretanto, gostaria de retomar que a proposta deste trabalho vai além de entender como se dá essa forma de ativismo na *web*, mas focar nos efeitos da produção da escrita feminista em redes sociais. Assim, a partir dessa perspectiva interseccional e decolonial do feminismo e os desafios deste nas redes, o que interessa é delinear essa proposta por meio das atualizações das escritas feministas. Tendo isso em vista, também se deve considerar o contexto de pandemia em que vivemos para compreender que a forma como nos relacionamos também passou por mudanças.

Uma das medidas adotadas como prevenção ao COVID-19, ainda em 2020, foi o distanciamento social. Com isso, o ambiente doméstico passou a ser habitado de outra maneira. Muitas discussões começaram a girar em torno das consequências que esse confinamento poderia gerar em diversas mulheres que, ao retornarem à vida privada, poderiam se encontrar novamente e de forma mais intensa com violências e opressões: um marido abusador e a tripla jornada de trabalho<sup>8</sup> são exemplos disso. Já em 2021, com a aplicação das vacinas, os serviços e instituições, salvo raras exceções, voltaram à modalidade presencial ainda com as recomendações de distanciamento e utilização das máscaras. Entretanto, ainda vivenciamos uma pandemia e nesse sentido, seus efeitos continuam aparecendo. Dessa forma, tenho percebido a potência das redes como operadoras de redes de cuidado e acolhimento a diversas mulheres que têm passado por situações complexas durante a pandemia. Nesse sentido, gostaria de pensar o conceito de *virtual e virtualização* para pensar como as escritas feministas se encaixam nesse contexto de formação de redes de cuidado e acolhimento.

---

<sup>8</sup> Aqui, gostaria de destacar que a jornada de tripla de trabalho feminina à qual me refiro é configurada de forma diversa: se, por um lado, temos a mulher de classe média que antes da pandemia trabalhava fora e podia contar a terceirização de serviços domésticos antes da pandemia, de outro temos também a mulher pobre ou periférica que já vivenciava uma realidade de jornada de trabalho excessiva e que pode se tornar ainda mais cansativa com todos os riscos da COVID-19.

Para Deleuze (1988), em sua tese originalmente publicada em 1968 “Diferença e Repetição”, deve-se primeiramente entender que virtual não se opõe ao real, mas ao atual. Assim, define o *virtual* como uma parte estrita do objeto real, possuindo uma plena realidade por si mesmo, e o processo que o constitui denomina-se *atualização*. O processo de atualização do virtual acontece por meio da diferenciação, de forma a romper tanto com a semelhança como processo como com a identidade enquanto princípio, favorecendo assim sempre uma criação. Sob essa ótica, a atualização se dá a partir da criação de linhas divergentes que correspondam à multiplicidade virtual, sendo essa responsável por uma realidade de um problema a ser resolvido. Portanto, o autor afirma que é a partir da diferença e repetição que se funda o movimento de atualização no virtual.

Pierry Lévy (1996) em seu texto “O que é o Virtual?” reflete que a virtualização, para além dos meios de comunicação e informação, afeta também os corpos, de forma a atingir a constituição do “nós”, isto é, as modalidades do estar junto seja por comunidades virtuais, empresas virtuais, entre outros. O autor entende o virtual como um complexo problemático, um acontecimento, um nó de tendências que acompanham uma situação ou entidade e que a partir disso chama a atualização com um processo de resolução. Por um lado, essa entidade é capaz de carregar e produzir suas virtualidades, como por exemplo, um acontecimento que reorganiza uma problemática anterior e torna suscetível receber diferentes variações. Por outro lado, o virtual constitui a entidade de forma que as virtualidades pertencentes a um ser, sua problemática e o nó de tensões que o animam e as questões que o movem tornam-se parte essencial de sua determinação.

Assim, a atualização para Lévy (1996) surge como uma solução a um problema não estando essa solução contida previamente no enunciado do problema. A atualização é, portanto, uma criação, um devir que resolve temporariamente o virtual. O autor formula então que, na medida em que o real se assemelha ao possível, o atual não faz o mesmo, mas vem para responder ao virtual. Já a virtualização faria o movimento inverso ao da atualização, em que consistiria em uma passagem do atual ao virtual de modo que em vez de se definir por sua atualidade ou solução, a entidade encontraria sua consistência essencial num campo problemático. Sob essa ótica, o autor diferencia a atualização como um processo que vai de um problema para uma solução e a virtualização como o

movimento contrário, onde passa de uma solução já definida para um outro problema.

Dessa forma, a virtualização transforma a atualidade inicial em caso particular de um problema mais geral, fluidificando assim as distinções instituídas e aumentando os graus de liberdade. Lévy (1996) também pensa a virtualização como uma desterritorialização ao entender que nesse processo há uma espécie de desengate com o espaço físico ou geográfico e com a temporalidade de um relógio ou calendário, tornando-se assim “não-presente”. Entretanto, o autor enfatiza que não se deve confundir o virtual com algo imaginário, visto que ele produz efeitos, mas que não estão implicados no espaço-tempo.

Podemos pensar no momento em que vivenciamos atualmente, de que forma o distanciamento social e físico tem afetado a forma como vivemos e nos relacionamos. Uma parcela da população passou a desempenhar grande parte de suas atividades em casa: trabalho, relacionamentos, consumo, entre outros. Refletindo especificamente no contexto o qual estou inserida, isto é, pesquisadora e psicóloga clínica, grande parte da rotina se configurou através de telas. Reuniões, aulas, atendimentos, lazer são todos realizados através de *smartphones* e computadores. Assim, essas novas formas de viver podem ser entendidas como uma virtualização dos espaços e um processo de desterritorialização da vida. Isso possibilitou a emergência de outras formas de contato, como as *lives* que são utilizadas em diversos formatos como shows, aulas, cursos e podendo tanto serem gravadas quanto somente acessadas ao vivo.

Também podemos perceber mudanças no âmbito do ensino-aprendizagem, como a proposta do Ensino Remoto Emergencial (ERE), que junto com as discussões de desigualdade de acesso também se revela como uma forma de ensino através de vídeo chamadas, podendo também serem gravadas e gerando uma maior vigilância na prática tanto do aluno quanto do professor. Outro fenômeno que tenho percebido são as festas *online* que algumas casas de festas têm organizado para manter uma certa circulação de capital. Nelas, também podemos observar novas formas de se pensar o contato e os relacionamentos, desde pessoas dançando sozinhas em suas casas até a possibilidade de entrar em contato de forma privada com uma pessoa que esteja interessada/o. Hoje, mesmo com o retorno da maioria das atividades na modalidade presencial, percebe-se que o *online*

ainda se configura como uma possibilidade ou alternativa para pessoas que ainda não se sentem seguras em sair ou podem ficar em casa.

Nesse sentido, retomo a questão que esse trabalho se debruça, isto é, como as escritas feministas em redes sociais se atualizam em processos de resistência. Ao pensar nas escritas feministas podemos cartografar como se dá esse processo de desterritorialização da escrita ao ser atualizada em espaços como redes sociais. Apesar de partir de uma localização específica de quem escreve e quem tem acesso a essa escrita também é capaz de causar rupturas e deslocamentos ao se atualizar, ou seja, possibilitar novas criações.

Como pode ocorrer uma resistência feminista nas redes então? Como já foi exposto, essas Escritoras do Fim do Mundo vêm sofrendo diversas repressões, mas ainda assim procuram formas de continuar se manifestando nas plataformas. Para Daniela Dell'Aglio e Paula Sandrine Machado (2018), podemos entender a resistência enquanto uma forma de suspender a naturalização atribuída às normas institucionais que nos moldam enquanto sujeito para assim possibilitar uma recusa a padrões normativos. Dessa forma, retomando Joan Scott (1995) no seu entendimento sobre gênero enquanto um elemento constituído das relações sociais que se baseia a partir das diferenças entre os sexos e a afirmação de Foucault (1988) de que onde há poder, há resistência, Dell'Aglio e Machado (2018) percebem que a resistência feminista se dá na busca em questionar as hierarquizações das relações de poder que estão imbricadas ao gênero de forma a também pensar a partir de outros marcadores como raça e classe.

Mesmo com a gradual retomada de ocupação nas ruas, pudemos perceber que a utilização das redes sociais pode auxiliar nos processos de mobilização. É possível perceber isso no relato do diário a seguir:

*“Há mais ou menos dois meses uma mulher da minha cidade começou a falar com suas seguidoras sobre educação sexual para filhas e filhos. Conforme o assunto foi se aprofundando ela perguntou para as seguidoras se elas já tinham sofrido assédio na escola. Surpreendentemente ou não, muitos relatos surgiram. Ela começou a analisar os relatos e percebeu que muitas histórias se assemelhavam com a descrição da mesma pessoa. Até que ela entendeu: a maioria das meninas falava do mesmo homem, um professor. (...) O estranho é que quando comecei a ler os relatos, que foram divulgados anonimamente e sem citar o nome do abusador, eu comecei também a reconhecer o mesmo homem. Embora ele não tenha sido meu professor, passou por diversos colégios que eu conhecia, trabalhou no cursinho onde estudei e no colégio onde fiz meu estágio final da faculdade. Ele me parecia*

*bacana, amigo de todos os alunos. Fico me perguntando por que então ele que me veio à cabeça se eu o achava tão legal assim. Esses relatos percorreram histórias dos últimos dez anos mais ou menos. Todo mundo pensava na mesma pessoa. (...) Algumas semanas depois de aproximadamente 50 relatos recolhidos ele foi indiciado por estupro e assédio de vulnerável. Essa situação me deixou extremamente sensível. Fiquei me perguntando onde os professores, os funcionários das escolas estavam nesses anos todos. Onde eu estava? Eu fiz estágio em um dos lugares, já possuía certo discernimento sobre o que era assédio e afins (...). Isso dói. Abre feridas não cicatrizadas. Foi necessária a coragem de uma mulher através de suas redes sociais para expor anos de abusos e violências ignoradas como pó embaixo do tapete. Se não cuidamos umas das outras certas feridas nunca cicatrizam (diário íntimo de campo do dia 21/08/2020).”*

Histórias como essa me levam a pensar que é a partir da construção dessa rede e união entre as mulheres que se torna possível que suas histórias sejam contadas e encontrem assim forças umas nas outras. Não é novidade que a fala de uma jovem venha a ser descredibilizada e até culpabilizada quando se tratam de casos de violência de gênero. Um simples chamado à escuta e acolhimento dessas histórias em uma rede social foi o que possibilitou que muitas mulheres contassem o que havia e estava acontecendo.

Esse movimento de união e a criação de redes de apoio não é algo tão recente, há alguns anos já presenciamos a movimentação de grupos feministas, antirracistas e LGBTQIA+ em redes sociais e blogs com a finalidade de denunciar acontecimentos e problematizar diversos discursos legitimados na sociedade. Rosana Pinheiro-Machado (2019), ao analisar a atual situação política do Brasil, entende que podemos pensar o reacionarismo emergente como uma reação aos movimentos sociais como feminismo que também têm crescido de forma inédita, tendo as mídias digitais como uma das responsáveis por esse impulsionamento. O sul global é um importante representante dessa ascensão da chamada quarta onda feminista quando vemos frases como “Lute como uma garota” ficarem conhecidas no Brasil ou o cântico das marchas das mulheres “a América Latina vai ser toda feminista”. Em Moçambique, a juventude secundarista e universitária fundou o Movfemme - Movimento das Jovens Feministas que, apesar de sofrer fortes repressões, segue realizando eventos menores para falar sobre sexualidade e direitos das mulheres.

Para além disso, a mobilização nas redes sociais através do feminismo, segundo a autora, também é resultado de um processo de politização de mulheres. Reflexo disso é o #EleNão, que para além de uma hashtag, tornou-se um movimento

extraordinário de base, difuso e microscópico que organizou um ato político e serviu como convergência para outros movimentos de mulheres, seja online, seja nas ruas. No Facebook, foi criado o grupo *Mulheres Contra Bolsonaro*, o qual sofreu diversos ataques de ódio e foi retirado da rede social muitas vezes. A questão que Rosana Pinheiro-Machado (2019) levanta é que os homens não conseguiram captar o que se formava ali, onde milhões de mulheres passavam a mobilizar-se umas às outras para irem às ruas a fim de rejeitar um projeto de governo autoritário. Para a autora, o #EleNão foi, portanto, sobre nós, entre nós e para nós tornando-se um fenômeno de politização feminina e assim ampliando a participação de mulheres no debate público.

Nesse sentido, é importante pensarmos nesses processos de desterritorialização e reterritorialização nas plataformas digitais e retomarmos que outros movimentos sociais também têm se mobilizado e buscado formas de resistir dentro da web. De acordo com Guiomar Rovira Sancho (2018), com a difusão do que é chamada a *web 2.0*, pode-se observar multidões conectadas que se mobilizam em seus países constituindo constelações performativas a fim de conectar o espaço e o protesto com os fluxos de indignação. É a partir das plataformas de redes digitais sociais, como *Facebook* e *Twitter*, que uma nova forma de comunicação emerge, possibilitando outros meios de experiência de ativismo. Esses movimentos, que têm início na segunda década do século XXI, podem ser percebidos a partir da Primavera Árabe em insurreições políticas como a rebelião na Tunísia contra o governo autoritário, a ocupação da praça Tahir no Egito, o movimento #YoSoy132 no México, as manifestações de junho de 2013 e o #PasseLivre no Brasil, entre outros. Esses atos de mobilização têm em comum a utilização das redes digitais e o surgimento de multidões *quaisquer*. Assim, não só nos países a movimentação tomava forma, mas ganhava apoio global a partir da divulgação em redes a partir de compartilhamentos e *hashtags*.

Nesse sentido, cabe também lembrar a importância do feminismo negro na inserção do ciberativismo latino-americano desde a década de 90 até hoje, com a *web 2.0*. Thiane Neves Barros (2020) aponta movimentos como a Blogagem Coletiva Mulher Negra, realizada em 2012 a fim de trazer à tona datas como o Dia da Consciência Negra e o Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher, e participação da Primavera Feminista em 2015 e a Virada Feminista Online em

2016 como importantes contribuições do feminismo negro ao ciberativismo feminista aqui no Brasil. Também vale ressaltar o Geledés - Instituto da Mulher Negra, fundado em 1988 por Sueli Carneiro como um portal de grande importância e relevância no que se refere a produção de conteúdos voltados para movimentos sociais como o negro, feminismo e LGBTQIA+ e ativismo digital. Dulcinei da Conceição Lima (2017) cita como exemplo de mobilização e repercussão na web a mudança da vinheta da Globeleza, que por décadas retratava de forma estereotipada e objetalizada a mulher negra carnavalesca, agora mostrando um cenário com mais dançarinos tirando o foco do corpo dessa mulher. A autora ainda afirma:

*A escrita e os novos espaços de produção e veiculação de informação fornecidos pela internet se apresentam para as Feministas Negras como uma oportunidade de contestar estereótipos e discursos que deformam e marcam negativamente mulheres, negros, corpos e sexualidades dissonantes. Ao mobilizar reflexões acerca de assuntos como racismo, machismo, classismo, lesbofobia, transfobia, gordofobia, a partir de experiências pessoais, situações cotidianas, casos midiáticos e tendo por base a produção de acadêmicas negras (especialmente as brasileiras e norte- americanas), as mulheres negras em atuação na web tem desenvolvido uma produção que confronta as bases epistemológicas de orientação etnocêntrica e que se constitui como contranarrativas ao discurso hegemônico que invisibiliza e silencia a experiência negra e feminina (LIMA, 2017, p. 5).*

Quando Sancho (2018) cita essas multidões quaisquer se refere a forma como essas articulações políticas se davam sem constituir um sujeito ou uma coordenação centralizada, mas que se auto-organiza e mantém a autonomia. A partir das plataformas de redes sociais digitais, os *smartphones* e as conexões sem fio, não mais é necessário um lugar físico com um computador para se manifestar: é possível o fazer das ruas. Por conta dessas relações sinérgicas com as redes, o corpo torna-se ciborgue formando constelações performativas que possibilitam ocupar o espaço concreto das cidades e se orientar sozinhas. A partir de suas extensões eletrônicas, esse sujeito se utiliza das redes sociais para se manifestar mesmo que muitas vezes não seja um militante ou atue em movimentos sociais. O que se percebe, aponta a autora, é que essas multidões conectadas não possuem uma figura de totalidade, mas uma dimensão comum de singularidades colocando experiências pessoais de forma a serem compartilhadas.

Essa emergência política de qualquer um é o que Sancho (2018) nomeia como tecnopolítica, isto é, a forma como essas multidões se conectam e atuam a partir de orientações individuais e sem uma perspectiva ideológica ou identidade

própria. Assim, embora seja interessante por um lado a amplitude que esses movimentos possam ter, também deve-se atentar aos riscos que essas multidões podem gerar dentro de espaços de debates políticos:

*É assim que a multidão corresponde ao aspecto feminino submetido e invisibilizado sob uma estrutura de poder patriarcal que nega a codependência, que remove todos os valores de reprodução e que esconde a necessidade e o cuidado. Uma cultura que vê o ser humano como indivíduo autógeno, que se dá à luz a si mesmo, sem a intermediação do útero da mulher. Soberano. Capaz do que se propõe. Dotado de uma razão instrumental que utiliza “o outro” (isto é, outras pessoas) como um meio para seus fins. Um ser contido, nunca transbordado. Com bordas bem definidas, invulneráveis em relação ao exterior (SANCHO, 2018, p. 372).*

Nesse sentido, Sancho (2018) percebe que na medida em que essas multidões conectadas facilitam a emergência de um novo mundo possível também podemos observar a ascensão de discursos violentos e a manipulação dessas ferramentas para gerar discursos que promovem multidões racistas, classistas, patriarcais e lgbtfóbicas. Portanto, se diferem dessas multidões quaisquer que possuem um desejo de reivindicar seus direitos e lutar pela democracia, vão de encontro a um movimento reacionário que convém ao capitalismo e fortemente baseado em um regime necropolítico<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Conceito formulado por Achille Mbembe (2003), que, em linhas gerais, se dá como uma política de morte aplicada pelo Estado, o qual decide quem deve morrer e quem deve matar. Nesse regime, quem sofre com o terror e o medo constante de assassinato é a população preta e pobre.

## “O íntimo é político”: potências e silenciamentos em escritas feministas

### **receita de bolo para o fim do mundo**

*Para iniciarmos a receita, escolha um recipiente fundo o bastante para colocar todas as injustiças cometidas nos últimos tempos;*

*Inicie com um vírus de alto risco e contágio que se espalha rapidamente pelo planeta;*

*Em seguida, coloque no poder um presidente negacionista que desrespeita todas as recomendações dos órgãos responsáveis;*

*Misture até chegar a um número de mortes que passam de 3 mil ao dia;*

*Caso seja do seu interesse, adicione também ivermectina e hidroxicloroquina, prometo que te ajudará!*

*Pensa que parou aí? Não! Para pegar o ponto, também experimente rejeitar vacinas e autorizar aglomerações.*

*Adicione ignorância e desrespeito a gosto com pitadas generosas de fascismo e...*

*Pronto! Temos um bolo perfeito para o fim do mundo!*

*(01/04/2021).*

--

*Você solicitou entrada em uma vídeo-chamada, aguarde...*

- *Oi gente! Como estão? (longo suspiro, risada desconfortável) Sabem... tenho pensado sobre como iniciar uma conversa nos últimos dias e perguntar “tá tudo bem?” parece tão errado. Então acho melhor utilizar o “como estão?” porque **tudo** bem provavelmente não está...*

*Silêncio.*

*Talvez o silêncio diga mais.*

- *Sabe o que eu não consigo dizer mais também? “Boa semana” ou “bom final de semana!” No momento que penso em falar algo assim, rapidamente me censuro pensando se está errado procurar algum otimismo nesse momento.*

*Silêncio.*

- *Pessoal, queria pedir desculpas mas não consegui trazer nada escrito para hoje. Estou travada. Não tenho conseguido escrever.*
- ***Eu também!***
- ***Eu também!***
- ***Eu também!***
- *Tem sido difícil.*

*(diálogo criado a partir de conversas e pensamentos que tive em março de 2021).*

--

*“Em uma das madrugadas de insônia em tempos de pandemia eu me mexo para lá e para cá na cama com um turbilhão de pensamentos sobre compromissos que teria no próximo dia: acordar cedo, ler tal livro, escrever, estudar para uma disciplina e por aí vai. Faz tempo que as coisas não saem como eu planejo. É que as coisas mudaram, eu sei. Mas é difícil delimitar o que deve ser mudado em mim ou não. Nessa mesma madrugada me deparo com um vídeo de Débora Diniz, onde ela fala sobre os entraves e bloqueios da escrita e cai como*

*uma luva para mim. Decido enviar para uma amiga que, apesar de estar em um PPG de área totalmente diferente da minha, passa pelas mesmas angústias.” (diário íntimo de campo - 27/05/2020).*

Querida leitora, eu queria que este trabalho fosse sobre esperança, mas não é. É sobre resistir? Com certeza. Resistir é não ceder, não sucumbir. E resistência, nos dicionários, também diz sobre a forma como um corpo reage perante a ação de outro corpo. E, às vezes, resistir cansa. Exaure. Quando comecei a delinear o tema que escreveria minha dissertação conversava com minha orientadora sobre o quanto eu queria escrever sobre escritas feministas e escritas de mulheres, mas que não gostaria de falar sobre seus silenciamentos e sim suas potências! E eu tentei não falar sobre silenciamentos, mas no fim das contas, a potência também surge daí. Quando pensamos em resistência, devemos ter em mente que as relações de poder também se manifestam nas plataformas digitais.

“Que lá onde há poder há resistência (FOUCAULT, 1988, p.91)”, e nesse sentido quando se trata de poder não há algo que seja exterior ou escape a ele. Em outras palavras, as relações de poder atravessam os aparelhos e as instituições sem necessariamente possuírem um local específico e assim não há um lugar de grande Recusa a esse poder. Existem sim resistências, no plural, que se inscrevem nas relações de poder como interlocutoras irreduzíveis. Sua distribuição ocorre de forma irregular disseminando-se com certa densidade no tempo e espaço, formando pontos móveis e transitórios. É a partir dessa pulverização dos pontos de resistência que surgem possibilidades para uma revolução. O poder está, portanto, em toda parte, visto que provém de todos os lugares. Ele é nominado a partir de uma situação estratégica complexa em determinada sociedade (FOUCAULT, 1988). Dessa forma, podemos pensar no distanciamento social e na potencialização do uso de redes sociais e blogs como consequência da pandemia e o governo vigente, com constantes ataques e retrocessos aos direitos humanos, como condições de possibilidade para esse movimento de resistência.

Em março de 2021 vivia uma espécie de déjà vu: iniciando um processo de escrita perante um momento extremamente angustiante, assim como em 2020. “Parecia que estava tudo voltando ao normal” disse uma participante recém eliminada do Big Brother Brasil ao se deparar com o caos vivenciado nesse período o qual ela não tinha a menor noção visto que estava confinada em uma casa desde janeiro (irônico né?). Tive pequenos momentos de realmente acreditar que a

situação estava se estabilizando, mal eu sabia. Quando o segundo baque vem, parece que sentimos mais o impacto. O último trecho exposto de diário de campo escrevi ainda no primeiro semestre da pandemia, onde tudo ainda era recente e eu já estava muito assustada e exausta de tudo e mesmo assim ele pode se encaixar perfeitamente com o que ainda estamos vivenciando. Em março de 2021 continuamos à mercê de um governo negacionista e nada preparado para lidar com o COVID-19 e suas consequências. E só para reforçar esse momento de angústia, no dia 31 de março de 2021 observamos tanto nas ruas quanto nas redes sociais manifestações em comemoração ao golpe de 64. É aí que chegamos à receita de bolo.

Durante a ditadura militar, os jornais e a imprensa eram censurados das mais diversas formas, escancaradamente. Como forma de resistência, alguns jornais passaram a recheiar suas páginas com receitas de bolos, salgados e doces com ingredientes e formas de fazer que davam muito errado. Era um recado e muitas vezes uma indireta a certos políticos. Por que tantas receitas culinárias em um jornal? Além de ser uma forma de resistir à censura, também era uma forma de atingir o público feminino que lia os jornais. Adélia Borges, que escrevia em jornal na época, certa vez escreveu uma matéria sobre mulheres trabalhadoras no Brasil com estatísticas oficiais do governo que evidenciam a diferença salarial e a falta de ocupação em cargos de liderança. A edição nunca foi impressa<sup>10</sup>. Mais de 30 anos após a redemocratização, com o governo atual presenciamos novamente uma grande ocupação de cargos exercidos por militares. No início de 2019, o coletivo “*És uma maluca*” que estava com uma exposição no Rio de Janeiro teve uma de suas instalações interrompidas. Intitulada “A Voz do Ralo é a Voz de Deus”, a intervenção consistia em baratas plásticas que saíam de um ralo junto com a gravação de áudio de um discurso do presidente. No lugar do áudio começou a ecoar uma receita de bolo<sup>11</sup>.

Ao escrever o projeto, páginas do *Instagram* não tinham sido meu foco para explorar as escritas possíveis. Porém, como uma usuária do aplicativo, algumas situações acabaram evidenciando a importância de dar certa atenção a essa

---

<sup>10</sup> Reportagem disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/j57exd/como-bolos-se-tornaram-uma-forma-de-resistencia-na-ditadura-militar-no-brasil>>. Acesso em: 31/03/2021.

<sup>11</sup> Reportagem disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/xwje9z/os-artistas-nao-criaram-essa-performance-quem-criou-foi-a-ditadura>>. Acesso em: 31/03/2021.

plataforma. Nos últimos anos, o *Instagram* tem ocupado maior destaque e vem ganhando cada vez mais usuários. Uma rede social voltada principalmente para imagem acaba deixando a ferramenta de texto um pouco de lado; entretanto, devido a sua grande popularidade, muitas escritoras vêm adotando o aplicativo e deixando os blogs de lado. Na pandemia, por exemplo, esta rede social passou a ser ocupada como espaço de desabafo e registro de diários por diversas usuárias<sup>12</sup>. Porém, a rede social também possui diretrizes que possibilitam qualquer usuário denunciar contas e publicações que trazem algum tipo de desconforto como pode ser observado na Figura 1:

**Figura 1 - Como denunciar uma publicação do *Instagram***



Fonte: *Print screen* de autoria própria.

Descrição: Imagem de fundo branco com título "Denunciar"; abaixo, se questiona o porquê da denúncia e algumas opções.

Por um lado, essa política impede a circulação de páginas e publicações que propaguem discursos de ódio e violência, mas, ao mesmo tempo, parece não ter muito controle do tipo de conteúdo que está realmente sendo vinculado. Esse problema tem gerado em muitas contas, que na verdade discutem questões feministas, de raça, sexualidade entre outros, uma certa censura justamente desses grupos que propagam a opressão. Por receberem um número muito alto de

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2020/10/escritoras-transformam-angustias-da-covid-19-em-posts-no-instagram.html>>. Acesso em: 04/04/2021.

denúncias, as contas entram no chamado *shadowban*<sup>13</sup>. Esse mecanismo é uma espécie de banimento velado da rede social cujo funcionamento atua na constante e gradual perda de recursos que geralmente se tem disponível para uso, limitando assim o alcance dos *posts*, a possibilidade de realizar *lives* podendo até chegar à exclusão da conta. Pode ser entendido também como uma resposta quase automática que o *Instagram* oferece, visto que por conta de tantas denúncias os algoritmos tendem a entender que há algo de errado com a conta da pessoa. Assim, gostaria de apresentar as duas primeiras Escritoras do Fim do Mundo que têm sofrido diversos ataques os quais nos levam a questionar até que ponto vai a liberdade de expressão nas redes.

Primeiro, a escritora Polly Oliveira (@pollyoliveirareal), uma escritora negra e gorda, que utiliza suas redes para escrever sobre questões voltadas ao corpo, padrões estéticos e raça. Polly tem uma escrita política e combativa e está sempre problematizando os efeitos que as opressões sofridas no corpo feminino podem gerar sérias consequências. O *Instagram*, inclusive, por ser uma plataforma voltada principalmente para imagem (ou costumava, mas isso falarei adiante) auxilia na construção de um ideal estético para a mulher. Isso se evidenciou quando Polly, na tentativa de denunciar as consequências assustadoras de cirurgias estéticas, começou a postar fotos de seu corpo, sem nenhum filtro, efeito ou edição ao mesmo tempo em que questionava as práticas irresponsáveis e abusivas de clínicas estéticas. Em seguida, uma série de denúncias começaram a surgir contra a conta de Polly causando assim, a exclusão da mesma<sup>14</sup>; a escritora, então criou outra conta para continuar postando seus textos e expondo o que vinha acontecendo com ela.

*“Somos uma ameaça, somos a guerra eminente.*

*Nos dizem que nosso amor não é real, que somos uma farsa.*

*Eu leio tudo isso e tento alertar, sou ofendida, calada, silenciada da forma mais cruel e injusta possível.*

*Grito por apoio, por atenção, e covardemente me empurram pro lugar de vítima que eu não pedi.*

***EU NÃO SOU VÍTIMA SOU LUTA!***

*Quero lutar, avanço, gosto da trincheira, me faço trincheira se preciso for.*

*Confrontamos, resistimos, afrontamos.*

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://dcomercio.com.br/categoria/tecnologia/shadowban-o-banimento-velado-do-instagram>>. Acesso em: 31/03/2021.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/maqui-nobrega/2021/01/07/por-que-o-instagram-quer-silenciar-essas-mulheres.htm>>. Acesso em: 31/03/2021.

*Isso assusta, amedronta.  
Nos atacam, nos fazendo recuar mais uma vez,  
Insistimos em não desistir.  
Eu grito:  
Isso é Aceitação!!!  
Aceitem a ação.  
Já não suportamos silenciar, queremos falar.  
Eu sei que não é fácil para muitos olharem meu corpo e minha alegria e achar real.  
Afinal não sou o que programaram, aliás já disseram até que nosso amor é uma ditadura.  
Eu me desviei da rota e me recusei calar.  
Quero acordar outras, não é fácil, pois muitas insistem em dormir.  
Quero alertar, sacudir, muitas não entendem.  
Insisto não desisto, porque sei que a revolução já começou.  
Um corpo livre é capaz de libertar muitos outros.  
Cara Maria, eu te digo que sim, o GRITO DA MILITÂNCIA VAI SIM Continuar ensinando que  
somos lindas, somos amadas, cuidadas, e te digo que nosso corpo de todas as formas  
glorificam ao Deus na qual acreditamos.  
Eu sinto muito que seu Deus não me aceite e que seja o meu corpo o impeditivo pra isso,  
logo eu que cuidei tanto do coração achando que era ele o que Deus queria.  
Meu corpo é funcional, ele funciona em todas as dimensões, da forma mais visceral  
possível, talvez seria a sua capacidade de amar e ver beleza no real que está disfuncional.  
Que pena Maria.  
Que mente limitada, que Deus perverso o seu”.*  
(Último post da escritora antes de ter sua conta suspensa, dia 29/12/2020).<sup>15</sup>

Já a escritora e psicanalista Manuela Xavier (@manuelaxavier), uma mulher branca e dentro dos padrões estéticos instituídos em nossa sociedade, também vem sofrendo ataques à sua conta. Manuela também segue uma escrita crítica e ácida denunciando os efeitos do discurso patriarcal aliada a uma perspectiva interseccional. A psicanalista, mesmo censurada, afirma que seu compromisso é com as mulheres. No início do ano utilizou o Big Brother Brasil (BBB) como exemplo para traçar um paralelo dos tipos de homens que são protegidos em nossa sociedade. Por conta disso, suas publicações são constantemente denunciadas e deletadas, causando também o risco de perder a conta.

Como estratégia de resistência, Manuela criou outra conta intitulada @receitadebolomx onde, inspirada nos jornais da época da ditadura, tem colocado todos os textos que são deletados e denunciados em sua conta oficial. Seguiu assim, até que na madrugada do dia 29 de maio de 2021, coincidentemente ou não, data em que ocorreu a primeira grande mobilização do ano a favor do *impeachment*

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJZqjloBb91/?igshid=m6zq236t833h>>. Acesso em: 04/04/2021.

do presidente, a conta de Manuela também foi tirada do ar. Apesar de já estar lidando com o *shadowban* há alguns meses, a escritora acredita que o motivo principal da “punição” foi por ter gravado alguns stories debochando de ex participantes do BBB por eles sempre fazerem a mesma pose para as fotos. Retornou para a sua conta reserva alterando o nome para @voltamanuelaxavier onde escreveu o seguinte texto:

*“Esse é o preço de lutar contra o sistema.*

*E eu pago.*

*Ontem de madrugada o @instagram @instagramforbusiness @facebook concretizou as ameaças que vinha fazendo à minha conta.*

*Depois de passar meses tendo meu conteúdo boicotado, tendo perdido meu direito a live, tendo meu alcance limitado, tendo sumido da busca na lupa; mantive meu engajamento entre 10 e 13%. Imagina quantas mulheres eu acessaria se não fosse o boicote?*

*Quantas mais de perceberiam numa relação 4bu\$!.v@, quantas mais poderiam se beneficiar gratuitamente dos meus coletivos de suporte jurídico e psicológico?*

*É isso que o Instagram não permite quando me boicota. Ele não censura e silencia apenas a mim, mas a MILHARES de mulheres.*

*Meu trabalho é muito sério aqui.*

*E é desgastante resistir.*

*Preciso da ajuda de vocês, do barulho de vocês pra ter minha conta de volta!*

*Ou pra repovoar essa aqui caso a anterior realmente se perca.*

*Marquem quem vocês puderem, compartilhem até chegar em alguém que possa fazer alguma coisa!*

*Agora é a hora da gente gritar!*

*#devolveacontadamanu”<sup>16</sup>*

A conta de Manuela também foi reativada após um tempo, porém ela segue utilizando a outra para tratar de assuntos mais polêmicos. O que essas situações me levam a pensar então, prezada leitora? Ocupar os espaços das redes sociais mostra-se urgente, posto que atualizam relações de poder e resistência. Que bom que Manuela e Polly seguem resistindo, mas entendo que também é um processo muito cansativo. Tem algo que converge nessas situações, algumas pistas dos rumos que este trabalho pode tomar. Aquilo ao que se deve resistir parece, por vezes, impalpável e indecifrável. De onde vem essa censura? Das pessoas ou dos algoritmos? Onde eles se distinguem? Ou viria da lógica neoliberal, que ganha cada vez mais espaço nas redes? Ou, ainda, de um governo negacionista, misógino e racista? Teria a pandemia alguma influência nesses atos de censura e

---

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CPdQZL8gM\\_u/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/p/CPdQZL8gM_u/?utm_medium=share_sheet)>. Acesso em: 12/07/2021.

silenciamento? Talvez não diretamente, mas em um momento em que ir às ruas torna-se tão difícil, utilizar as redes sociais pode ser uma ferramenta de resistência indispensável. Escrever em plataformas digitais converge com outras circunstâncias: se em tempos de ditadura a ação direta dos militares retirava os microfones de Chico Buarque e Gilberto Gil, cortava qualquer incitação dos jornais, permitindo somente receitas de bolo e torturava militantes das formas mais perversas, atualmente a censura vem de formas mais veladas. Seja por algoritmos que limitam o que podemos ver, seja pela exclusão de contas que denunciam o que está acontecendo.

*“Chapéu de Sol, 30.03.20, dia 1/14.*

*Há 13 anos atrás eu arrumei minhas malas e fui morar longe de casa. Havia um mundo inteiro pra descobrir, muitas batalhas a travar. Eu tinha pressa e não tinha medo, e tinha só 18 anos.*

*Hoje, 13 anos depois, volto com a mesma mala pra esse lugar de onde saí, agora com medo e o desejo de que esses 14 dias passem voando. Depois dos 14 dias, suponho que tenho mais dois meses de isolamento familiar aqui nessa casa-coração em que já sinto as certezas mudarem de lugar e uma fenda de possibilidades se abrir. É tempo de suspensão. Começo hoje minha quarentena junto com poc pra garantir que estamos chegando do rio sem oferecer risco nenhum a minha família.*

*Essa é uma quarentena de paradoxos: é difícil estar tão perto de quem amamos e também tão longe, aqui nessa abissal distância de 2metros sem poder beijar ou abraçar. É reconfortante estar tão longe e tão perto de quem amamos em ligações de vídeo intermináveis cheias de fofoca e afeto.*

*Desde ontem que pisei aqui, com a suposta ameaça de trazer o perigo pra dentro de casa, me encontro com as dificuldades de fazer um isolamento dividindo a casa com outras 5 pessoas. E estou numa casa com 1500 metros quadrados. Me dou conta que essa pandemia vai instalar um verdadeiro genocídio quando infectar o primeiro morador de um barraco na favela onde moram 5 pessoas num mesmo cômodo de 30metros quadrados.*

*Me dou conta que o presidente empurra os trabalhadores precarizados ao abismo da morte e em questão de dias a tragédia vai saltar aos nossos olhos.*

*O vírus é o capital.*

*A pandemia já chegou muito antes do corona: é a desigualdade social.*

*Se protejam e protejam o coletivo.*

*Calem Bolsonaro.*

*Destruam o capitalismo.*

*Politizem as pautas.*

*Não romantizem a quarentena.*

*Quarentena é privilégio.*

*A barbárie está chegando e nós estamos encastelados.*

*Tem gente aí fora sendo lançado aos leões do neoliberalismo e da necropolítica.*

*Quem sobreviver a essa catástrofe carrega a ossada de outros tantos. É hora de assumir um compromisso ético e político.*

*O apocalipse já foi. Você que só está vendo agora que chegou na sua cobertura.*

*Despertar também é político.*

*Adormecer é canalhice.”*

(post de Manuela Xavier, escrito dia 30/03/2020, início da pandemia).<sup>17</sup>

“O vírus é o capital” afirmou Manuela logo nos primeiros dias de distanciamento; “Somos uma ameaça, somos a guerra iminente” escreveu Polly no final de 2020. Elas ainda não sabiam, mas alguns meses depois descobriríamos que o governo recusou mais de 70 milhões de doses da Pfizer ainda de em 2020 alegando diferenças contratuais<sup>18</sup>. Não é preciso ser uma Escritora do Fim do Mundo ou vidente para saber que esse atraso e lentidão das aplicações de vacina se tratam de um projeto genocida às populações subalternizadas. Não é preciso também perceber que a rapidez<sup>19</sup> das aplicações das vacinas em países do Norte Global trata-se de um regime neocolonialista que visa o retorno da estabilidade econômica desses países. É preciso apenas estar atenta.

Dia 03 de novembro de 2020, aconteceu uma situação que afetou diversas mulheres no Brasil. Tivemos o vazamento de alguns trechos da audiência do caso de Mari Ferrer<sup>20</sup>, mulher que foi drogada e estuprada em 2018 em uma casa de festas em Florianópolis. Em suas redes sociais, Mariana relatou a situação de violência e o quanto aquilo afetou sua vida: desenvolveu depressão e crises de pânico, não consegue sair de casa, entre outras questões. O estuprador, homem branco, classe média alta e conhecido na cidade vem negando as acusações e mostrando o lugar privilegiado do qual se encontra ao não sofrer com as consequências do seu ato. O que mais choca dos trechos da audiência, é a forma como Mari é tratada pelo juiz e os advogados do caso: mais uma vez é violentada e silenciada: tem que escutar, sozinha, daqueles homens, frases como “não adianta vir com esse teu choro dissimulado” e “teu showzinho tu dar lá no teu Instagram depois”. É triste, perturbador e violento para qualquer mulher escutar tais áudios. Mobilizada pela situação, decidi escrever um texto para postar em minha conta pessoal no Instagram:

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-XPXuFJL-s/>> Acesso em: 04/04/21.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57079497>> Acesso em: 15/05/2021.

<sup>19</sup> Disponível: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-02-18/com-so-10-paises-recebendo-75-das-vacinas-fracasso-moral-vem-em-elevadas-doses.html>> Acesso em: 15/05/2021.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/10/caso-mari-ferrer.htm>>. Acesso em 05/08/2021.

*“Ano passado eu soube que, até 2005 existia uma lei que, caso a mulher casasse com o homem que a estuprou, o crime seria anulado. Era o que chamavam de Crime contra os Costumes. Este ano, descobri junto com milhões de mulheres que, mesmo quando o estupro for comprovado, ele ainda pode ser considerado “culposo”, sem intenção. Sentença essa, que diga-se de passagem, foi marcada por privilégios de raça e classe por parte do estuprador. O absurdo disso é indiscutível, mas gostaria de pensar no efeito que isso terá na vida de nós, mulheres, daqui para frente. Primeiro, o efeito irreversível que isso terá na vida de Mariana Ferrer. A vida dela gira em torno desta experiência devastadora há quase dois anos. Vocês conseguem imaginar a dimensão disso? O que isso pode fazer com o psicológico de uma mulher?”*

*Grande parte das mulheres que eu conheço já passou por algum tipo de violência sexual, desde assédio até estupro. Eu já passei, muitas mulheres que atendi passaram, muitas amigas passaram. Entender as consequências que essa sentença terá em nossas vidas é aterrorizante demais.*

*Mariana Ferrer passou de vítima a culpada em questão de segundos e está tudo gravado. Ela teve que se defender sozinha, entre quatro homens constantemente a atacando. O vídeo mostra explicitamente o que já sabíamos: o corpo da mulher nunca foi dela, mas do homem. Entre soluços e lágrimas desesperadas Mariana pedia, implorava por respeito; como resposta recebia: “não adianta vir com esse teu choro dissimulado” e “teu showzinho tu vai dar lá no teu Instagram depois”. Uma mulher que foi drogada, estuprada e abandonada.*

*Esse texto é uma forma de elaborar, comigo, o que aconteceu hoje. Sinto que estamos gritando em uma caverna vazia: só escutam os nossos ecos. Mesmo assim, sigo acreditando que alguma justiça há de ser feita. #justiçapormariferrer”<sup>21</sup>*

No momento em que escrevo a dissertação, a conta do Instagram de Mari está privada,<sup>22</sup> o que já aconteceu algumas vezes desde que ela moveu processo por conter evidências. No perfil, ela costuma postar textos sobre a violência e os impactos em sua vida, chegando a quase 3 milhões de seguidores. O caso ganhou repercussão e mobilização por conta do alcance de sua página, mas também por conta do vazamento dos áudios da audiência. O estuprador, André de Camargo Aranha, foi absolvido da acusação de estupro de vulnerável por alegações de que não haveria comprovação de que ele não soubesse que ela não teria consentido. Se já não bastasse tudo isso, Mari teve que passar também por diversas violências na audiência como *gaslighting* e *slutshaming* sendo inclusive utilizadas fotos suas antes do acontecimento para justificar o ato. Lembro que quando publiquei, o texto teve

---

<sup>21</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CHJP\\_qiMb0e/](https://www.instagram.com/p/CHJP_qiMb0e/)>. Acesso em: 05/08/2021.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/maribferrer/>>. Acesso em: 05/08/2021.

certo alcance entre as pessoas que eu seguia e me seguiam, além de comentários de mulheres que conheço:

*“A gente chora vendo o vídeo, porque a dor de não ser escutada, de não ser respeitada e de ser tratada que nem um amontoado de carne todas nós já sentimos, em algum grau. Muito difícil ser mulher, viu... Cada vez mais... □”*

*“Triste demais.... dói na alma de todas nós...e saber que isso é uma realidade diária ...□”*

*“Falta palavra para dizer do desamparo que é ser mulher nesse país □”*

--

*“O ÍNTIMO É POLÍTICO. Qualifiquei meu projeto em novembro de 2020, período de eleições municipais. Lembro que naquele mês, talvez um pouco antes, em outubro, iniciou o processo de reabertura de bares, cinema, as praias voltaram a lotar e ali era o (re)começo dos tempos amedrontadores que iríamos sentir após o carnaval deste ano. Na escrita do projeto, já havia iniciado meu diário de campo que passei a chamar de diário íntimo, por acreditar que não se tratava apenas de anotações do que encontrava no campo, mas de afetações da minha vida privada que, de certa forma, se encontravam com o contexto atual e as escritas que encontrava nas redes. Uma professora da banca então questionou a utilização deste termo e sugeriu que isso fosse melhor explorado e relacionado com o “pessoal é político”, utilizado por tantas escritoras e pesquisadoras feministas (diário íntimo de campo - 15/03/2021).*

*“Ontem em uma fala de uma pesquisadora sobre seu percurso na escrita da tese de doutorado ela citou a utilização do diário de campo como instrumento metodológico. Revelou então da dificuldade que teve em manter esse diário em um processo de escrita constante e associou ao fato do quanto é difícil escrever sobre nossas fraquezas e, por que não, potencialidades. Rapidamente me identifiquei com essa narrativa. Tem sido difícil manter um diário. Logo lembrei que, na verdade, sempre tive muita dificuldade em manter diários, desde quando era criança: comprava um diário e no início era uma experiência empolgante, relatava cada detalhe do meu dia, meus conflitos, conflitos com os outros, etc. Porém, com o passar do tempo eu sempre acabava abandonando. Me pergunto hoje o que acontecia para eu me desmotivar com a escrita. Uma hipótese surge: é muito difícil (para uma mulher) falar de si. É difícil, é invasivo. Somos ensinadas a ficar quietinhas e não reclamar muito. Demonstrar vulnerabilidade nos coloca em um campo de fraqueza. É essa a decisão que somos levadas então: melhor deixar para lá. (diário íntimo de campo - 05/12/2019)”.*

Escrever em tempos de pandemia é também fazer e contar histórias, sejam pessoais, íntimas ou da outra. Nesse sentido, começo a observar as diferentes escritas feministas durante a pandemia como experiências particulares e íntimas; histórias que são contadas de diferentes pontos de vista acerca de um contexto comum a todas. Denomino o íntimo enquanto político por acreditar que, para além

de uma experiência pessoal, os relatos também são constituídos de uma certa intimidade marcada por afetação.

Vinciane Despret e Isabelle Stengers (2011), ao refletirem sobre a ocupação de mulheres nas universidades, reforçam a importância de realmente se afirmarem nesses espaços como fazedoras de histórias ou criadoras de caso, em tradução livre, e dessa forma aprofundar os debates de forma política. Não se trata nesse caso apenas de aceitar o convite de “homens cultos” e ingressar na universidade, mas ocupar esse lugar de forma crítica e afirmativa. Para isso, elas reforçam o sentido do pessoal enquanto político para reconhecer essas histórias a partir das particularidades vivenciadas formando assim um “nós”. Nesse sentido, pensar o pessoal enquanto político também deve se tratar de considerar as diferentes experiências das mulheres de forma corporificada, como Donna Haraway (1995) já apontava. bell hooks (2019), reforça que o feminismo para além de lutar contra a dominação patriarcal também deve ter como objetivo a erradicação de todas as formas de opressão e exploração:

*É esse movimento político que mais radicalmente se dirige à pessoa - ao pessoal - mencionando a necessidade de transformação do eu, dos relacionamentos, para que possamos ser mais capazes de agir de um modo revolucionário, desafiando e enfrentando a dominação, transformando o mundo fora do eu. (...) O reconhecimento da interconexão entre sexo, raça e classe enfatiza a diversidade da experiência, forçando uma redefinição dos termos para a unidade. Se mulheres não compartilham “opressão comum”, o que pode servir então como base para nos juntar? (hooks, p.62-63, 2019).*

Dentro dessa perspectiva interseccional, bell hooks (2019) ainda assinala que ao pensar acerca do pessoal enquanto político é preciso reconhecer junto a isso a complexidade das estruturas de dominação para não adentrar em uma consciência política muito rasa. Essa consciência rasa pode levar ao afastamento de muitas mulheres do feminismo, pois ao lerem relatos pessoais que nomeiam ou revelam dor que não possuem estratégias de resistência ou transformação muitas passam por um sentimento de desintegração e certa hostilidade diante de suas condições perante a sociedade. Assim, a autora propõe pensarmos modelos que levem a uma mudança radical em nossas vidas e que dessa forma tenham um sentido para as massas de mulheres.

É isso que muitas mulheres têm feito nas páginas que tenho acompanhado. Mesmo com suas contas deletadas, ataques diários e uma constante invalidação de

seus discursos, elas buscam formas de mostrar que ainda estão ali, atentas e resistindo. Por muito tempo não pudemos contar nossas histórias visto que elas foram escritas pelo famoso arquétipo do homem-branco-cis-europeu e agora, mesmo com essa possibilidade, a repressão ainda é grande. Temos um aumento gradual e lento de acesso à internet, porém as redes sociais mais utilizadas atualmente têm um homem branco como rosto e figura de poder. Mesmo assim, ocupar esses espaços é importantíssimo, para impedir que nossa história continue sendo contada por eles.

**(pausa) “Mas quem são essas mulheres?” interpelações entre o uso do íntimo enquanto político e a categoria Mulher**

*“Antes de escrever eu hesito. Apago e hesito. Volto atrás. É isso mesmo? Estou em um grupo de trabalho com pesquisas sobre escrita e gênero e é difícil não me identificar com determinadas narrativas. Dado momento, uma fala contagia não só a mim, mas a várias mulheres. A fala seguinte não consegue conter as lágrimas, todas choramos. Quando sinto as emoções me atingirem, hesito. Sinto uma dor de garganta e aí eu lembro. ‘Engole o choro, Amanda’ era o que minha mãe dizia quando eu fazia birra ou estava chateada com algo. ‘Engole o choro, está fazendo drama!’ Internalizei isso ao longo dos anos. Acho que engoli muitos choros. Quando vejo uma sala repleta de mulheres que se permitem chorar, transparecer sua vulnerabilidade, me sinto deslocada. Ao mesmo tempo, essa cena me lembra o que me mantém na academia e na pesquisa. Podemos hesitar sim, chorar sim, contradizer sim. Aí me lembro da dor de garganta novamente, essa sensação de entalo, presa. Certa vez, li o relato de uma mulher que, após ser estuprada, teve sua traqueia fraturada. Por causa disso, sua fala por vezes ficava desconexa, falhada. Marcas dessa violência, dizia que sua fala se tratava de uma fala fraturada. Faz mais de um mês que sinto esse desconforto na garganta, as vezes esqueço ele, as vezes ele volta quando lembro. Ele começou quando passei por uma situação traumática com meu corpo. Acho que estou tentando engolir essa experiência e não consegui. Estou engolindo um choro que está entalado há muito tempo. Ser forte em uma sociedade de homens não é não chorar, é mostrar a potência do nosso choro. Nós sofremos, e mostrar isso é mostrar essa força. (diário íntimo de campo - 16/11/2019).*

Acredito que esse trecho acima foi a primeira escrita de diário (íntimo) de campo que fiz, e insisto muito nela. Foi especialmente íntimo o escrever e me colocou em uma situação ainda mais vulnerável quando decidi ler nesse mesmo grupo de trabalho. Dolorido e libertador. Como pode existir duas sensações tão opostas caminhando lado a lado? Acredito que passei por uma experiência íntima e política quando decidi ler um relato de uma vivência após escutar por longos minutos um homem se queixando sobre o fato de não terem permitido ele apresentar seu trabalho. Muitas críticas se fazem quanto à formulação do pessoal enquanto político. Há uma grande tendência de beirar à discursos individualizantes e essencializados, e realmente é importante estar atenta a esses riscos. Dentro dessa perspectiva, a própria compreensão da categoria Mulher é colocada em pauta e aqui me ancoro na reflexão de Judith Butler (2019), que apesar de também ter seus incômodos quanto a noção de “o pessoal é político” expõe que é diferente utilizar um termo sabendo de sua insuficiência ontológica e articular uma visão de um feminismo normativo que celebre uma essência ou natureza. Neste trabalho, se colocou desde o início como questão falar sobre feminismo e mulheres (que são questões distintas, mas que se encontram aqui) sem me deixar capturar ou compactuar com discursos hegemônicos

e violentos, que excluam de alguma forma mulheres. É um trabalho difícil e de poucas soluções e como afirmei no projeto de qualificação, continuo “permanecendo com esse problema”.

Entretanto, não podemos negar que por muito tempo foi silenciado a nós, mulheres, o direito de contarmos nossas histórias por conta de um discurso pautado no estereótipo de que mulheres pessoalizam e sentimentalizam tudo. Nossas histórias são singulares, mas também advêm de uma estrutura feita para oprimir. Quando me refiro a esse “nós” primeiramente estou me referindo a categoria mulher como um marcador de diferença que sofre múltiplas opressões conforme mais marcadores são adicionados a esse corpo: raça, classe, sexualidade, entre outros. Adoto o termo “nós” não para unificar ou universalizar a multiplicidade de mulheres que constituem esse termo, mas para habitar o problema de que não há uma separabilidade entre as opressões que cada mulher sofre.

Audre Lorde (2019), em seu texto publicado originalmente em 1980, reflete que reconhecer a diferença é o que torna possível identificar as armadilhas às quais as mulheres são submetidas. Assim, a autora afirma que a rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade para fomentar uma economia baseada em lucro. Como parte dessa economia todas e todos fomos programados para sentir e reagir perante às diferenças de forma a ignorá-las, imitá-las ou destruí-las. A saída, portanto, é pensar para além de opressões binárias como homem e mulher, desenraizar os padrões de opressão que cada uma carrega e partir assim para uma mudança social.

Em seu ensaio publicado em 1985 “Pode o subalterno falar?” Gayatri Spivak (2010) afirma que para se adotar uma prática radical é preciso se atentar ao duplo sentido do termo representação e não em inserir o sujeito a partir de conceitos totalizantes de poder e desejo. Assim, devido à violência epistemológica imperialista, social e disciplinar, um projeto que seja compreendido em termos essencialistas deve circular por uma prática de texto radical de diferenças. A autora define o subalterno como uma diferença da burguesia e nesse sentido entende que não há um sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si. Ainda, pensando nesse contexto da produção colonial, a autora reflete que se o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino se encontra ainda mais silenciado, visto que a construção ideológica de gênero mantém

a dominação masculina. Dessa forma, a autora conclui que o subalterno, portanto, não pode falar e se tratando da mulher não há valor algum que a torne como um item que seja prioridade global. Cabe a mulher intelectual uma tarefa circunscrita que seria a de trazer uma consciência subalterna e inspirada por Derrida “tornar delirante aquela voz interior que é a voz do outro em nós”.

Ainda nessa linha, Spivak (2010) se mostra interessada em uma proposta de alinhar o feminismo à crítica ao positivismo e a uma desfetichização do concreto. Assim, pode-se pensar no conceito também utilizado por Spivak (1996) denominado *essencialismo estratégico* o qual seria utilizado de forma tática e intencional com um interesse político manifesto. Bahri (2013), em consonância a esse pensamento, entende a importância de utilizar esse conceito na medida em que haja um contexto específico e bem definido para o trabalho realizado. Dessa forma, na medida em que se determinam objetivos específicos para isso, justifica-se a necessidade postular uma identidade de grupo com traços comuns de forma que favoreça seus interesses e continue a se debater (e criticar) a hegemonia de uma identidade essencial.

Dessa forma, a utilização de conceitos como *essencialismo estratégico* e *diferença* se mostram fundamentais para a construção desse trabalho. Isso se justifica na medida que, ao abranger a atualização de escritas feministas em processos de resistência em redes sociais, é importante contextualizar que feminismos são esses que falarei, que mulher é esta que falarei e assinalar o local do qual falo. A utilização desses termos tornam-se então pilares para compreender a multiplicidade de mulheres que falarei de forma a considerar a diferença entre elas e ao mesmo tempo não excluir essas diferenças do processo. Portanto, utilizar o essencialismo de forma estratégica vem como uma alternativa a uma essencialização que cause generalizações e despreocupação com contextos e culturas.

A partir desses questionamentos, considero importante delimitar como a categoria *mulher* é entendida para essa pesquisa. Monique Wittig (2019) considera que “mulher” deve ser entendido como uma formação imaginária, enquanto “mulheres” são o produto de uma relação social. Dessa forma, é fundamental primeiramente desassociar por completo o termo “mulheres” enquanto a classe dentro da qual lutamos de “mulher”, o mito. Trata-se de uma luta política a qual entende que tanto a categoria “mulher” quanto a categoria “homem” são categorias

políticas e econômicas, não eternas. Isso se dá a partir da compreensão que o termo “mulher” não consiste em cada uma de nós, mas em uma formação ideológica e política que nega “mulheres” enquanto produto de uma relação de exploração. Assim, a partir do abandono do mito “mulher” e do reconhecimento que problemas tidos como “subjetivos”, “individuais” são na verdade problemas de classe, se torna possível alcançarmos nossa subjetividade.

Donna Haraway (2019), entende que se deve ter um reconhecimento de que categorias como gênero, raça e classe são social e historicamente constituídas, e, portanto, não poderiam formar a base da crença em uma unidade essencial. Dessa forma, não existe um “ser” mulher, pois trata-se de uma categoria altamente complexa cuja construção se deu a partir de discursos científicos e práticas sociais questionáveis. A autora afirma que a conquista da consciência de classe, gênero e raça se deu a partir da terrível experiência histórica que o capitalismo, colonialismo e patriarcado impuseram. Assim, esse “nós” que fundamenta um mito político de uma suposta identidade generalizada acaba funcionando para mulheres de uma localização específica e familiar: corpos brancos, classe média, feminilizados. No momento então que se toma consciência de que não existe um “nós”, todas as outras categorias são desnaturalizadas. Para isso, a autora propõe o conceito de ciborgue para pensar os limites e fronteiras do corpo. Nesse sentido, as feministas-ciborgue defendem que não exista mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção é uma totalidade.

Assim, entendo que “mulher” enquanto um ser único, essencializado, é um mito, existem “mulheres” que não podem ser determinadas a partir de um saber biológico ou por discursos sociais. Mais uma vez, retomo a importância da localização do corpo de cada mulher que fala e escreve e que a luta ético-política pelo reconhecimento desses corpos como singulares, do entendimento de gênero como uma diferença localizada (HARAWAY, 1995) e pela desestabilização de categorias como gênero, classe e raça é um dos interesses dessa pesquisa. Também considero importante se pensar na imagem do ciborgue enquanto dispositivo que questiona os dualismos e possibilita novas formas de contar histórias para além do que o mito ocidental, falocêntrico, tem feito.

*“Como escrever sem um corpo? Como ter um corpo sem escrever? essas questões me atravessam cotidianamente. Quando escrevo, falo de mim, mesmo que não queira. Falo de*

*outras também, talvez. Escrita para mim é cura, se é que ela existe. Escrita para mim é necessidade, é oxigênio, é fuga. Na academia legitimam um discurso descorporificado, 'neutro', eles dizem. Mas se me retiro do texto a escrita parece perder sentido. Do que estou falando então? A partir do que eu falo? Escrita também é angústia, dor, enfrentamento. Falar de mim também dói, me expõe e vulnerabiliza. Mesmo assim o faço, não vejo outra saída". (diário íntimo de campo - 19/11/2019)*

Dentro disso, também interessa discutir um feminismo que se aplique a um país colonizado, do Sul Global, como o Brasil. Nessa perspectiva Luciana Maria de Aragão Ballestrin (2017), propõe o que chama de Feminismos Subalternos a partir da compreensão de subalternidade elaborada por Spivak (2010), em que se trataria de uma subalternidade dentro do próprio feminismo, preocupada em denunciar diversas expressões de feminismo que tornam-se elitistas e hegemônicas. Dessa forma, pensa-se uma forma de essencialismo estratégico, também construído por Spivak, que seja articulada sob a ótica da interseccionalidade entre marcadores de gênero, raça, classe social, etnia, entre outros. A partir disso, tendo em vista que uma teoria feminista se orienta a partir de problematizações acerca de corpo, sexualidade e gênero, os feminismos subalternos entendem o poder patriarcal somado ao poder colonial. Portanto, a autora exemplifica que o corpo feminino seria então o primeiro "território" a ser ocupado e violado pelo colonizador, sendo este o homem branco, cristão, europeu e heterossexual.

Essa violação do corpo feminino pelo colonizador se dá pelo fato que era negada a humanidade às pessoas colonizadas e escravizadas como os indígenas, as mulheres e os escravizados a partir de uma justificativa de lógica binária que ainda hoje regulam a modernidade ocidental como barbárie/civilização, homem/mulher e branco/negro. Ballestrin (2017), ainda afirma que muitas vezes o movimento feminista acaba repetindo essas lógicas binárias e por conta disso gera discursos universalistas, ocidentalistas e eurocêntricos. Assim, o feminismo subalterno vem para questionar esses discursos e propor um feminismo mais justo e igualitário.

Ainda nessa perspectiva, ainda considero fundamental aprofundar a questão do Feminismo Decolonial a partir do conceito de *colonialidade de gênero* proposto por María Lugones em seu texto "Rumo a um Feminismo Decolonial", de 2010. A autora argentina pensa o conceito com a finalidade de complexificar o entendimento do sistema capitalista global de poder ao mesmo tempo em que critica a compreensão de gênero limitada ao acesso sexual às mulheres. Lugones (2019),

utiliza o termo colonialidade para assim refletir sobre o processo ativo que ocorreu de desumanização do colonizado, isto é, somente os colonizadores, por se considerarem civilizados eram homens e mulheres; os povos indígenas das Américas e escravizados africanos eram não-humanos e, portanto, classificados como fêmea e macho. Portanto, pensar na colonialidade de gênero é entender primeiramente que não há mulher colonizada e sim a fêmea colonizada. Segundo, deve-se pensar na intersecção entre gênero/classe/raça como uma construção central do sistema mundial capitalista de poder.

Assim, ao pensar um Feminismo Decolonial, María Lugones (2019) entende o feminismo a partir da sua origem e da diferença colonial enfatizando sua intersubjetividade historicizada e encarnada. Com isso, descolonizar os gêneros se trataria de uma práxis com o objetivo de transformar uma crítica de opressão de gênero em uma mudança viva na sociedade. Como possibilitar essa mudança? A autora acredita que o cerne estaria em entender o processo oprimir → ← resistir no lócus fraturado da diferença colonial e as pessoas que resistem como oprimidas pela construção colonizadora do lócus fraturado. Esse lócus fraturado é entendido a partir de uma dicotomia hierárquica que forma a subjetivação do colonizado e se rompe a partir da resistência desse indivíduo contra a invasão colonial, como por exemplo, a partir da multiplicidade de mulheres de cor nos seus feminismos.

A diferença colonial também é acionada ao ser definida como o espaço onde a colonialidade do poder é acionada, isto é, no momento em que há o confronto entre dois tipos de histórias locais caracterizadas por serem perspectivas subalternas que estão alocadas em tempos e espaços diferentes ao redor do mundo e atuam como resposta a um discurso e perspectiva hegemônicos. A autora vê no pensamento marginal feminista uma possível saída onde o limiar da margem é um solo, uma fronteira e não uma divisão que continue repetindo hierarquias dicotômicas.

Pensando nos entrelaçamentos entre uma proposta de feminismo decolonial e se questionando como entender a categoria mulher dentro de uma perspectiva latino-americana, me encontro com o texto de Gloria Anzaldúa, intitulado “*La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*”, escrito em 1987. Nele, a autora propõe, inspirada em José Vasconcelos, uma nova consciência *mestiza*, uma consciência de mulher, baseada em fronteiras, isto é, que se contraponha à uma

política de pureza racial praticada pela América Branca. A partir das misturas de raças que ultrapassam fronteiras gera-se uma nova consciência que não mais resulta em um ser inferiorizado. *La mestiza*, como aponta a autora, se encontra em um estado de colisão cultural, enfrentando uma luta de carne, de fronteiras e uma guerra interior.

Dentro de inúmeras possibilidades, *la mestiza* se percebe em mares desconhecidos, se movendo para fora de lógicas cristalizadas e um raciocínio objetivo inspirado no pensamento ocidental. Precisa pensar de forma mais ampla: tolerar contradições, ambiguidades e assim transformar essas ambivalências em outra coisa. A consciência *mestiza* objetiva mudar a forma como entendemos a realidade e se desmontar de dualidades que a prendem. Anzaldúa (2019), faz uma analogia com o milho, o qual é um produto híbrido assim como a *mestiza*, isto é, formulado para sobreviver diante de diferentes condições. E assim como a espiga de milho que é um órgão feminino que produz sementes, a *mestiza* é tenaz, se prende à terra e assim sobrevive à encruzilhada. Esse pode ser um caminho difícil e como a autora afirma algumas coisas talvez precisem ser deixadas para trás. Conforme caminha, a *mestiza* precisa por a história em uma peneira para assim separar o que é mentira e imposto e ficar com a força a qual ela tem sido parte. É preciso que rompa com tradições de culturas e religiões que oprimem e assim reinterprete essas histórias, usando novos símbolos, criando novos mitos. É um processo de construção e desconstrução, de vulnerabilidade, transformação. Neste sentido, Anzaldúa (2019) também aponta que a luta da *mestiza* é também uma luta feminista:

*Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e lhe dá novos significados (ANZALDÚA, 2019, p. 327).*

## **Sobre o medo de mergulhar em águas desconhecidas e a potência de contar histórias**

Como todo trabalho cartográfico, na medida que me proponho a isto, também percebo o quanto meu corpo deve estar presente na pesquisa. Para isso, assim como em um mar desconhecido, o qual pouco tenho noção de sua profundidade e imprevisibilidade, adentro na possibilidade de circular entre três personagens: uma cartógrafa-feminista, que está disposta a habitar os territórios conhecidos e desconhecidos das redes sociais a procura de Escritoras do Fim do Mundo, que estejam de alguma forma atualizando o que há de mais potente em uma escrita situada e política: a resistência. Também me encontro na posição de viajante-exploradora, para descobrir junto às Escritoras do Fim do Mundo a viagem que podemos fazer contando e dividindo histórias, em uma espécie de cama-de-gato (HARAWAY, 2016a) onde conforme passamos de uma para outra, novas possibilidades de resistir e existir surgem. Por fim, também me localizo enquanto escritora-pesquisadora, caminhando entre esses papéis não tão distintos em um constante dilema das interseções que em mim vivem: escrevo esta dissertação enquanto escritora ou pesquisadora? Pesquisarei também sobre minha experiência ou escreverei sobre minhas experiências em uma pesquisa? Na certeza que esses papéis possuem fronteiras pouco delimitadas, é neles que mergulharei, afundarei e quando o ar me faltar, retornarei à superfície.

*“Hoje pela manhã, veio à minha cabeça um pensamento, ou melhor, uma divagação dessas que a pandemia nos proporciona: quando foi a última vez que eu viajei? Viagem que eu digo dessas que a gente sai de férias e vai para algum lugar descansar, conhecer, aproveitar. Pois viajar para minha cidade natal muito fiz, mas não dessas viagens de férias. Lembro que a última recordação que tenho foi de uma viagem que fiz no início de fevereiro de 2020 para uma praia do litoral gaúcho com minhas amigas. Pensei que fazia muito tempo que não ia ao mar. Que sensação estranha. Mas ao mesmo tempo, é algo um pouco engraçado para mim: eu odeio o mar. Não gosto da sensação de mergulhar na água salgada, odeio me afogar quando sou pega imprevisivelmente por uma onda e dificilmente passo da altura dos meus joelhos. A sensação de água gelada então, detesto! Me assusta a possibilidade de ir a uma distância que eu não posso alcançar os pés. Essa sensação de “ficar sem chão”, bater as pernas para permanecer na superfície me desagrada muito. Mesmo assim, eu amo ir à praia! Gosto de sentir o sol em sua forma mais intensa, os pés na areia, a água de coco. Gosto de passear pelos calçadões cheios de feiras de artesanatos que só cidades praianas têm e durante a noite sentir a brisa. Gosto das experiências e das histórias que uma viagem à praia me proporciona. Nesta última vez inclusive, lembro que fui com minhas amigas a um festival de música em que ficamos mais ou menos 12 horas com uma chuva torrencial que*

*nos molhou e deixou nossos calçados tão sujos que meu All Star até desbotou depois da limpeza. Chegamos à conclusão que não temos mais idade ou a identificação que tínhamos há um tempo atrás com essas experiências. Chegamos em casa com os pés latejando de dor, as maquiagens borradas e as roupas encharcadas. (diário íntimo de campo - 26/05/2021)”.*

Penso que é um pouco sobre isso que quero contar aqui: a experiência de viver o que estamos vivendo atualmente sem rodeios ou romantismos. Mergulhar em algumas histórias pode ser difícil, eu bem sei que já vi relatos muito tristes do que tem sido vivenciado, mas é necessário para construir dispositivos que possam gerar mudanças radicais em nosso cotidiano. Como falei, tenho medo de mergulhar em águas desconhecidas, mas sei também que ao retornar à superfície já não sou mais a mesma.

Ainda falando sobre águas desconhecidas, penso na pandemia como uma interessante analogia a isso. Lembro do dia em que oficializaram o estado de calamidade mundial nomeando enquanto ‘pandemia’. Foi uma segunda-feira e logo após o almoço meus pais me ligaram preocupadíssimos perguntando o que eu ia fazer a partir dali. Respondi que iria tocar minha vida, continuar minha rotina, porém com esse detalhe de isolamento. Meu pai retrucou “mas tu sabe o que é uma pandemia? É grave. Como tu vai ficar sozinha aí?”. No sentido teórico, eu realmente sabia o que era uma pandemia e o que o vírus representava naquele momento. Mas acredito que tanto eu quanto você, leitora, não esperava o caos que isso viria a se tornar. Cada pessoa lidou com aquela notícia de forma diferente: uns comprando quilos de papel higiênico, outros retornando à cidade natal para ficar com a família, outros ignorando a gravidade da situação e também aqueles que sequer tiveram a escolha de se recolher e se proteger em casa. Todas e todos nós adentramos naquele dia em águas profundas, perigosas, desconhecidas. Tem sido difícil retornar à superfície. Nas redes sociais diariamente me deparo com postagens de pessoas dizendo o quão desanimadas, estressadas, esgotadas estão. Quando iniciamos videochamadas em grupo e alguém surge com a famigerada pergunta “tudo bem?” seguida de um suspiro, um olhar cansado, um sorriso nervoso, sabemos que é uma pergunta referente ao que vivemos no coletivo.

É preciso falar sobre o que está acontecendo de forma crua e direta. As notícias não são boas ou otimistas e bem sabemos que aquele discurso de que o vírus é democrático é uma grande falácia. O acesso à saúde, moradia e segurança é

reservado a uma parcela bem específica da população, enquanto o restante é deixado à mercê de um governo irresponsável (para dizer palavras mais amenas). É preciso que essas pessoas tenham um espaço para falar, expressar, denunciar o que vem acontecendo. As estruturas de poder que oprimem e matam muitas pessoas aqui no Brasil se atravessam contando falsas histórias, desviando a atenção do que realmente importa denominando o vírus como uma 'gripezinha', recomendando o uso de medicações sem qualquer evidência científica, rejeitando o uso da máscara.<sup>23</sup> Como bell hooks (2019) aponta, é preciso que indivíduos subalternizados se identifiquem enquanto sujeitos, definam suas realidades e contem assim suas histórias para que essas não sejam contadas por outros.

Quando pensamos em mulheres do Sul Global, como as mulheres brasileiras, essa subalternização pode passar por outras intersecções como raça e classe. Então, Adriane Raquel Santana de Lima (2020) aponta que a escrita feminista pode potencializar a existência desses sujeitos subalternizados e perceber dessa forma a escrita como um instrumento de contestação de desigualdades e opressões. Nesse sentido, gostaria de elencar mais algumas Escritoras do Fim do Mundo que muito têm resistido no cenário das redes sociais. Localizada no Facebook, primeiro temos Ana, moderadora e escritora na página *Ventre Feminista*. Apesar de quase não mostrar o rosto, Ana é uma mulher branca, mãe, escritora e dançarina e escreve muito sobre seu cotidiano, suas experiências e vulnerabilidades. Frequentemente desabafa sobre as dificuldades que tem vivido durante a pandemia, trazendo também histórias de outras mulheres neste momento:

*"Hoje uma amiga me escreveu e disse "estou surtando". Ela tá com bebê de menos de 1 ano, marido trabalha viajando, ela não consegue trabalhar, fica isolada em casa com a neném. Como não surtar?"*

*Hoje acordei com uma sensação de desânimo e desesperança imensa. Parece que passou um caminhão em cima de mim.*

*Ontem outra amiga em desespero. Não sabe como pagar o aluguel, as contas não fecham, marido sem trabalhar por causa da pandemia.*

*Semana passada a outra adm me falou sobre o medo de perder o emprego recém conquistado. Tudo fechando, ano passado quando tudo fechou ela ficou sem trabalho.*

*E assim... vamos indo. Muito sem saber pra onde, caminhando no breu.*

*Tô escrevendo pra dizer pra quem me lê que infelizmente não tem ninguém bem. Quer dizer, ninguém que tá consciente, humano, empático... tá bem. Os negacionistas devem estar. Não sei se viver em negação da realidade é exatamente "estar bem". Mas os que*

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19/>> Acesso em: 27/05/2021.

*estão indo em festas, vivendo uma "suposta" normalidade, sempre nos dão a sensação de estarem melhor que nós. Só que não é verdade, tá? Não é verdade que alguém que segue rindo e se divertindo em festas enquanto morrem 2200 pessoas por dia, esteja melhor de saúde mental do que quem insiste na humanidade latente do ato de cuidar de si e do próximo.*

*Não permitam que os valores se invertam dentro de vocês. Ninguém aguenta mais essa situação, bem sei pois também não aguento. 1 ano. Dia 14 faz um ano que "anunciaram oficialmente" a pandemia no Brasil.*

*A essa altura a saúde física já sentiu, a mental foi pro buraco. A gente não sabe como pagar as contas, a gente não sabe de onde tirar forças. A gente tá engordando, a gente tá emagrecendo, a gente tá deprimindo, a gente tá fumando demais, bebendo demais, dormindo de menos, a gente tá sentindo saudade de ir no pagode que a gente nunca foi, a gente tá querendo ir no barzinho que a gente nunca quis ir antes. Estamos querendo viver. E é por querer viver que precisamos aguentar mais um pouco, não sei até quando, e seguir se cuidando e cuidando dos nossos.*

*É hora de pedir apoio se precisar e tiver a quem pedir. É hora de ofertar apoio se você estiver passando um momento melhor emocionalmente.*

*Não é ir pra rua e sentar num boteco que vai salvar a nossa vida nesse momento. É ir pra dentro. E a gente não aguenta mais olhar só pra esse lugar. Mas é o que tem pra hoje.*

*Ninguém tá bem. Ninguém que tá acordado, ninguém que é gente, tá bem. Não o tempo todo. Oscilar faz parte. Cair também.*

*Pede colo se precisar, oferece se conseguir.*

*Nós só temos a nós."*

<sup>24</sup>*(texto publicado dia 11 de março de 2021).*

Textos como o de Ana me remetem a uma possibilidade de escrever e contar histórias sobre outras histórias e de alguma forma habitá-las. Para isso me debruço no que Donna Haraway (2016a) propõe como SFs, sigla cujo termo pode se desdobrar em múltiplos significados como *Science Fiction*, *Speculative Feminism*, *Science Fact* e o que eu gostaria de assinalar aqui: *String Figure*, em tradução livre jogo de cordas ou como preferimos chamar o famoso jogo da cama-de-gato. A partir da cama-de-gato podemos contar histórias em conjunto que estejam comprometidas com recuperações parciais e não com reparações ou recuperações totais. Conforme essa história é passada de "mão em mão" novas figuras se formam e com isso novas histórias são tramadas. Ao propor essas recuperações parciais estamos de certa forma permanecendo com o problema (*staying with the trouble*) e não buscando resolvê-lo inteiramente. Assim, como afirmam Arendt e Moraes (2016), dentro da proposta de Haraway, narrar histórias que possuem conexões é um projeto ético-político e epistemológico de recompôr o mundo que habitamos.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ventrefeminista/posts/2915338658743705>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

Buscando essas conexões, encontro a página do *Instagram* @womenintimes, inicialmente idealizada por Debora Diniz, antropóloga brasileira branca, Gisella Carino, cientista política argentina branca e Valentina Fraiz, ilustradora venezuelana não branca, que procura contar e ilustrar histórias de mulheres e meninas latinas e caribenhas na pandemia. Assim, cada post procura trazer histórias que contam como elas têm lidado com esse momento, bem como trazer acontecimentos marcantes a respeito de direitos humanos, sexuais e reprodutivos das mulheres como podemos ver nos seguintes posts:

@womenintimes: “(...)POR: No início de 2020, a brasileira Lidiane estava grávida do segundo filho. Ela trabalhava numa funerária, e por causa da pandemia de Covid-19, passou a trabalhar ainda mais. Lidiane tinha medo da exposição ao coronavírus, mas precisava manter a renda da família, e era muito dedicada ao ofício de cuidar dos mortos para a última despedida.

No final da gestação, Lidiane passou mal e foi submetida a uma cesárea de emergência. Depois do parto, ainda sentindo-se mal e sem ter sido testada para Covid-19, ouviu de médicos que a falta de ar era por uma crise de ansiedade. Ela voltou para casa e para o trabalho. Dois dias depois, por insistência de suas irmãs, Lidiane voltou ao hospital, e não retornou mais para casa. Depois de 16 dias na UTI, Lidiane faleceu sozinha.

A família de Lidiane não tem dúvidas: ela morreu não apenas por causa da Covid-19, mas também porque era uma mulher negra que dependia de um sistema de saúde atravessado pelo racismo institucional. A mãe, as duas irmãs, a sobrinha, o filho mais velho e o bebê recém-nascido de Lidiane tiveram apenas um velório de 15 minutos para se despedir dela, e não puderam se aproximar do caixão.

Arte: Natalia Gregorini @nataliagregorini

Para saber mais: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-03-29/brasil-o-pior-pais-do-mundo-para-as-mulheres-negras-gravidas.html>

#vidasnegrasimportam #blacklivesmatter #lasvidasnegrasimportan #mulheresnegras #justicareprodutiva #justiciareproductiva #reproductivejustice #racismoinstitucional #covid19”.<sup>25</sup> (história postada no dia 16/04/2021).

@womenintimes: “(...) POR: No início da pandemia de Covid-19, pouco se falava sobre riscos aumentados para mulheres grávidas. As coisas mudaram à medida que a pandemia alcançou países com maiores taxas de natalidade – e, portanto, mais pessoas grávidas –, e se cruzou com o racismo institucional e sistemas de saúde em colapso.

Segundo a Organização Pan-americana de Saúde, a taxa de letalidade de mulheres grávidas e puérperas por Covid-19 no Brasil é nove vezes maior que a média das Américas. Mulheres negras grávidas e puérperas têm um risco de morte por Covid-19 quase duas vezes maior que o de mulheres brancas.

Estudos brasileiros detalham o impacto das falhas dos serviços de saúde nessa tragédia: 15% das mulheres grávidas ou puérperas que morreram de Covid-19 até julho de 2020 não

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNv1oc9Holl/>>. Acesso em 22/07/2021.

*receberam nenhuma assistência ventilatória, 28% não tiveram acesso a UTI, 36% não foram intubadas nem receberam ventilação mecânica.*

*A disparidade racial na crise de Covid-19 está por toda parte: no Brasil, o número de mortes por Covid-19 entre pessoas negras é 10% maior do que entre brancos; até meados de março, o país registrava duas vezes mais pessoas brancas vacinadas que negras. Não há solução senão políticas públicas que reconheçam o racismo e busquem ativamente eliminar as barreiras de acesso à saúde para pessoas negras.*

*Arte: Natalia Gregorini @nataliagregorini*

*Para saber mais: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-03-29/brasil-o-pior-pais-do-mundo-para-as-mulheres-negras-gravidas.html>*

*#vidasnegrasimportam #blacklivesmatter #lasvidasnegrasimportan #mulheresnegras #justiçareprodutiva #justiciareproductiva #reproductivejustice #racismoinstitucional #covid19<sup>26</sup> (história postada no dia 15/04/2021).*

Essas histórias reafirmam o que diversas matérias já apontam: as mulheres da América Latina estão sendo mais afetadas do que os homens pelo COVID-19. Quando nos referimos às mulheres negras, indígenas, pobres e transgênero, por exemplo, as taxas de desigualdade de gênero aumentam ainda mais. Segundo matéria do website [www.paho.org](http://www.paho.org)<sup>27</sup>, a diretora da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), Carissa F. Etienne afirma que, por conta da interrupção contínua dos serviços de saúde para mulheres devido ao COVID-19, teremos efeitos devastadores no que diz respeito aos direitos sexuais e reprodutivos dessas mulheres e meninas.

Já em matéria da UOL<sup>28</sup> o que se debate é a grande exposição de grupos marginalizados historicamente ao COVID-19 na América, pois segundo dados obtidos até a data de publicação (abril de 2021) ocorreram mais de 55 milhões de contágio pelo novo coronavírus e mais de 1,3 milhão de mortes, sendo Estados Unidos, Brasil e México os países que lideram a estatística em número de óbitos a nível mundial. Além disso, a reportagem também aponta que até o início do ano passado as Américas eram a região mais desigual do mundo e agora com a pandemia a situação piorou devido à 22 milhões de pessoas que entraram ou retornaram para a pobreza e mais 8 milhões para a extrema pobreza. Ainda, também percebeu-se o aumento de violência de gênero, negacionismo e descaso

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNq7zg0nQjW/>> Acesso em: 22/07/2021.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.paho.org/es/noticias/26-5-2021-covid-19-ocasiona-impactos-devastadores-mujeres-afirma-directora-ops>>. Acesso em: 14/07/2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2021/04/07/pandemia-revela-uma-america-ferida-e-profundamente-desigual-diz-anistia.htm>> Acesso em: 14/07/2021.

com os direitos humanos, sendo a América Latina e Caribe a região mais mortífera do mundo com 79% do total global de homicídios.

*“Por algum motivo, hoje decidi assistir a um reality show que a Globo passa toda terça-feira e eu raramente lembro de olhar. Logo após o programa, iniciou o Globo Repórter, o qual eu também não costumo assistir. Neste dia, porém, as reportagens tinham como temática central as mães na pandemia. Cada repórter acompanhava o cotidiano e os desafios dessas mulheres diante desse momento. Foi muito difícil assistir. Sufocante eu diria. Não que seja uma novidade para mim o quanto as mães brasileiras suportam, mas cada história me deixou muito angustiada. Uma das histórias era sobre Andressa, uma mulher negra mãe de duas meninas, crianças. Logo no início de sua entrevista Andressa está contando um pouco sobre sua rotina e sua saúde e relata que tem pressão alta e que isso é um histórico em todas as mulheres da família. Acredito que isso já diz muito sobre a vida de Andressa que passa em torno de 16h fora de casa trabalhando e quando chega em casa passa o restante das horas cozinhando, limpando e cuidando enquanto podemos assistir seu marido, que trabalha doze horas por dia e folgando um dia (o que está longe de ser uma rotina de trabalho “leve” também), no sofá descansando. “Quem cuida da senhora?” Pergunta o repórter para Andressa, e ela responde algo como “ah, ninguém né”. Também somos apresentadas à Priscila que estava grávida e possui mais 6 filhos e um neto, sustenta a casa com um salário mínimo. Quando sai para trabalhar quem cuida é sua filha de 17 anos, que também já é mãe. Quem cuida dessas mulheres, eu me pergunto novamente. Alguns dias antes, me encontro com meus avós e pais em um almoço e enquanto conversamos sobre assuntos diversos, não sei bem como chegamos ao assunto ‘trabalho doméstico’, mas ouço minha avó falar “todos (homens) falam que é fácil, que é só cuidar da casa e dos filhos, mas nunca quiseram trocar de lugar comigo”. Repito: essas histórias me sufocam. Como normalizamos que mulheres trabalhem sozinhas e sem qualquer assistência (a não ser por uma rede de mulheres) 24h por dia em prol do cuidado do outro?” (diário íntimo de campo, 14/07/2021).*

Histórias como essa sufocam e entristecem pois não são histórias que gostamos de ler e ouvir: não possuem início, meio e fim, um protagonista incrível que supera qualquer adversidade, tem um final feliz e uma grande lição de moral. São histórias reais, sobre pessoas reais. Sendo reais, por que não costumamos ouvi-las? Podemos encontrar pistas a partir do texto de Ursula K. Le Guin (1996), “The Carrier Bag Theory of Fiction”, ou em tradução livre, “A bolsa como teoria de ficção”. Nele, a autora nos convida a revisitar um passado distante, a pré-história, para refletirmos que, naquela época, a grande base de subsistência dos seres humanos se constituía a partir da coleta de grãos, sementes, nozes e folhas. Porém, o que realmente dava uma história interessante era a carne e a caçada. Nessa história havia ação e, principalmente, um Herói. E essa história não era sobre eles e elas, os coletadores de grãos, era sobre ele: o caçador. Na tentativa de subverter

essa lógica ocidental e falocêntrica do herói, a autora propõe pensarmos na garrafa como um herói, afinal, é só a partir de um recipiente que conseguimos coletar e guardar nossos alimentos. Pode não parecer uma história tão emocionante, mas é uma história que não vai de encontro àquela que sempre contaram a nós, leitora, sobre um valente homem que se usa de facas, espadas e flechas para matar, aniquilar o outro. Essa história, a história do assassino não nos interessa mais. Queremos agora contar a história da vida (LE GUIN, 1996).

A partir disso, podemos pensar também no que Haraway (2019) chama de escrita ciborgue. A autora afirma que a escrita possui um papel especial para todos os grupos colonizados, visto que para o mito ocidental é crucial diferenciar as culturas orais da escrita, as mentalidades primitivas das ocidentais. Essa distinção, como a autora afirma, tem cada vez mais se desconstruído quando diversas teorias pós-modernas atacam o falocentrismo do ocidente, essa constante adoração do trabalho monoteísta, fálico, o nome único e perfeito. Assim, disputas em torno dos significados da escrita tornam-se importante instrumento da luta política contemporânea. Essa escrita ocidental preza por uma história que comece com uma inocência original e privilegie o retorno à inteireza. As mulheres são imaginadas com uma individuação mais fraca em relação a uma autonomia masculina. Por outro lado, quando se observa as escritas-ciborgue percebe-se pessoas que se recusam a desaparecer, que estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades. Dessa forma, a política do ciborgue vai contra o dogma do falocentrismo, a comunicação perfeita. Luta pela linguagem, insiste no ruído, advoga pela poluição, subverte as estruturas e os modos de reprodução da identidade “ocidental” construídos por dualismos. A partir disso, nos libertamos de uma leitura privilegiada ou histórias de salvação e nos reconhecemos como implicadas no mundo. A imagem do ciborgue, portanto, é uma possibilidade para se repensar os dualismos e as fronteiras às quais nossos corpos são submetidos e uma saída para pensar um mundo sem gênero.

*“Nesse final de semana apareceu como sugestão do Youtube a última entrevista de Clarice Lispector. Já assisti esse vídeo algumas vezes e sempre que vejo há algo ali que me prende. Ela fala algumas vezes sobre um livro que iria lançar o qual no futuro descobriríamos ser “A Hora da Estrela”. É um livro muito marcante para mim, também já o reli algumas vezes. Decidi retomá-lo. Na prateleira, ele passa quase despercebido: é fino, simples, poucas páginas. Na história, somos apresentadas a Macabéa. É descrita de forma*

*muito incômoda pelo narrador, que por vezes transparece a personalidade de Clarice, como uma alagoana sem fibra, pouco interessante, pouco desejada, pouco perceptível. Não é o tipo de heroína que estamos acostumadas a ver. Ela simplesmente não tinha. O que? Aquilo, aquilo que não conseguimos nomear. Ela só não tinha. Ao mesmo tempo, podemos nos encontrar durante a narrativa desejando que algo bom aconteça a ela e no final realmente acontece: uma cartomante diz que um futuro brilhante a espera e ela sai extasiada com a notícia. Mas era mentira: assim que atravessa a rua é atropelada e morre no asfalto mesmo, agonizando enquanto as pessoas passam por ela. Morreu imperceptível. A Hora da Estrela possui mais treze títulos possíveis que Clarice pensou, entre eles: O direito ao grito e Ela não sabe gritar. Fico pensando nessa história de uma mulher pobre e nordestina que por mais invisível que tente ser, incomoda demais. Morre sem o direito ao grito, pois ela não sabe gritar” (diário íntimo de campo, 26 de agosto de 2021).*

## Quando o silenciamento mata: necropolítica, racismo e branquitude nas redes sociais

O que causa em você a sensação de sufocamento, falta de ar, leitora? Para alguns, pode ser sintoma para crises de pânico e ansiedade, talvez um problema cardíaco. Para outros, rapidamente a associação é quase direta aos sintomas do coronavírus. Ruha Benjamin (2020), faz uma metáfora muito perspicaz sobre respiração e fôlego para refletir acerca da importância de se considerar a incorporação de abordagens raciais críticas nos estudos de ciência e tecnologia a partir do que ela chama de imaginação carcerária. Nos Estados Unidos a frase “I Can’t Breathe (Eu não consigo respirar)”<sup>29</sup> utilizadas tanto por Eric Garner, em 2015, quanto por George Floyd, em 2020, ressoam como refrão político do movimento *Black Lives Matter*. Ambos homens negros mortos por asfixia em decorrência de violência policial e racismo ecoavam repetidamente essa frase enquanto os assassinos seguiam pressionando seus pescoços. Aqui no Brasil presenciamos situação muito semelhante em Porto Alegre com João Alberto Silveira Freitas, assassinado às vésperas do dia da consciência negra, em 2020, por dois seguranças por conta de espancamento e também asfixia.<sup>30</sup>

Como Benjamin (2020) bem aponta, ecoar “I Can’t Breathe” também é uma forma de denunciar a violência policial e a desigualdade sistêmica que atinge principalmente a população preta e pobre. Se localizamos a presença do racismo estrutural dentro das plataformas digitais, podemos facilmente perceber o que os algoritmos privilegiam: corpos brancos.<sup>31</sup> Tarcizio Silva (2020) contribui com um importante trabalho intitulado “Racismo Algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código”. Nele, o autor procura apresentar de que forma o racismo se manifesta nas tecnologias digitais, mostrando que pode ocorrer por meio de diversos processos invisíveis em recursos automatizados como reconhecimento facial, processamento de imagem e recomendação de conteúdo. Os algoritmos têm importante função nesse processo, visto que cada vez mais eles são

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/29/i-can-t-breathe-o-grito-negro-por-justica-que-queima-nos-eua-e-ecoa-pelo-mundo>>. Acesso em: 24/08/2021.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/11/policia-indicia-seis-por-morte-de-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre-rs.ghtml>>. Acesso em: 24/08/2021.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-08-19/algoritmo-do-twitter-prefere-rostos-femininos-brancos-e-magros-demonstram-programadores-em-desafio.html>>. Acesso em: 24/08/2021.

solicitados em empresas para promoverem uma maior eficiência na busca de métricas que respondam a objetivos de negócio, gerando bons resultados financeiros e mercadológicos. Assim, na medida em que a lógica algorítmica mais se expande para processos de inteligência artificial, mais decisões são tomadas por nós e sobre nós.

Não é à toa que discursos sem qualquer embasamento científico como que pessoas pretas têm maior tendência a cometerem crimes ou que mulheres negras são mais resistentes à dor continuam sendo tão utilizados ainda hoje. Assim, Benjamin (2020) propõe esse conceito de imaginário carcerário para sinalizar que representações como o branco associado a algo bom e o preto como algo mal são convenientemente inseridas em diferentes artefatos culturais fazendo com que pessoas negras sejam constantemente diminuídas ou excluídas de visões futuristas gerando uma sensação de penitenciária temporal.

Morrer por asfixia em decorrência da ação física de uma figura de autoridade evidencia da forma mais cruel o que fizeram com George, Eric, João e outros tantos assassinados por conta do racismo estrutural: a tentativa de silenciar, chegando ao aniquilamento do outro. Achille Mbembe (2003) traduz situações como essa a partir do conceito de necropolítica, ou seja, um regime político em que o exercício da soberania se dá no controle entre quem pode viver e quem deve morrer. O autor parte do que Foucault entende como biopoder, isto é, o poder e controle sobre a vida e modos de viver, para pensar o outro lado, a quem e sob quais condições é atribuído o direito de matar. Assim, Mbembe (2003) procura explicitar em seu ensaio a insuficiência do conceito de biopoder no que se refere a subjugação da vida ao poder da morte na contemporaneidade ao pensar que a implantação de armas de fogo nada mais é do que o interesse em destruir pessoas em massa e criar um “mundo de morte”.

Sob essa ótica, Silvio Luiz de Almeida (2019), baseado na leitura de Mbembe, pensa que o colonialismo possibilitou um novo modelo de administração onde não mais se pensa acerca no equilíbrio entre o fazer viver e deixar morrer, mas sim somente no exercício da morte, em maneiras de matar e em colocar pessoas em constante contato com a morte. No regime necropolítico impera o medo, o terror, a ameaça iminente de um inimigo, e eliminação. O autor traz como exemplo disso o racismo, que explicita a extrema violência que a população preta é submetida

chegando a uma normalização da morte de crianças “por bala perdida” e dos índices altíssimos de homicídio<sup>32</sup>.

*A necropolítica, portanto, instaura-se como a organização necessária do poder em um mundo em que a morte avança implacavelmente sobre a vida. A justificação da morte em nome dos riscos à economia e à segurança torna-se o fundamento ético dessa realidade. Diante disso, a lógica da colônia materializa-se na gestão praticada pelos Estados contemporâneos, especialmente nos países da periferia do capitalismo, em que as antigas práticas coloniais deixaram resquícios. Como também observa Achille Mbembe, o neoliberalismo cria o devir-negro no mundo: as mazelas econômicas antes destinadas aos habitantes das colônias agora se espalham para todos os cantos e ameaçam fazer com que toda a humanidade venha a ter o seu dia de negro, que pouco tem a ver com a cor da pele, mas essencialmente com a condição de viver para a morte, de conviver com o medo, com a expectativa ou com a efetividade da vida pobre e miserável (ALMEIDA, p.77, 2019).*

O assassinato de George Floyd e João Alberto Silveira Freitas, por exemplo, teve grande repercussão nas redes sociais, levando inclusive às mobilizações nas ruas e o indiciamento dos envolvidos no assassinato. Porém, muito se questiona até que ponto determinadas mobilizações podem ser benéficas e realmente trazer algum tipo de mudança. Ainda durante as movimentações em relação a morte de George Floyd, no dia 02 de junho de 2020 ocorreu o *#BlackOutTuesday* no Instagram cujo objetivo era postar uma imagem de fundo preto a fim de apoiar a luta antirracista e o movimento *#BlackLivesMatter*. Entretanto, diante da enorme quantidade de postagens junto da utilização da hashtag *#BlackLivesMatter*, as imagens acabaram prejudicando a transmissão de notícias e conteúdos informativos para os protestantes.<sup>33</sup> Ainda, muito se questionou até que ponto postar uma imagem não se torna mais uma forma de ativismo digital sem grandes mudanças estruturais.

Assim, gostaria de apresentar mais duas Escritoras do Fim do Mundo: Winnie Bueno e Carla Akotirene, ambas pesquisadoras acadêmicas negras com importante contribuição para o feminismo negro no Brasil e estudos acerca da interseccionalidade. Winnie e Carla também utilizam suas redes sociais para escrever sobre assuntos da atualidade, geralmente articulando com questões de raça e gênero.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>>. Acesso em 20/09/2021.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/blackouttuesday-brasileiros-aderem-ao-movimento-pelas-redes-sociais>>. Acesso em: 20/09/2021.

*@winniebueno: “Quase 2021 e eu não consigo não pensar em quantas vezes assisti comoções instantâneas por parte da branquitude durante o 2020.*

*Após a morte de George Floyd, cujas as imagens foram repercutidas tantas vezes a ponto de serem reproduzidas concretamente causando o assassinato de João Alberto, morto por seguranças da empresa Vector contratados pelo @carrefourbrasil em Porto Alegre no mês de novembro, as redes sociais foram tomadas de manifestações de solidariedade e apoio. O próprio Instagram passou pelo #blackouttuesday , onde milhões de pessoas colocaram um quadrado preto em seus perfis. Famosos e subcelebridades cederam suas redes sociais para pessoas negras produzirem conteúdos, foram criados desafios de senso questionáveis em outras redes sociais.*

*Tudo isso não bastou de entretenimento para a branquitude. Concretamente, não foi feita nenhuma mudança estrutural robusta que seja capaz de frear o principal impacto da anti-negritude: o genocídio da população negra.*

*A comoção da sociedade brasileira tem contornos ainda mais alarmantes, passado pouco mais de um mês do assassinato de João Alberto, a mídia já não menciona nada contundente sobre o ocorrido. Quando o faz, investe em alimentar uma narrativa que coloca ao centro uma ideia de que o grande problema na responsabilização do Carrefour Brasil no assassinato do qual a empresa é co-partícipe é um desacordo entre setores do movimento negro. Uma narrativa que serve também como entretenimento para a branquitude. A morte de pessoas negras no Brasil não cria uma crise ética e moral sem precedentes em nossa sociedade porque ela também serve de entretenimento. Gera imagens que são assistidas incansavelmente, gera desafios nas redes sociais, gera hashtags que monetizam as mesmas redes.*

*A comoção é pontual pois a pontualidade da comoção não implica em compromisso com mudanças estruturais. O compromisso com mudanças estruturais no combate ao racismo anti-negro exige radicalidade nas posturas e nas ações. Exige ação diária e mobilização constante.*

*Exige mais que postar um quadrado preto ou uma hashtag, é mais que entretenimento e não implica em lucros individuais.*

*Até quando?” (texto publicado em 29 de dezembro de 2020).<sup>34</sup>*

*@carlaakotirene: “A polícia é um aparelho do Estado repressivo que sempre vai matar pessoas negras, mostrando que suas vidas não importam. As instituições como @carrefourbrasil são dotadas de hegemonia, realizando suas ações letais em nome do Estado ampliado, portanto não me falem em capacitar seguranças ou vigilantes contra o racismo, pois que, fardados, estes não representam a si mesmos, mas concebem suas discriminações assinaladas pela missão institucional de proteger o patrimônio de pobres suspeitos, a saber, pessoas negras. O racismo é uma prática antinegros, não existe instituição moderna antirracista. Modernidade é colonial”<sup>35</sup> (texto publicado em 21 de novembro de 2021).*

Nesse sentido, cabe pensar o papel da branquitude dentro do ativismo digital e na luta antirracista. Enquanto sujeitos/as brancos/as, e aqui me incluo, devemos entender primeiramente nosso corpo também como racializado e não só focar

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJYYdfjAQEH/>>. Acesso em: 20/09/2020.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CH3TVuGFDQx/>> Acesso em: 20/09/2021.

questões de raça no sujeito negro. Quando evitamos a racialização da pessoa branca, estamos também nos recusando a discutir nossos privilégios e responsabilidades. Grada Kilomba (2019) traz essas questões à tona quando questiona o que o sujeito negroalaria se não tivesse sua boca tapada e o que o sujeito branco ouviria, afinal, ao ouvir também irá se deparar com confrontações desconfortáveis em relação ao que o Outro tem a dizer. Nesse sentido, a autora reforça que é papel e função da pessoa branca refletir como desmantelar seu próprio racismo. bell hooks (2019), também faz alguns apontamentos e logo afirma que deixou um pouco de lado o termo racismo para falar em supremacia branca por acreditar que este melhor expressa a exploração de pessoas negras e não-brancas em nossa sociedade. Assim, a autora defende que é responsabilidade coletiva tanto de pessoas brancas, quanto negras, quanto não-brancas a construção de modelos para a mudança radical. Então, movimentações individuais não são suficientes, é necessária uma mobilização coletiva e que pense em uma educação para a consciência crítica.

## **“Quem ganha quando uma de nós se cala?”: reverberando o que escritas feministas em redes sociais nos ensinam sobre (r)existência**

*“Se você não paga pelo produto, o produto é você”, disse M.X, uma das Escritoras do Fim do Mundo. Estamos em uma das reuniões que decidiriam o rumo do movimento. “Já não estamos mais no final do século XX, onde a ocupação das redes acontecia de forma tão centralizada. Precisamos levar em conta a vigilância, os algoritmos, a censura e buscar novas formas de co-romper esse sistema”, apontou V.F. “Quantas vezes nossas contas foram derrubadas, denunciadas, hackeadas? É uma guerra! Nunca foi interesse Deles ouvir o que temos a dizer, e sim capturar nossos discursos para usá-los contra nós. As plataformas que um dia ocupamos hoje são utilizadas como forma de um entretenimento que só serve para tamponar o que realmente acontece no planeta”. (figuração – Escritoras do Fim do Mundo).*

Cara leitora, venho pensando que o que acontece nas redes sociais na verdade é um reflexo do que já acontece fora delas, só que de uma forma muito própria e específica. Pelas redes sociais, por exemplo, podemos espalhar informações tanto verdadeiras quanto falsas de forma rápida e simultânea; podemos criar perfis anônimos ou não para fazer comentários odiosos e preconceituosos a pessoas que conhecemos ou desconhecemos; podemos escrever e compartilhar imagens manifestando nossas opiniões possibilitando um alcance global. Enfim, algumas situações se repetem, mas na *web 2.0* são processos virtualizados, se diferindo de certa forma do que aconteceria no ambiente fora das plataformas digitais. Quero reiterar isso para contextualizar os apontamentos que farei a seguir. São dois anos escrevendo essa dissertação e em um período que pode ser considerado tão curto muito mudou. Dentro e fora das redes.

Pandemia, distanciamento social, utilização de máscara, incontáveis vidas perdidas, diversos direitos retirados... Por vezes, enquanto escrevia sobre situações atuais, logo precisaria alterar pois já não era mais daquela forma. Se no início da pandemia vivíamos isoladas e com diversas instituições fechadas, hoje já presenciamos a reabertura das mesmas. Se antes discutíamos e lutávamos pelo direito à vacina, agora (mesmo que tarde) fico feliz de ver que mais da metade da população adulta do Estado está vacinada. Nas redes sociais, algumas mudanças também ocorrem: com a ascensão de plataformas como *TikTok* e *Youtube*, recentemente foi anunciado que o *Instagram* não mais é uma rede de

compartilhamento de fotos, mas um aplicativo de entretenimento e vídeo<sup>36</sup>. A escrita aos poucos é deixada de lado.

Nesse sentido, quero que esse também seja um relicário de escritas feministas em redes sociais, pois não consigo prever como essas atualizações acontecerão. As capturas seguem acontecendo, mas o que interessa nesse momento é observar como essas escritas têm resistido perante tantas ameaças e como elas reverberam os acontecimentos atuais.

**Figura 2 - Publicação de @winniebueno**



Fonte: *Print screen* tirado da conta de @winniebueno

Descrição: Imagem da conta @winniebueno com uma postagem de fundo azul intitulada “eu vou escrever... e azar do algoritmo”. Abaixo, a indicação de curtidas da postagem e um trecho inicial do texto.

*“Eu uso pouco essa rede porque ela exige muito e entrega quase nada em troca. As melhores fotos, dancinhas, vídeos mirabolantes que eu não tenho muito como fazer porque eu sou uma pessoa que escreve. Isso é o que eu sei fazer. Eu escrevo desde muito pequena e compartilhar na escrita minhas vivências, experiências e opiniões com vocês é o que me mantém aqui. Andei um pouco afastada porque eu estava cansada de ver que escrever não é a melhor forma de estar nessa rede. Mas aí lembrei que tem mais de 40 mil pessoas organicamente engajadas comigo nesse espaço. Pessoas que gostam de ler o que eu escrevo e com quem estabeleço contatos importantes. Pessoas que acompanham meu*

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.b9.com.br/146741/instagram-app-entretenimento-videos-nao-compartilhamento-fotos/>> Acesso em; 15/08/2021.

*trabalho e se alegram de saber o que eu estou fazendo. Pessoas que se importam. Ao lembrar das pessoas que se importam me lembrei que elas devem ser mais importantes do que o algoritmo.*

*Esse Instagram não vai sumir. O Instagram só some quando eu apagar ele.*

*MAS...Ele vai mudar.*

*Vai mudar para trazer mais conteúdos que sejam escritos e que estimulem minha produção intelectual e ajuda a fomentar a de vocês também.*

*Vai mudar para compartilhar e circular ainda mais conhecimento.*

*Vai mudar para gente entender juntos coisas que parecem simples mas não são.*

*Vão aparecer coisas diferentes por aqui mas eu vou seguir escrevendo independentemente do que o algoritmo me exige.*

*Se você gosta do que eu escrevo, conta para mim que conteúdos te interessam, sobre o que você quer ler.*

*Eu vou adorar entregar conteúdo pra você, que efetivamente tá engajado comigo.*

*Criar com vocês vai ser demais!*

*Vou escrever tá?*

*Mas quem quiser fazer dancinhas pode!*<sup>37</sup> (texto publicado dia 15/08/2021).

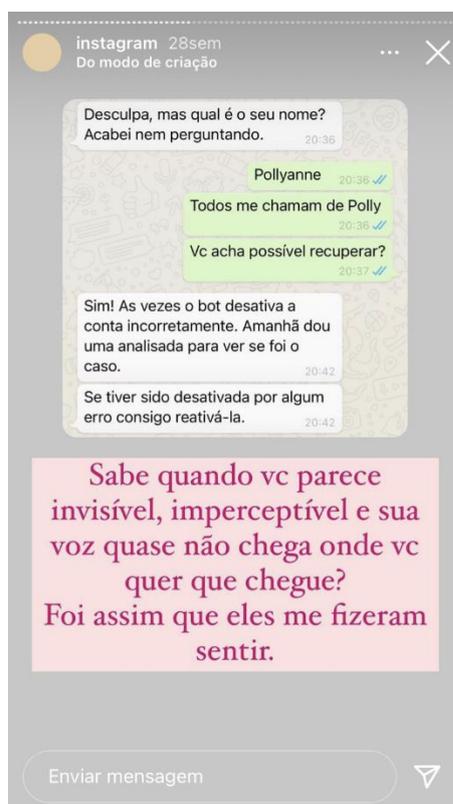
É muito comum que criadores e criadoras de conteúdo comentem e cite termos como ‘engajamento’, ‘alcance’ e ‘algoritmo’ pois esta é a forma de atingirem o público: uma espécie de matemática que molda o conteúdo que chega às nossas redes. Donela e Almeida (2018) comentam que já é um fato a influência que os algoritmos têm em nossas vidas por possuírem um mecanismo de direcionar e realizar tarefas que dificilmente poderiam ser desempenhadas por seres humanos; acontece que esses processos podem gerar riscos em nossos modos de gerir a vida retirando, inclusive, a possibilidade de tomar decisões. Assim, tem se percebido que o uso dos algoritmos também pode gerar movimentos como manipulação, discriminação, censura e outras diversas violações. Uma alternativa para combater esses riscos é o que os autores chamam de governança de algoritmos, isto é, uma forma de estabelecer responsabilização e transparência na forma como esses algoritmos atuam. Para isso, uma das ferramentas da governança é não atuar sobre o algoritmo, mas nos dados que este precisa para funcionar e a necessidade de uma prestação de contas para assim refletir quem será responsável pelo algoritmo: seu criador ou a empresa/órgão que empregou o algoritmo?

Se existe ou já existiu alguma governança de algoritmos nas redes sociais eu não sei responder, mas quando Winnie Bueno afirma que vai escrever apesar do algoritmo, parece estar afirmando que não interessa a ela que alcance terão suas publicações: o fará pelo desejo. O que acontece quando determinados escritos

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CScA6fhASMD/>>. Acesso em: 15/08/2021.

chegam a pessoas que não suportam pensamentos críticos e posicionados os quais elas não concordam? Essas contas são denunciadas, muitas vezes suspensas, ou a própria pessoa deleta em decorrência de tantos ataques, como aconteceu com Polly Oliveira, Manuela Xavier e Iara Dupont. No caso de Polly e Manuela, que tiveram suas contas suspensas no Instagram, ambas decidiram investigar a fundo o que levou à suspensão mostrando também como se sentiram durante esse processo:

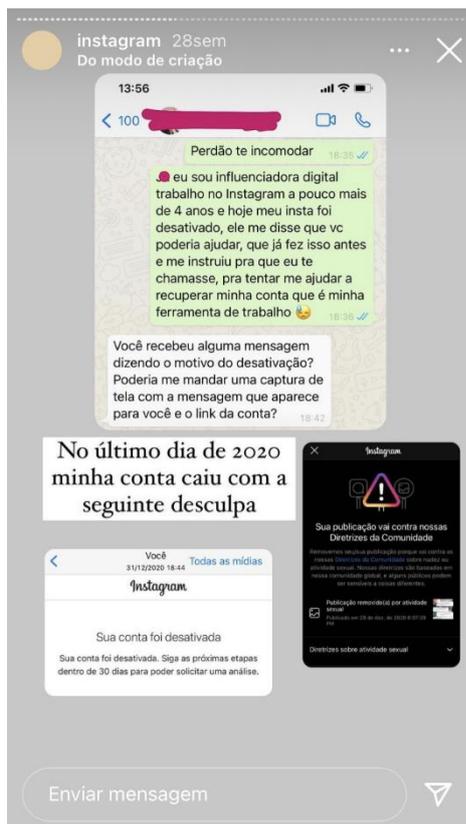
**Figura 3 - Story de @pollyoliveirareal**



Fonte: *Print screen* da conta de @pollyoliveirareal

Descrição: Imagem de fundo branco, com o print screen de uma conversa pessoal de Polly Oliveira com a legenda “Sabe quando você parece invisível, imperceptível e sua voz quase não chega onde você quer que chegue foi assim que eles me fizeram sentir.”

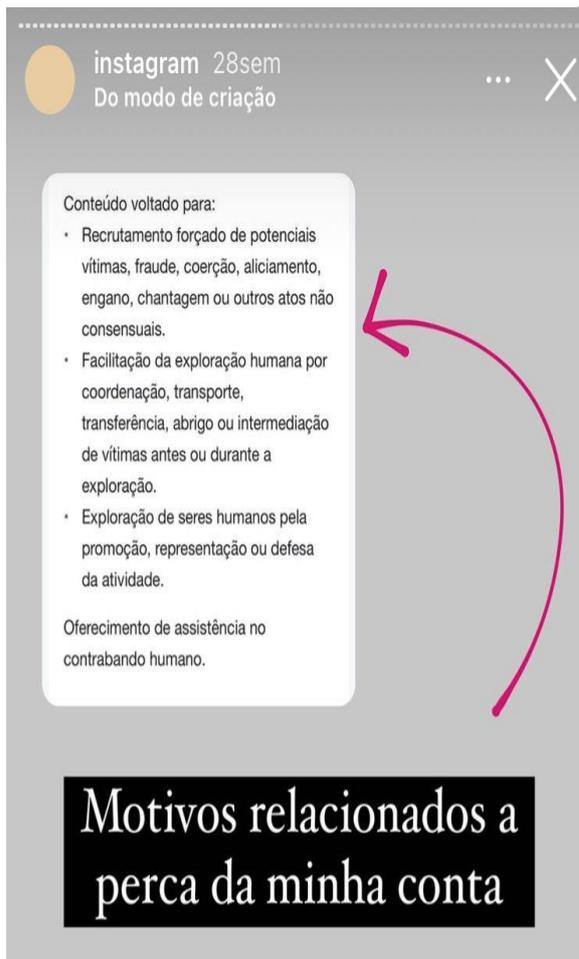
**Figura 4 - Story de @pollyoliveirareal**



Fonte: *Print screen* da conta de @pollyoliveirareal

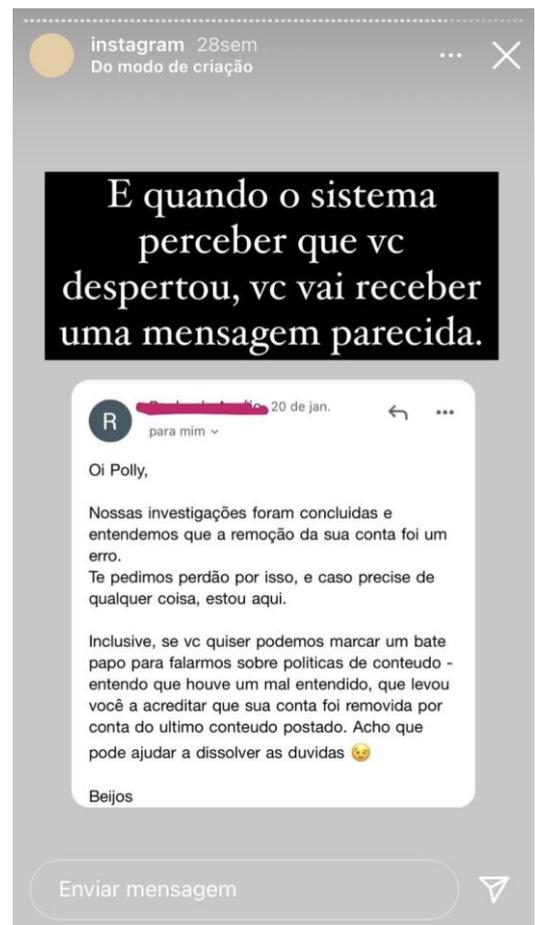
Descrição: Print screen de uma conversa pessoal de Polly Oliveira, e dois prints screen de sua conta do Instagram com a notificação de desativação da conta e remoção de publicação. Contém uma legenda escrito "No último dia de 2020 minha conta caiu com a seguinte desculpa".

Figura 5 - Story de @pollyoliveirareal



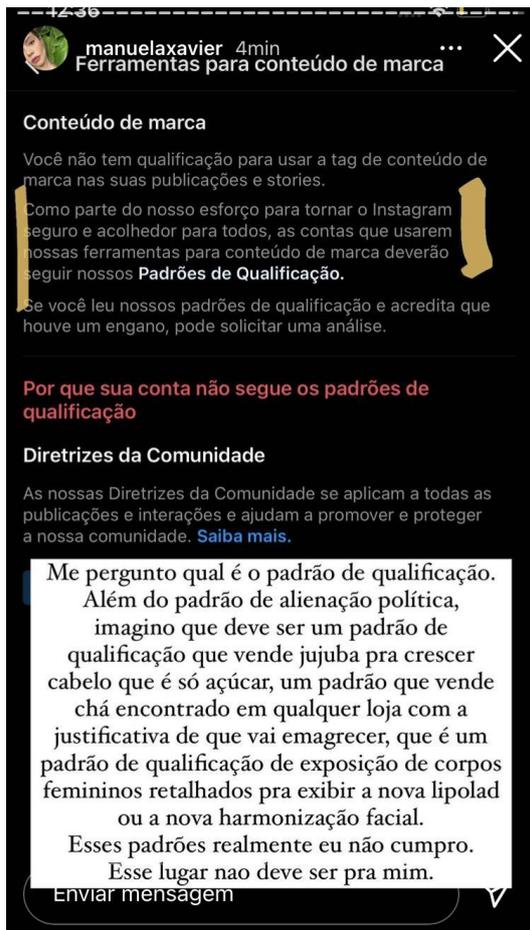
Fonte: *Print screen* tirado na conta de @pollyoliveirareal  
Descrição: *Print screen* contendo informações de recebido que tipo de publicação é excluído do Instagram.

Figura 6 - Story de @pollyoliveirareal



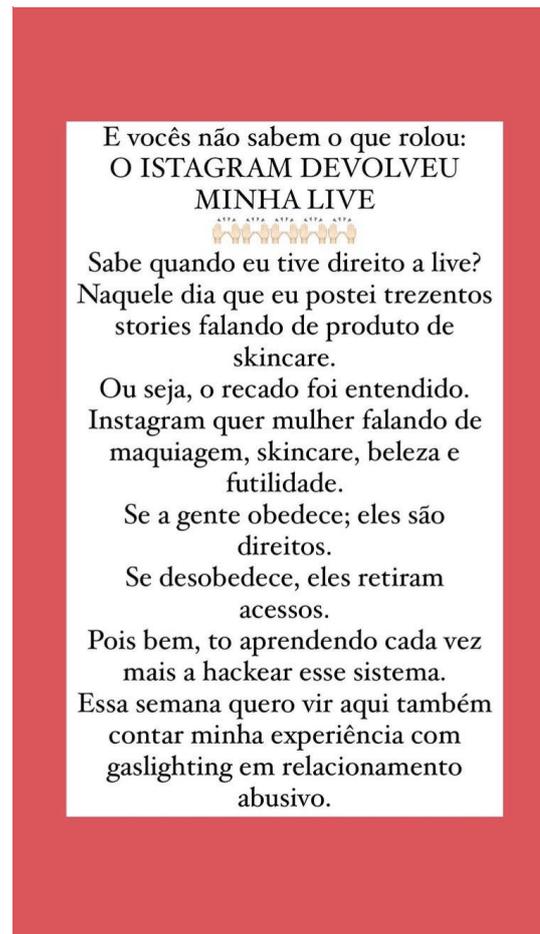
Fonte: *Print screen* tirado na conta de @pollyoliveirareal  
Descrição: *Print screen* de um e-mail por Polly Oliveira justificando que foi um erro a remoção da sua conta com uma legenda “E quando o sistema perceber que você despertou, você vai receber uma mensagem parecida”.

Figura 7 - Story de @manuelaxavier



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @manuelaxavier.  
Descrição: Imagem de fundo preto com algumas diretrizes e padrões de qualidade do Instagram. Em um texto de fundo branco, Manuela Xavier questiona que padrões são esses perpetuam, por vezes, uma alienação política.

Figura 8 - Story de @manuelaxavier



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @manuelaxavier.  
Descrição: Imagem de fundo rosa com um texto de Manuela Xavier explicando que havia saído do shadowban e que estava encontrando estratégias para hackear esse sistema.

Figura 9 - Story de @manuelaxavier



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @manuelaxavier

Descrição: Imagem de fundo preto com *print screen* feito por Manuela Xavier com o título de que o story que fizera havia violado as Diretrizes de Comunidade do Instagram.

Quando conseguimos ser escutadas? Os *print screens* anteriores mostram que quando mulheres decidem falar sobre temas feministas, antirracistas, *bodypositive*, ou levantar qualquer questão política, essa é a relação de poder na qual estarão lutando: fazerem-se ouvir, mesmo com todas as tentativas de silenciamento. O que os algoritmos tendenciam para que falemos são discursos que se alinhem à lógica neoliberal, a um ideal de corpo e padrão estético, sem qualquer intersecção de raça ou classe. Enquanto é difícil encontrar páginas de mulheres com escritas posicionadas e questionadoras, encontramos aos montes contas de *influencers* que promovem a realização de cirurgias plásticas sem qualquer reflexão ou orientação para acompanhamento médico, falam sobre os benefícios de ficar em jejum por um quantidade assustadora de dias, se queixam de não conseguirem uma

trabalhadora doméstica a valores inferiores a salários dignos, além do gradual aumento da inserção de *coaches* nessas plataformas a fim de venderem a ideia de uma vida ideal sem grandes esforços. E novamente: se não pagamos pelo produto, o produto somos nós. Liliane Amorim infelizmente pagou o preço e morreu em decorrência de complicações após uma cirurgia de lipoaspiração e ainda foi culpabilizada pelo médico, Benjamin Alencar, que realizou o procedimento, pois não estaria se esforçando na recuperação.<sup>38</sup>

Nosso corpo é mercadoria e sempre foi apropriado por homens: não temos direito sobre ele. Aborto, cirurgia plástica, gordofobia, métodos contraceptivos são só alguns exemplos da falta de direitos que temos sobre o que é nosso. Eles fazem com que odiemos nossos corpos porque simplesmente não conseguem aceitar corpos reais. Quando engravidamos sem desejar, devemos permanecer fadadas a uma maternidade compulsória. Quando partes isoladas de nosso corpo não correspondem a um padrão estético (que está sempre mudando) devemos cortar e mutilar nossa pele, jorrar nosso sangue e nos dopar de diferentes remédios. Quando nos identificamos com o gênero que não o designado biologicamente, o corpo é queimado.<sup>39</sup> Quem vai nos defender, então, se não nós mesmas?

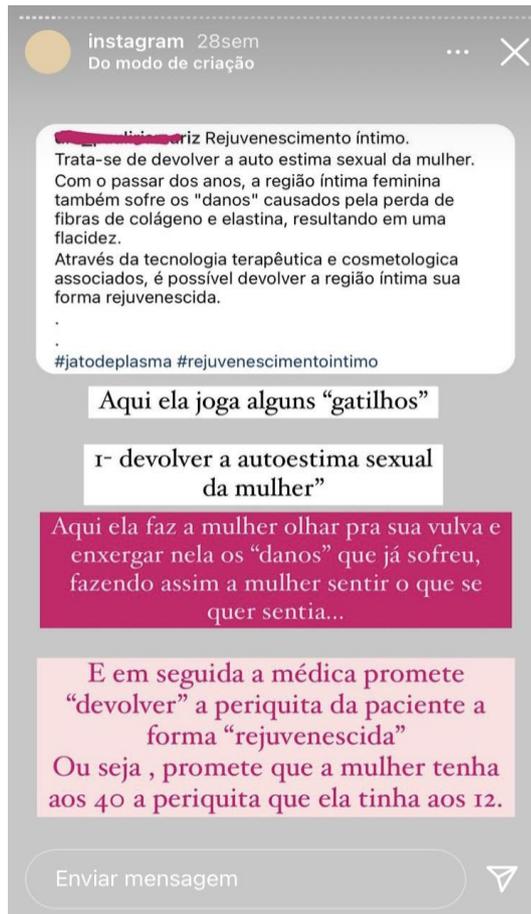
Ainda afetada pelos atravessamentos das cirurgias plásticas e sua enorme repercussão nas redes sociais, gostaria de apresentar mais um *print* de stories de Polly Oliveira, em que ela comenta sobre a cirurgia íntima ou ninfoplastia, um procedimento estético que visa reduzir os lábios vaginais da mulher com o intuito de dar uma aparência mais “jovial”, que podemos entender explicitamente como uma reprodução até pedófila de como uma vagina deveria parecer.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/25/medico-que-fez-lipo-em-digital-influencer-morta-no-ceara-e-denunciado-por-negligencia.ghtml>>. Acesso em: 15/08/2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/07/12619357-morre-roberta-mulher-trans-que-teve-40-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.html>>. Acesso em: 15/08/2021.

**Figura 10 - Story de @pollyoliveireal**

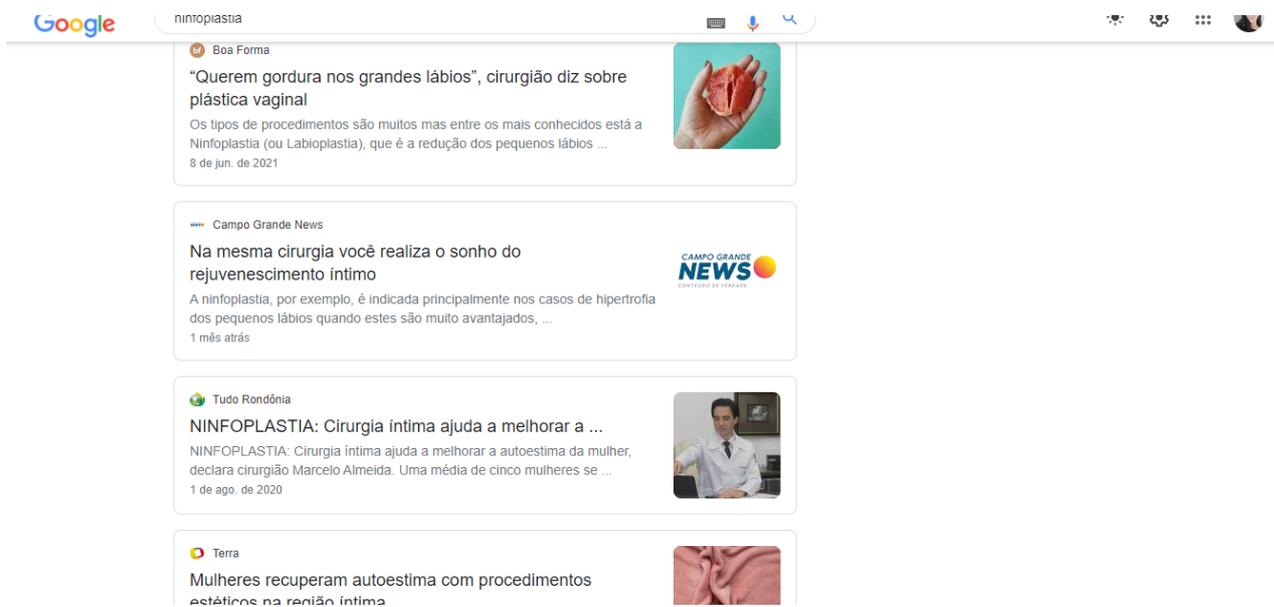


Fonte: *Print screen* tirado na conta de @pollyoliveireal

Descrição: Imagem de fundo branco com *print screen* de um texto explicando os objetivos do procedimento de rejuvenescimento íntimo. Abaixo, uma problematização de Polly acerca da explicação, afirmando haver certo apelo à autoestima da mulher e alusão à pedofilia.

Nos stories seguintes, que prefiro não reproduzir, Polly mostra postagens de um cirurgião falando sobre os "benefícios" dessas cirurgias e depois mostrando, sem qualquer pudor ou censura, pedaços das peles de mulheres que realizaram essas cirurgias. Peles reais, com sangue, das vaginas de mulheres. Essas postagens não foram excluídas pelo *Instagram*. Repito: quem nos defende? Ao procurar no Google se havia alguma notícia ou reportagem que denunciasse esses procedimentos eis o que encontro (ou o que o meu algoritmo me mostra):

Figura 11 - Pesquisa feita pela autora na ferramenta de busca da Google



Fonte: *Print screen* tirado no banco de pesquisa da Google

Descrição: Imagem de fundo branco com a ferramenta de busca da Google escrito 'ninfoplastia'. Abaixo, alguns resultados com matérias e notícias acerca do termo, com alusões à realização de sonho e recuperação da autoestima.

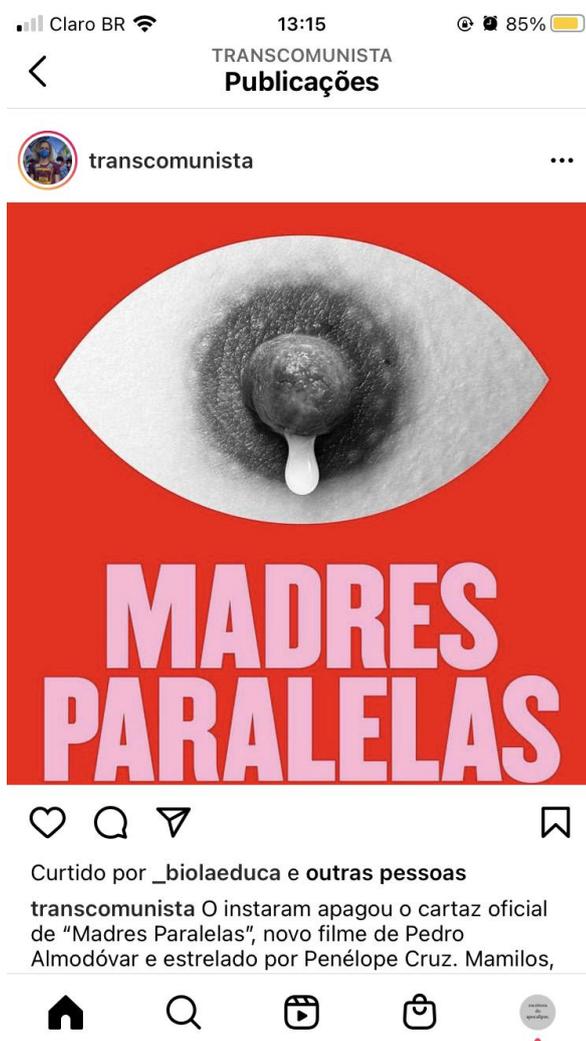
E é dessa forma que os algoritmos começam a nos manipular: se não tem ninguém falando contra, deve ser algo bom, correto. Entramos assim em um ciclo sem fim que já acontecia também fora das redes, de autopunição, autojulgamento, depreciação e sentindo-nos constantemente desajustadas, inapropriadas. Foi percebendo o insistente boicote às suas postagens que Polly criou o que ela chama de #OExperimento. Em uma entrevista<sup>40</sup>, explicou que após ter sua conta excluída por 20 dias, a escritora passou a estudar o *Instagram* e observar como se comportavam as influenciadoras mais conhecidas da plataforma no Brasil e percebeu que todas adotavam uma postura muito parecida sendo patrocinadas inclusive por marcas iguais ou semelhantes. Polly começou então a se utilizar dessas estratégias adotando inclusive palavras-chaves que pareciam gerar mais alcance, falar de produtos milagrosos, enfim, inventar uma vida que não era real. Ela ainda comentou que o dia mais chocante para ela foi quando alterou o seu perfil para masculino e não só seu alcance aumentou consideravelmente como as

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://midianinja.org/marianesantana/o-experimento-e-o-dilema-dos-corpos-nas-redes-entrevista-com-polly-oliveira/>>. Acesso em: 15/08/2021.

propagandas mudaram de assuntos voltados a beleza e estética para temas como empreendedorismo, faculdade, entre outros. Ela reflete que #OExperimento na verdade é só um mecanismo para comprovar a não neutralidade dos algoritmos; por mais contraditório que seja, parece que se aliar a essa lógica é a forma que as Escritoras do Fim do Mundo têm encontrado para de alguma forma serem escutadas.

Enquanto partes mutiladas dos corpos de mulheres aparecem em nosso *feed* sem qualquer aviso, um mamilo (entendido como) feminino já é motivo suficiente para censura nas redes. Lana de Holanda, uma mulher transgênero e negra, importante ativista feminista, antirracista e do movimento LGBTQIA+ escreveu em sua conta, @transcomunista, um pouco sobre isso:

**Figura 12 - Publicação feita pela conta @transcomunista**



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @transcomunista

Descrição: Imagem da conta de @transcomunista com um post do poster do filme *Madres Paralelas*, uma imagem de fundo vermelho, com um mamilo em destaque saindo dele um líquido viscoso e abaixo o título do filme em letras com a cor rosa. Depois, as curtidas da postagem e o início do texto.

*“O Instagram apagou o cartaz oficial de “Madres Paralelas”, novo filme de Pedro Almodóvar e estrelado por Penélope Cruz. Mamilos, quando entendidos como femininos, são sempre polêmicos. Depois da repercussão o Facebook, dono do Instagram, se desculpou por ter apagado a imagem e colocou a culpa no algoritmo.*

*Fico com as palavras do próprio Almodóvar: “o algoritmo nunca terá coração”. E vou além: o algoritmo não é algo abstrato, que nasce num vácuo. Ele é projetado e criado por homens, que carregam seus valores e suas visões de mundo. Portanto, a constante denúncia de certos corpos e certos signos, nas redes sociais, não são frutos dos “algoritmos” apenas, mas sobretudo da cultura que serviu de base para eles.*

*Decidi postar no feed o cartaz porque ele é uma das coisas mais bonitas que já vi em matéria de cinema (como praticamente tudo que Almodóvar faz, na verdade). □ @eldeseo\_” (texto publicado dia 12 de agosto de 2021).<sup>41</sup>*

Como afirma Lana de Holanda, embora seja uma inteligência artificial, os algoritmos são criados por humanos; eles também são constituídos pelas nossas buscas e interesses, então temos sim uma parcela de responsabilização no que estamos consumindo de conteúdo. Ainda em 2020, o CEO do *Instagram* anunciou que o algoritmo seria revisado a fim de garantir um tratamento igualitário à minorias depois de diversos *influencers* negros terem suas postagens removidas no período das manifestações *#BlackLivesMatter*.<sup>42</sup> Nesse mesmo ano, o *Facebook*<sup>43</sup> também passou a se mobilizar para entender o funcionamento dos algoritmos em casos de discurso de ódio, relatando certa dificuldade ainda na detecção desses conteúdos em fotos ou vídeos, como em memes, que possuem imagem e texto que nem sempre têm correlação.

Infelizmente, nem todas as Escritoras têm forças para continuar mediante tantos ataques. Uma das páginas que eu vinha acompanhando era de Lara Dupont, no *Facebook*, uma escritora que procura discutir de forma crítica os efeitos do casamento na vida de uma mulher e o quanto essa lógica de um ideal de amor romântico construído pelo discurso patriarcal torna-se uma armadilha para muitas mulheres entrarem em relacionamentos abusivos. Embora ela não escreva de forma anônima, encontrei poucas fotos de seu rosto, mas aparentemente é possível

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSeq1uZrrQU/>>. Acesso em: 16/08/2021.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-vai-revisar-algoritmo-para-garantir-tratamento-igualitario-a-minorias-166503/>>. Acesso em: 15/08/2021.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://ai.facebook.com/blog/ai-advances-to-better-detect-hate-speech/>>. Acesso em: 15/08/2021.

descrevê-la enquanto mulher branca. Devo dizer, cara leitora, os textos de lara não são fáceis de ler, são reais e viscerais, como um soco no estômago. Porém, tocar em um assunto tão delicado e instituído socialmente pode ser um grande risco e lara sofreu as consequências disso e deletou todas suas contas. Ana, da página Ventre Feminista escreveu sobre:

*“Conseguiram fazer a lara Dupont deletar todas as redes sociais. Não foram homens que fizeram isso. Foram outras mulheres.*

*Não importa se você gosta dos textos dela, se concorda ou discorda, ou mesmo se gosta dela como pessoa. Nenhuma feminista deveria desejar que outra feminista fosse silenciada. Isso não é algo a ser comemorado. O que estamos fazendo umas com as outras?*

*lara é uma escritora! Séria, comprometida com a causa. Trabalhou muito e de graça muitas vezes. E mulheres se uniram para calar sua voz nas redes.*

*Lamentável. Temos muito a aprender.*

*O patriarcado sorri e aplaude.*

*Quem ganha quando uma de nós se cala?<sup>44</sup>” (texto publicado dia 23 de junho de 2021).*

Como aponta Ana, infelizmente muitos dos ataques sofridos por lara vinham de mulheres. Não posso dizer o que faz mais uma do que outra se incomodar com seus textos ou se todas se incomodam pelos mesmos motivos, mas penso que quando determinados discursos começam a nos incomodar profundamente tem algo que precisa ser repensado. E quando repensado, às vezes é necessário mudar. E se necessário mudar, não será fácil. Nos comentários da postagem de Ana é possível encontrar muitas mulheres relatando o quanto lara mudou a forma de pensar delas, que ela fazia muita falta e que tudo o que aconteceu foi muito injusto. Também podemos observar outras mulheres comentando não serem tão fãs delas, a chamando grosseira, delirante, inclusive denunciando supostos comentários elitistas dela. Gostaria de elencar o seguinte comentário:

*“Acho que ela merece também dar uma pausa, ser ataca DIARIAMENTE por inúmeras pessoas te deixa exausta emocionante. Sei do quanto ela é uma profissional responsável e desejo que ela se recupere emocionalmente de todo esse despejo de absurdos que ela vinha juntando dentro dela.*

*Posso não concordar com tudo mas sempre admirei a força e a coragem dela para dizer o que MUITAS não podem e quando dizem, são consideradas loucas*

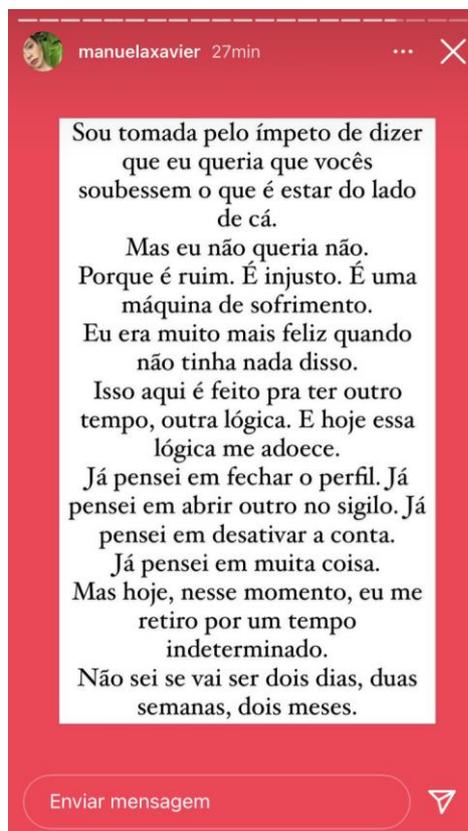
*O mal da mulher de hoje é achar que “todos nossos direitos já foram conquistados e que somos todas loucas/exageradas”*

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/ventrefeminista/posts/2992410811036489>>. Acesso em: 15/08/2021.

O próprio patriarcado faz isso conosco  
Eu me recuso a me curvar para qualquer resquício de patriarcado”.

Figura 13 - Story de @manuelaxavier



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @manuelaxavier

Descrição: Imagem de fundo rosa com texto em fundo branco de Manuela Xavier, o qual faz um desabafo sobre os desafios que enfrenta com seu perfil de Instagram e que pensa em se retirar por tempo indeterminado.

*“A gente vive pra lutar ou luta pra viver?*

*É algo que eu me pergunto muito. É algo que faz eu refletir constantemente sobre minha vida pessoal e sobre a militância no geral. Vendo essa foto tirada pelo @bastosalexandre hoje, novamente pensei sobre isso.*

*A geração de 68, que teve que ir pra rua lutar por democracia, segue indo para a rua para novamente lutar por democracia. A foto é bonita, mas a realidade é cansativa e triste. Luta permanente pela democracia que nunca contemplou a maior parte da população, mas que ainda é mais valiosa do que uma ditadura.*

*Daqui a 30, 40 ou 50 anos eu não quero estar lutando por essa desgraça dessa democracia não, gente. Sinceramente. Não romantizo a luta. Acho um horror a falta de tempo, a falta de lazer, a falta de vida pessoal, a falta de perspectivas que rondam a vida de todas e todos nós, militantes, em diferentes escalas e níveis. E também é um horror como, muitas vezes, isso é normalizado por algumas figuras.*

*Ontem escrevi aqui, no último post, que só a luta muda a vida. E é isso que precisamos mesmo: de mudanças, reais e efetivas, para vidas mais justas, para realidades que contemplem a plena vida de todas e todos.*

*A luta precisa ser uma ferramenta de transformação de vidas. Não um modo permanente de vida.*

*Eu não quero resistir.*

*Eu quero viver*<sup>45</sup>. (post de @transcomunista, 10 de agosto de 2021).

Esses três últimos recortes refletem um pouco sobre o que falei algumas vezes nesta dissertação. Resistir dói. Escrever também. Contar histórias é uma forma de resistir e há sim uma potência nisso, mas não podemos cair em uma lógica que romantize o momento em que vivemos. Sejam honestas: estamos cansadas. Em conversa com amigos com certa frequência falamos sobre o contexto desgastante e triste atualmente (e quando digo atualmente não sei dizer quando esse atual começou) e brincamos que estamos cansados de viver momentos históricos. Uma vez, entre desabafos, perguntei a um deles se algum dia poderíamos respirar em paz (hoje com o COVID-19 até respirar tranquilamente é um desafio), sem precisar lutar tanto pelo que acreditamos. Ele me respondeu que não, provavelmente sempre teremos pelo que lutar e depois citou aquela frase clichê do Galeano sobre utopia e horizonte.

Mas sabe, cara leitora, às vezes podemos respirar um pouco e sentir que “o dever foi cumprido”. Tive essa sensação quando o caso de violência doméstica<sup>46</sup> do DJ Ivis contra sua ex-companheira, Pamella Holanda tomou grande repercussão nas redes sociais. Acredito que praticamente toda semana acontece uma denúncia de um artista conhecido como autor de alguma violência; geralmente as pessoas que sofrem a violência trazem relatos, fotos de agressões, *prints* de mensagens e a notícia toma repercussão por um tempo até ser deixada de lado. Nesse caso, observamos um movimento diferente: Pamella postou vídeos das agressões que foram capturadas na casa em que eles moravam e não há dúvida da gravidade da situação (pois geralmente é isso que ocorre: a denúncia é colocada em dúvida). Com isso, os usuários das redes sociais se mobilizaram de tal forma que o agressor perdeu seus contratos e suas músicas pararam de ser veiculadas.<sup>47</sup> É somente assim que percebemos que as denúncias parecem ter efeito: quando os agressores sofrem danos significativos em sua vida financeira.

---

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSZVoDirErK/>>. Acesso em: 16/08/2021.

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/08/16/dj-ivis-vira-reu-na-justica-por-agressoes-contra-ex-mulher-pamella-holanda.ghtml>>. Acesso em: 16/08/2021.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/07/13/spotify-exclui-todas-as-musicas-com-dj-ivis-de-suas-playlists-apos-agressao-a-ex-mulher.ghtml>>. Acesso em: 16/08/2021.

Também é interessante observar quando mulheres que produzem um conteúdo engajado politicamente ganham uma merecida repercussão. Observei isso com Amanda Soares (@arteamare), que se denomina em sua bio como uma escritora com deficiência, professora, influencer, pesquisadora, modelo e palestrante, quando teve sua conta acessada por milhares de pessoas após o @midianinja, página do Instagram com grande alcance, publicar um texto seu. Conforme ganhava mais seguidores, Amanda ia reagindo nos stories o quanto estava feliz e emocionada com as pessoas que chegavam. O texto que o Mídia Ninja postou foi esse:

*“Estar não significa pertencer, quando me incluíam eu não me sentia gente, quando eu percebi que tinham arrancado meu direito de dizer quem eu sou e sentir o que eu quero, entendi que nenhuma regra anti-capacitista vai fazer diferença enquanto eu for só o que eles querem: a Amanda vazia de sentido, personalidade e interesses, a Amanda que fala de um corpo que merece fazer parte em silêncio.*

*Eu nunca fui de silêncios, as minhas subjetividades gritam, não é que eu sou mais que a minha deficiência, é que eu sou tudo e ela tá junto, ou seja, ferrou eu não me contento com o espaço inclusivo e acessível, eu quero o espaço humano.*

*O espaço onde eu tenho liberdade de expressão e essa liberdade excede falar da minha deficiência, essa liberdade fala da minha identidade, da minha cultura e do meu nome.*

*Ficarei conhecida por ter lutado pelo amor decolonial dos “monstros”.<sup>48</sup> (texto publicado dia 13 de agosto de 2021).*

---

<sup>48</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CSiLyAOAw\\_4/](https://www.instagram.com/p/CSiLyAOAw_4/)>. Acesso em: 16/08/2021.

Figura 14 - Publicação feita na conta @arteamare



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @arteamare

Descrição: Imagem da conta de @arteamare com uma foto de uma pessoa branca, bem próximo de seu rosto, mostrando seus olhos, uma parte do cabelo de cor castanha, as sobrancelhas e o nariz. Ao centro da foto está escrito “Antes de tirarem meu direito de estar, me tiraram o direito de ser, de sentir, de afetar e ser afetada”. Abaixo, as curtidas da postagem e o início do texto.

*“Eu já estava deitada, prestes a dormir quando abri meu celular, como hábito, para rolar um pouco o feed do Instagram. Esse foi o primeiro texto que apareceu, publicado no Mídia Ninja. Eu gosto quando encontro pessoas com o mesmo nome que o meu, me sinto conectada de alguma forma. Queria ter conhecido a conta de Amanda antes de estar perto de concluir a dissertação, talvez o trabalho tivesse tomado outros rumos. Mas o algoritmo não me apresentou nenhuma das escritoras que falei por aqui; todas eu conheci a partir de indicações. Entrei em sua página e vaguei entre seus textos repletos de afeto e amorosidade, sem perder uma linguagem política. Amanda é uma escritora com deficiência, mas seus textos não são propriamente sobre isso, são sobre amor em uma perspectiva decolonial e anti capacitista. Dizem que o nome Amanda significa “digna de ser amada” e é o tipo de coisa que eu gosto de lembrar às vezes. Me pergunto se Amanda já pensou sobre isso também. Bom, Amanda, seus textos sobre amor e os recentes seguidores mostram bem que esse nome combina muito contigo também”. (diário íntimo de campo, 16/08/2021).*

Ainda na tentativa de buscar possibilidades para que cada vez menos ocorra esse silenciamentos nas páginas de diversas Escritoras, tive o feliz encontro com a

“Guia prática de estratégias e táticas para a segurança digital feminista”<sup>49</sup>, uma cartilha formulada pelo blog “Blogueiras Negras”, o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), o MariaLab e a Universidade Livre Feminista cujo objetivo é de oferecer às mulheres maior autonomia e segurança na internet de forma a apresentar estratégias e táticas que viabilizem a defesa digital para feministas. A cartilha foi elaborada após esses coletivos perceberem o avanço da ofensiva conservadora nos últimos anos que causou uma maior vulnerabilidade de grupos subalternizados a diversos tipos de violências nos espaços que se transitam cotidianamente, seja na rua, no trabalho até em plataformas digitais.

A Guia traz então orientações para se proteger de violências nos espaços digitais, como táticas de defesa, um mosaico de ameaças, como identificar aplicativos seguros entre outras estratégias, mesclando tudo isso com casos reais de mulheres que sofreram violências e silenciamentos em plataformas digitais. Decidi focar minha leitura na parte que a guia fala sobre Redes Sociais, mas recomendo muito a leitura de toda a Guia, pois são informações extremamente importantes. Essa parte divide-se em quatro casos reais: primeiro narrando o caso, depois fornecendo a primeira estratégia que é se questionar “O que vou proteger?” e “De quem vou proteger?”. Depois, propõe-se uma primeira tática de defesa, ou seja, os passos imediatos após a violência e por fim, sugerem mais possibilidades de como virar o jogo diante de cada situação. Vou exemplificar com dois casos da Guia.

O primeiro foi de uma mulher negra, lésbica e gorda que decidiu postar no Facebook uma foto com um texto sobre autoestima e estimulando mulheres a amarem seu corpo. Em menos de 24 horas seu post tinha mais de 4 mil comentários repletos de homens com discursos misóginos, racistas e gordofóbicos. Além disso, mais homens começaram a se organizar em fóruns misóginos e conservadores para seguir a atacando. Por conta de um alto número de denúncias, sua conta foi desativada por quatro dias. Assim, no que se refere ao que a mulher iria proteger, a Guia sugere seus perfis em redes sociais, suas informações pessoais, seu ativismo e seu estado psicológico após esse ataque. Sobre a pergunta de quem ela iria se proteger, seria de pessoas que poderiam seguir a impedindo de lutar por suas causas. Como primeira tática de defesa sugeriu-se procurar se acalmar e verificar as configurações de privacidade da conta. Como estratégias para virar o jogo primeiro

---

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://feminismo.org.br/guia/guia-pratica-seguranca-cfemea.pdf>>. Acesso em: 27/09/2021.

aconselha-se procurar uma rede de apoio para não passar por toda a situação sozinha, depois trocar todas as senhas de suas redes e verificar novamente as configurações de segurança a fim de evitar invasões na conta. Depois, é aconselhado realizar uma denúncia, visto que, mesmo sendo em espaços digitais, ataques de ódio continuam se configurando como crime independentemente de onde sejam manifestos. Por fim, sugere-se avisar quem a pessoa considera importante que saiba para também ampliar a rede de proteção.

O segundo caso é de um coletivo que possuía um grupo no Facebook e por precisar lidar inúmeras vezes com perfis falsos que vazavam informações privadas e atacavam constantemente as membras decidiu-se desativar o grupo e migrar para outra plataforma. Assim desenvolveram um aplicativo a fim de trazer informações, discussões e outros assuntos. Esta é uma situação que ajuda a pensar como organizar articulações e mobilizações em redes sociais. Assim, ao se questionar o *que* vai proteger, a resposta seria essas mobilizações e as pessoas participantes delas bem como suas privacidades. No que se refere a *de quem* se protegerá, responde-se: de possíveis agressores e adversários interessados nas informações pessoais e do coletivo e de empresas que comercializam dados. Ao se questionar o que fazer imediatamente, a Guia sugere uma reflexão se não seria interessante mudar de rede social, fazer um *backup* de todos os conteúdos caso algo seja vazado e guardá-lo e assim pensar para qual espaço migrar com mais segurança. Por fim, aconselha-se procurar por alternativas que auxiliem na organização de coletivos na *internet*, com algumas sugestões de aplicativos muito utilizados por movimentos sociais que garantem maior segurança, privacidade e confiança.

Assim, podemos considerar a Guia como um bom exemplo do que Oliveira, Araújo e Kanashiro (2020) discutem acerca de tecnologia feminista e sua intrínseca relação com autonomia e segurança. Materiais como esse são muito potentes para encontrarmos saídas e acolhimento considerando o quanto os ataques vêm aumentando nas redes sociais. É preciso que nos protejamos umas às outras para, de alguma forma, criarmos espaços seguros para nos manifestarmos.

Em meados de setembro de 2021 Lara Dupont decidiu retornar às redes sociais. A partir de uma postagem, ela se intitula como escritora feminista e reafirma dessa forma o compromisso social e político que possui com as mulheres para quem escreve. Acredito que seu texto sintetiza muito os deslocamentos que as Escritoras

do Fim do Mundo podem fazer. E dessa forma é importante também para eu perceber que esta dissertação é uma consequência do que as escritas feministas em redes sociais podem trazer como efeito. Este trabalho é uma atualização dos processos de resistência de escritas feministas. É uma escrita feminista.

*“Vamos esclarecer uma coisa: eu sou escritora.*

*Sou uma escritora feminista porque estou inserida no contexto político da minha época, talvez se estivéssemos em um mundo justo, eu seria apenas uma escritora.*

*Escrevo desde os doze anos e aos quatorze já escrevia em um jornal de grande circulação e não tinha conhecimento do feminismo.*

*Eu sou escritora. Escrevo sobre histórias de mulheres porque essa é a minha escolha social e política.*

*O meu foco são histórias que alertem as mulheres, acredito na lenda da roda, se todas vamos contando a nossa história, ao final vamos nos dar conta de que é a mesma. É isso.*

*Tenho profunda convicção do que escrevo, falo e penso. Eu escrevo por amor, me envolvo nas histórias, me comovo, participo, tento passar tudo isso em cada linha.*

*Sou escritora. Ponto. Não estou brigando por um lugar de liderança no feminismo, pelo contrário, me dá horror essa réplica de comportamento masculino.*

*Não preciso do apoio de nenhum grupo ou organização, preciso apenas de mulheres que gostem e se envolvam com os meus textos, que são textos, não panfletos.*

*Tenho muito respeito por alguns grupos e suas administradoras, entre eles o QG e o Ventre Feminista, agradeço o carinho e apoio.*

*Quis colocar este print para que todas conheçam parte dos bastidores feministas no Brasil, não existe sororidade, nem apoio, por isso o feminismo no Brasil não sai do lugar. Não conheço as administradoras desse grupo, não sei quem são, mas desejo à elas boa sorte.*

*Eu sou uma escritora que tem o desejo profundo de libertar as mulheres através dos meus textos, das histórias reais que conto. Por casualidade e direcionamento político, meus textos foram se construindo no feminismo e agora, onze anos depois as marcas do meu trabalho aparecem em todos os lugares.*

*Sou grata por isso e conquistei esse espaço pela minha ética, trabalho duro, dez mil crônicas e as mulheres que me apoiam.*

*(...) Meu projeto segue em pé. Quero continuar contando histórias que as mulheres calaram por tanto tempo.*

*É nisso que está meu coração, a minha alma e meu dever.*

*Só quero dar voz a essas histórias. Eu trabalho pelo amor as mulheres e a profunda empatia pela dor de todas.*

*Sou movida pela ansiedade de que todas sejam escutadas, acolhidas e entendam que a sua história importa.*

*Sou movida pelo amor ao meu trabalho, a minha função neste planeta. É isso. O resto, a briga pelo poder, o ego, o protagonismo na luta feminista, a rivalidade, a inveja, isso eu deixo para quem quiser.*

*Eu escrevo por amor.*

*Gratidão a quem abre o coração e me escuta. Gratidão<sup>50</sup> (texto publicado dia 17/09/2021).*

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/lara.D.Dupont/posts/4540457629342204>>. Acesso em 22/09/2021.

## **Tem alguém me ouvindo enquanto grito? estratégias e reflexões possíveis para seguir resistindo...**

*“Hoje é dia sete de setembro. Alguns fazem desta data uma celebração. Dia da Independência. ‘Independência ou morte’ foi o grito necessário de um colonizador para deixarmos de ser considerados apenas um país colonizado. É, mais ou menos. 199 anos depois vivemos um cenário tenso, para dizer o mínimo. Ontem enquanto conversava com algumas pessoas era perceptível o tom de medo do que poderia acontecer hoje. Olho pela janela, está chovendo, aquela chuva chata que talvez ajuda a desmontar possíveis movimentações fascistas. Mas é só por hoje, quando o sol voltar já não sabemos mais. Do outro lado observo há algumas semanas a mobilização que os grupos indígenas têm realizado principalmente em Brasília para denunciar o genocídio que vêm enfrentando com mais força nos últimos tempos, mas que bem sabemos, acontece há mais de 1500 anos. Nesse dia, também costuma acontecer o Grito dos Excluídos, um conjunto de manifestações populares que ocorrem no Brasil desde 1995. Esse ano o tema é ‘Na luta por participação popular, saúde, comida, moradia, trabalho e renda, já!’. Mas, espera aí, esses não deveriam ser direitos humanos fundamentais e condições mínimas para a dignidade de qualquer pessoa? Não mais. Atualmente pagamos 10 reais em óleo de cozinha, 7 na gasolina chegando ao ponto de diversas pessoas precisarem comprar fragmentos de arroz e osso de boi para enfrentar a fome. Essa semana, aqui em Porto Alegre, acompanhei pelas redes sociais que a Casa Mulheres Mirabal teve sua luz cortada mais uma vez. Um espaço que acolhe mulheres vítimas de violência não recebe assistência nem para manter a energia elétrica. Tem alguém ouvindo o grito dessas pessoas? Já não sei mais. Isso é um projeto necropolítico. Muito bem arquitetado. Realmente um dia para pensar nos limites entre independência e morte” (diário íntimo de campo, 07/09/2021).*

**Figura 15 - Publicação feita na conta @midianinja**



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @midianinja

Descrição: Imagem da conta @midianinja, com um print screen de um tweet de Manuela D'avila, o qual escreve sobre a MP que altera o Marco Civil da Internet assinado pela pelo presidente. Abaixo, as curtidas da postagem e uma legenda escrito "Atentado à democracia".

Como se não bastasse todo o cenário caótico, exemplos como o da imagem retratam e confirmam que o governo atual não possui compromisso com a verdade, mas com a disseminação de discursos falaciosos com a finalidade de autopromoção. Enquanto discutimos no capítulo anterior o constante silenciamento de mulheres e outros grupos subalternizados nas redes sociais, aqui percebemos que além ou em conjunto aos algoritmos ainda precisamos ultrapassar as barreiras impostas pelo governo que servem apenas para oprimir, disfarçadas com discursos de liberdade de

expressão. Essa Medida Provisória, segundo reportagem<sup>51</sup>, vale por até 120 dias, a partir da edição proposta pelo presidente estabelece regras para uso e moderação de redes sociais bem como limita a remoção de conteúdos com a justificativa de assegurar aos usuários a liberdade de expressão e ampla defesa ao contraditório nas redes sociais. Nesse sentido, é importante enfatizar que quando abordei de forma crítica a situação dos algoritmos nas redes, de forma alguma acredito que a saída seja compactuar com medidas como essas, pelo contrário, mas que as redes sociais possuam mais fiscalização dos algoritmos para que realmente as publicações que produzam discursos de ódio, preconceito e violência sejam punidas.

Ainda mobilizada e afetada pelos atravessamentos e acontecimentos deste dia sete, pude acompanhar também o início da 2ª Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, acontecendo em Brasília do dia 7 ao dia 11 de setembro de 2021. A divulgação ocorreu com grande força nas redes sociais, sendo algumas das páginas que observei com publicações referentes ao movimento a de @guajajarasonia, @anmigaorg, que é a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade, @katumirim, @genipapos e @celia.xakriaba. A marcha acontece em momento especialmente delicado e triste, visto que só no mês de agosto duas indígenas foram assassinadas<sup>52</sup> sendo uma adolescente kaingang de 14 anos, Daiane Griá Sales e uma criança guarani kaiowá de 11 anos, Raissa da Silva Cabreira. Além disso, a partir da perícia constatou-se que Raissa sofreu estupro foi atirada de um penhasco e investiga-se a hipótese de Daiane também ter sofrido violência sexual, além de seu corpo ter sido encontrado dilacerado.

Essa situação evidencia o que María Lugones (2019) já falava em seu texto acerca do corpo feminino colonizado ser tratado como um pedaço de carne a ser explorado e violentado. Por muito tempo, a branquitude romantizou a multiculturalidade e miscigenação no Brasil e hoje já discutimos que esse processo é fruto de anos de exploração e violação do corpo das mulheres dos povos originários de nosso país. Com essas situações tão recentes, podemos perceber que a colonialidade de gênero não foi superada. Assim, mobilizações como a Marcha das Mulheres Indígenas visam o fortalecimento de redes de enfrentamento à violência

---

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/06/bolsonaro-edita-mp-que-limita-remocao-de-conteudos-nas-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 07/09/2021.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/geral/2021/08/vitimas-de-violencia-crescente-mulheres-indigenas-se-articulam-contr-o-sexismo-e-o-racismo/>>. Acesso em 07/09/2021.

existente e a criação de mais espaços que busquem combater essa realidade. Assim, encontrei dois textos que ilustram um pouco deste contexto. O primeiro de Célia Xakriabá (celia.xakriaba), uma professora ativista do povo Xakriabá e frequentemente utiliza o *Instagram* para postar textos sobre seu povo, a luta indígena e a questão de gênero em intersecção com a sua etnia. Depois, apresento um texto de Katu Mirim (@katumirim), que em sua bio do *Instagram* se descreve como indígena, cria de Abya Yala, rapper, atriz, criadora de conteúdo e fundadora do @indigenaslgbtq. Katu Mirim, em sua página, além de divulgar seu trabalho, por vezes também publica textos voltados à questão indígena, interseccionando também com o movimento LGBTQIA+.

Figura 16 - Publicação feita na conta @celia.xakriaba



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @celia.xakriaba

Descrição: Imagem da conta de @celia.xakriaba com uma foto em fundo vermelho de uma mulher, indígena, agachada em frente a um corpo de uma pessoa com a bandeira do Brasil com manchas vermelhas. Ainda na foto, há uma legenda escrito: Não há independência com genocídio e fascismo em curso”.

*“07 de Setembro quantos corpos indígenas os tiro dos canhões da independência matou? Independência ou golpe? Nós sofremos o primeiro golpe foi desde de 1500. Independência ou morte? Independência e morte e genocídio que nos mata coletivamente. Independência e necropolítica que nos escolhe para matar desde de 1500. Independência, golpe e colonização que insistiu a política de extermínio para matar a nossa língua e reduzir nossos povos que eram mais de 5 milhões de indígenas a 896.917mil indígenas e ainda sim continua reproduzindo fake News da história de quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral. Independência ou morte? Que institui como feriado nacional 07 de setembro, mas esconde e mata a origem da nacionalidade do Brasil. Independência ou morte que canta Hino Nacional com as mãos no peito, mesma mão que aponta o gatilho para os territórios Indígenas. Morte de 8.350 indígenas que foram torturados e mortos na época da ditadura. Independência e morte de nossos rios e de nossos biomas. Independência ou morte que arranca os direitos territoriais dos povos originários dos povos da terra. Independência ou morte? projetos de leis para liberação da exploração, que segue autorizando o passar da boiada para nos matar. Independência do progresso ecocida da exploração dos territórios Indígenas com a mineração, garimpo, do ouro, fomentando trabalho escravo e financiando o genocídio Indígena. Independência ou morte? Independência ou morte? Que independência é essa que mata a democracia. Independência? Quando estão refém do progresso da morte? Independência dos poderosos que mata nosso modo de vida, mas se quer consegue produzir seu próprio alimento? Independência ou dependência? De nós povos Indígenas que sustenta a respiração do mundo. Não existe independência, com Genocídio e fascismo em curso. Lutamos por uma Independência que não bate continência para a ditadura o fáscismo e não reproduza o projeto colonial que segue nos exterminando quando não acerta o tiro em nossos corpos é pelos PLs pela tese do Marco Temporal que tenta negociar o direito ao território. Lutamos por uma independência que não mata. Texto: Célia Xakriabá.”<sup>53</sup> (texto publicado em 07 de setembro de 2021).*

---

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CThEsUNLrS1/>>. Acesso em: 07/09/2021.

Figura 17 - Publicação feita na conta de @katumirim



Fonte: *Print screen* tirado na conta de @katumirim

Descrição: Imagem da conta de @katumirim, a qual mostra uma paisagem com diversas árvores e galhos secos no chão e uma mulher sentada, com as pernas cruzadas, cabelos longos escuros, utilizando um chapéu, óculos escuros, camiseta cinza com detalhes em vermelho.

**“VOCÊ DECOLONIZA DE VERDADE OU SÓ USA A CAMISETA?”**

*A descolonização se tornou uma palavra muito falada e virou até mesmo lindas estampas de camisetas.*

*Observo pessoas falando sobre descolonizar isso, pessoas com falas didáticas, vozes bonitas e atitudes totalmente na contramão.*

*Devido a esse grande número de hipocrisia crescente eu decidi vim aqui falar do meu processo de descolonização, mas antes vamos ser um pouco didática e explicar aqui o que essas palavrinhas significam.*

*Descolonização.*

*Quando um povo consegue recuperar sua independência ocorre o processo de descolonização.*

*Não! Não estamos falando de Dom Pedro e a independência do Brasil (cof cof balela)*

*Segundo o senhor Wikipedia*

*A decolonialidade ou o pensamento decolonial é uma escola de pensamento utilizada essencialmente pelo movimento latino-americano emergente que tem como objetivo libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica.*

*Agora voltemos para a treta.*

*A descolonização para mim é uma cura do pensamento, corpo e espírito. Uma libertação daqueles que ditaram como eu devo ser, sentir, comer, me relacionar, crer e viver.*

*A descolonização precisa VIR PRIMEIRO de DENTRO pra fora e isso em todos os sentidos, corpo, espírito e território.*

*Eu me permito descolonizar quando fico em contato REAL e profundo com a mãe terra. Quando respeito de VERDADE as mulheres, as crianças e os animais, o corpo alheio.*

*Quando prefiro a verdade é a honra do que a mentira.*

*Quando respeito meu corpo assim como respeito a mãe terra.*

*Quando ajudo meus semelhantes, seja eles parentes ou não.*

*Quando lembro de que tudo que faço impacta na vida do outro.*

*A descolonização também não se trata de “santidade” mas sim de pensar e sentir antes de qualquer atitude.*

*A descolonização é um processo mas que deve ser verdadeiro e não um letreiro piscando no quarto de motel.*

*É assim que eu penso e acho que só deve usar a camisa quem realmente está nesse processo.*

*Se não....*

*“Tira essa camisa seu pozer”*

*Katu Mirim”.*<sup>54</sup> (texto publicado em 07/09/2021).

Luta por demarcação de território, genocídio, falta de acesso aos serviços de saúde são algumas das situações vividas e denunciadas pela população indígena no Brasil. Com a pandemia, a situação só se agravou e podemos observar a grande movimentação, o grito por ajuda que esses povos têm convocado a todas e todos nós. Algumas das notícias mais recentes enfatizam o precário acesso à serviços de saúde públicos à população indígena, o maior desmatamento da Amazônia dos últimos dez anos e o Marco Temporal, Projeto de Lei (PL) 490/2007, o qual propõe que somente serão reconhecidas terras indígenas as que estavam sob posse na promulgação da Constituição de 5 de outubro de 1988.<sup>55</sup> Katu Mirim e Célia Zakriabá, nos questionam se realmente estamos nos descolonizando, lutando por independência. Diante de um governo como o atual é preciso colocar essas questões em debate.

A partir disso, começamos a nos encaminhar para reverberações finais de um texto sem-fim. Sem-fim, pois ele tende a continuar, de alguma forma, com todos os problemas sinalizados neste trabalho em forma de questionamento. Como pensar em sustentar possíveis resistências diante do cenário em que nos encontramos? De que forma as escritas feministas me levaram a desenhar essas considerações

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CTVarghPPwi/>>. Acesso em: 07/09/2021.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2021/07/cientistas-denunciam-genocidio-indigena-devastacao-amazonia-maior-em-10-anos/>>. Acesso em: 26/09/2021.

próximas? A ética cartográfica tem desses desafios - abrir mais e mais possibilidades para habitar. Procurei habitar, nem que seja por um instante, as questões que se apresentaram nas páginas que escrevi: silenciamento, governamentalidade algorítmica, interseccionalidade, decolonialidade, necropolítica, branquitude e tantos outros temas que poderiam ter sido abordados, tantas outras Escritoras que poderiam ser citadas, mas há um momento que precisamos parar e pensar sobre tudo isso. Vivemos um cenário em colapso: pandemia, mortes, distanciamento, censura, negacionismo, entre outros. O que parece o Fim do Mundo, como falo nas primeiras páginas, é também uma sinalização de que precisamos escrever, falar, ouvir, resistir sobre o que tem acontecido. É momento de abirmos espaços para pensar possibilidades-outras e permitir ao/a subalterna/o falar, escrever, se expressar.

Vivemos no Brasil, país latino-americano colonizado e como Geni Nunez (2019), psicóloga, pesquisadora e ativista indígena, feminista e LGBT, bem aponta, a colonização não acabou, apenas se atualizou para o que se intitula hoje como colonialidade. Alguns dos efeitos da colonialidade são a desigualdade social e o apagamento dos povos originários, desde sua história ao genocídio. Assim, a autora afirma que o processo de colonização não incidiu somente no território geográfico, mas no território-corpo desses grupos, isto é, em suas formas de se relacionarem consigo e o mundo ao seu redor. Geni propõe então a descolonização do pensamento e por consequência de nossos corpos de forma a nos implicarmos nas lutas políticas a partir de uma responsabilidade coletiva que vise a erradicação das desigualdades. É preciso que estejamos em constante processo de pensar para além de divisões binárias e revisar tudo que aprendemos institucionalmente como correto, bom, justo. É uma trajetória que pode ser angustiante e desconfortável, mas também de orgulho e pertencimento para assim compormos uma maior maturidade psicossocial na forma como nos relacionamos com o meio.

Na esteira desse pensamento, também penso muito em Haraway (2016b) e o que ela chama de Chthuluceno, inspirada no monstro Cthulhu, um pesadelo misógino e racista criado na ficção científica por H. P. Lovecraft, uma figuração que, ao contrário do monstro do autor, vem para pensar em um trabalho colaborativo multiespécies através do passado, presente e o que está por vir, considerando o planeta em que vivemos atualmente, cheio de refugiados humanos e não-humanos

que encontram-se sem refúgios. Na época, ainda não vivenciávamos a pandemia do Sars-CoV-2, novo coronavírus, mas o trabalho de Haraway (2016b) parece se encontrar perfeitamente com o cenário contemporâneo. A autora já alerta que nenhuma espécie consegue atuar sozinha, ainda mais com todas as mudanças recentes, desde a simplificação de ecossistemas, grandes genocídios, esgotamento de rios e lagos até o esgotamento da maioria das reservas da terra, além de outros fatores que podem gerar repetidamente colapsos devastadores. Ela pede que o Antropoceno, ou seja, a época que em vivemos nos dias de hoje, dominada pelos seres humanos, acabe o quanto antes para assim pensarmos possibilidades outras, como o Chthuluceno, que venham a reconstituir esses refúgios:

*Uma maneira de viver e morrer bem, como seres mortais no Chthuluceno, é unir forças para reconstituir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis.(...) Há tantas perdas já, e haverá muitas mais. Esse renovado florescimento generativo não pode ser criado a partir de mitos de imortalidade ou do fracasso de nos tornarmos parte dos mortos e extintos. O limite que é o Antropoceno/Capitaloceno significa muitas coisas, incluindo o fato de que a imensa destruição irreversível está realmente ocorrendo, não só para os 11 bilhões ou mais de pessoas que vão estar na terra perto do final do século 21, mas também para uma miríade de outros seres (HARAWAY, p.2, 2016b).*

Sob essa ótica, Haraway (2016b) pensa em um slogan para melhor transmitir seu pensamento: “Faça Parentes, não Bebês!”. Com isso, ela pretende pensar em parentes para além da genealogia ou ancestralidade, ao considerar que todos os terráqueos compartilham de uma “carne” comum semiótica ou genealogicamente. É uma possibilidade de ampliarmos nossas narrativas e pensamentos adquirindo assim uma responsabilidade coletiva diante do que acontece em nosso planeta. Tendo a pensar que é a partir dessa responsabilidade coletiva que podemos encontrar estratégias para conviver em sociedade atualmente. Conviver com outras espécies de modo a formar parentescos é também permanecer com os problemas que nos cercam sem necessariamente resolvê-los, mas gerando deslocamentos.

Ainda, esses deslocamentos também acontecem a partir do narrar e contar histórias, que é algo que não só Haraway como também tantas autoras como Ursula Le Guin, bell hooks e até Chimamanda Adichie, muito enfatizam. E as redes sociais, como bem observamos podem ser um importante espaço para transmitirmos e habitarmos essas histórias, afinal, também são uma forma de fazer parentescos,

entre o humano e o não-humano, visto que Haraway (2008) também considera as diversas tecnologias como espécies companheiras as quais precisamos nos aliar e não enxergar como potenciais inimigos. Retomo Grada Kilomba (2019): escrever é ato político e descolonial, onde quer que essa escrita esteja.

### **Considerações finais: é difícil se despedir de um texto.**

Querida leitora, não sei me despedir dos textos que escrevo. Fazer um fechamento, trazer conclusões me geram certas angústias. Quanto mais me aproximava do final, mais páginas adicionava, mais sentia que precisava aprofundar alguns capítulos. Mas aqui estou, aqui estamos. Caminhamos juntas nessa jornada acompanhadas também das Escritoras do Fim do Mundo. E que Mundo é esse que habitamos em 2021? Um Planeta Terra danificado. Com a pandemia do COVID-19 fomos convocadas e convocados a ressignificar a convivência entre si e com as espécies companheiras, sejam elas as tecnologias, os animais e até o próprio vírus. A partir das redes sociais, pudemos encontrar um espaço de acolhimento, mas também de silenciamento. Bom, para problemas complexos, não devemos pensar em soluções fáceis, mas permanecer com esses problemas como bem afirma Donna Haraway (2016a).

Durante a trajetória deste trabalho procurei transmitir uma visão realista do que está acontecendo: as escritas feministas têm suas potências bem como seus silenciamentos. As armadilhas do neoliberalismo, do patriarcado, do racismo estrutural, do algoritmo e tantas outras variantes são constantes. Narrar as nossas histórias e as histórias de outras é um processo de mão dupla: libertador e doloroso. Revisitar nossas feridas e as injustiças que acometem tantos povos é difícil. Fico feliz e extremamente grata por estar concluindo essa dissertação com a sensação de ter abordado muitos dos temas que me afetaram durante esse trajeto, afinal, cartografia é muito sobre afetos e afetações não é mesmo? Nesse sentido, posso agora retornar à superfície dessas águas que não são mais tão desconhecidas. Ufa! Por vezes, o fôlego me faltou e precisei retomar o ar que me faltava. Certa vez, ouvi alguém dizendo que nossas pesquisas dizem muito sobre nós mesmas, e acredite querida leitora, essa pesquisa tem muito de mim e de todas que ao meu lado se encontram.

O íntimo é político! E dividi com você durante essas páginas muito do que habitava meu íntimo assim como o de muitas Escritoras do Fim do Mundo. A partir de uma escrita posicionada, corporificada e feminista pude formar novas figuras e configurações em camas-de-gato com outras mulheres escritoras: algumas estavam nos livros e artigos científicos que eu lia, outras nas redes sociais que tanto percorri

pelas minhas telas, outras encontrei a partir de conversas sobre a vida e o cenário atual, outras foram amigas e colegas muito queridas que leram meu trabalho assim como li os delas para trocarmos um pouco sobre as histórias de cada uma e outras foram inspirações que passaram e seguem passando por minha vida.

Esta dissertação é uma escrita feminista, cara leitora. Ela é fruto dos atravessamentos de outras escritas feministas que me deparei nos últimos tempos. E necessito dizer: é preciso continuar, pois não vislumbramos tempos melhores, a luta continua, a resistência persiste. Não é plano deles nos escutar, precisamos gritar e se o grito não for suficiente que escrevamos por todos os lugares, junto às espécies companheiras: nas redes sociais, nos muros da rua, nas portas de banheiro, nas receitas de bolo, nos artigos acadêmicos. O fim desse Planeta o qual conhecemos, danificado estruturalmente e dominado por homens é urgente, possibilidades precisam vir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, A. S.; HENNIGEN, I.; FONSECA, T. M. G. Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos. **Psicologia & Sociedade**, 30, 2018.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- ANGELOU, M. [1969]. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Trad. Regiane Winarski. Editora Alto Astral, 2018.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v.8, n.1, p.229-236, 2000.
- ANZALDÚA, G. [1987]. *La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência*. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- ARENDT, R. J. J.; MORAES, M. O. O projeto ético de Donna Haraway: alguns efeitos para a pesquisa em psicologia social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 1., p.11-24, 2016.
- BAHRI, D. **Feminismo e/no pós-colonialismo**. Estudos Feministas, v.21, n.2, p.659-688, 2013.
- BALLESTRIN, L. M. A. Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, v.25, n.3, p.1035-1054, 2017.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2015.
- BARROS, T. N. Estamos em marcha! Escrevivendo, agindo e quebrando códigos. In: SILVA, T. (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2020.
- BATTISTELLI, B. M.; CRUZ, L. R. da. Entre cartografia e etnografia: possibilidades de uma pesquisa... In: **VI Jornada de Pesquisa em Psicologia - PSI UNISC: Pesquisa e Tecnologia na Psicologia Atual**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. v. 26, p.329-276, 2006.
- BENJAMIN, R. Retomando nosso fôlego: Estudos de Ciência e Tecnologia, Teoria Racial Crítica e a imaginação carcerária. In: SILVA, T. (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2020.

BUTLER, J. [1998]. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CAMARGO, K. C. **Fios de ouro no abismo: uma cartografia do abuso sexual infantil**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2019.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a Política do Empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 6-17, jun. 2017.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, v. 7, n.2, p. 66-77, 2014.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELL'AGLIO, D. D.; MACHADO, P. S. Feminismo e o anarquismo pelas bordas: a resistência enquanto ação política. **Conversas & Controvérsias**, v. 5, n. 1, p. 44-56, 2018.

DESPRET, V. ; STENGERS, I. **Les faiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à la pensée**. Paris: La Découverte / LesEmpêcheurs de Penser en Rond, 2011.

DINIZ, D. Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S. R. de; ZANELLO, V. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014.

DONELA, D.; ALMEIDA, V. A. F. O que é a governança de algoritmos? In: BRUNO, F. (Org.) **Tecnopolíticas da vigilância : perspectivas da margem**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, M. **Querem nos Calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta, 2019.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma (escre)vivência de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B.; SCHNEIDER, L. (Orgs.). **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: Ideia Ed. Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1988.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v.2, p. 223-244, 1984.

GRYSHECK, C. Diário íntimo: fragmento, memória e política. In: MARIM, C. I.; RIBAS, C. T. (Orgs.). **Narrativas Situadas: Costuras Epistemológicas Afetivas Feministas**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020.

GUALBERTO, A. C. F. **Processos de subjetivação na prosa ficcional de Hilda Hilst**: uma escrita de nós. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p. 07-41, 1995.

\_\_\_\_\_. **ModestWitness@Second\_Millennium.FemaleMan@\_Meets\_OncoMouse™**: Feminism and Technoscience. Abingdon: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. **When Species meet**. London: University Minesotta Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Staying with the trouble: making kin in the chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016a.

\_\_\_\_\_. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade [Online]**, Campinas, ano 3, n. 5, 2016b.

\_\_\_\_\_. [1985]. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HARDING, S. [1993]. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

hooks, b. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, p. 857-864, set/dez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: Diário de uma Favelada**. São Paulo: Ática, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GUIN, U. K. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: **The Ecocriticism reader. Landmarks in literary ecology**. Edited by Cheryll Glotfelty e Harold Fromm. Athens, Georgia, London: The University of Georgia Press, 1996.

- LEVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LIMA, A. R. S. Educação engajada: por uma escrita libertadora feminista. **Revista Cocar**, v.14, n..30, set./dez., 2020
- LIMA, D. C. Interseccionalidade e ciberativismo: raça, gênero e TIC'S. In: **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico] & 13º Mundos de Mulheres**. Florianópolis: UFSC, 2017.
- LORDE, A. [1980]. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LUGONES, M. [2010]. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**, v.15, n.1, 2003:
- NUNEZ, G. Descolonização do pensamento psicológico. **Revista Plural**, n. 2, 2019.
- OLIVEIRA, D. P. de; ARAÚJO, D. C. de. & KANASHIRO, M. M. Tecnologias, infraestruturas e redes feministas: potências no processo de ruptura com o legado colonial e androcêntrico. **Cadernos Pagu**, n. 59, 2020.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal (Rev. Psicol.)**, v. 25, n. 2, p. 391-414, 2013.
- \_\_\_\_\_. ; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. Apresentação. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2015.
- \_\_\_\_\_. ; BARROS, R. B. de. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2015.
- PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta, 2019.
- PLANT, S. On the Matrix: Cyberfeminist Simulations. In: SHIELDS, R. (Ed.). **Cultures of Internet: Virtual Spaces, Real Histories, Living Bodies**. London: Sage, 1996.
- PRECIADO, P. B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, v.19, n. 1, jan/abr. 2011.

RICH, A. Notas para uma política da localização. In: MACEDO, A. G. (Org), **Gênero, identidade e desejo**: Antologia crítica do feminismo contemporâneo. Lisboa: Edições Cotovia, 15-35, 2002.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANCHO, G. R. Multidões conectadas e movimentos sociais: dos zapatistas e do hacktivismismo à tomada das ruas e das redes In: BRUNO, F. (Org.) **Tecnopolíticas da vigilância** : perspectivas da margem. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, T. (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: Olhares afrodiáspóricos. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2020.

SILVEIRA, M.; CONTI, J. Ciência no feminino: do que é feita nossa escrita? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 1., p.53-68, 2016.

SPIVAK, G. C. **The Spivak Reader**. Edited by Donna Landry & Gerald MacLean. New York: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TIMETO, F. Por uma teoria do ciberfeminismo hoje: da utopia tecnocientífica à crítica situada do ciberespaço. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 24, n. 40, p. 1 -27, 2019.

WITTIG, M. [1980]. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.